

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**PATRIK APARECIDO VEZALI**

**A DÊIXIS NA INTERAÇÃO  
ENTRE AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS:  
CONJUGAÇÃO INDICIAL FALA/GESTO**

**Tese de Doutorado apresentada ao  
Instituto de Estudos da Linguagem –  
IEL, da UNICAMP, para a obtenção  
do Título de Doutor em Linguística.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edwiges Maria Morato**

Este exemplar é a redação final da  
tese / dissertação e aprovado pela  
Comissão Julgadora em:

27, 11 2011

*Edwiges Maria Morato*

**CAMPINAS, 2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
CRISLLENE QUEIROZ CUSTÓDIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

V649d           Vezali, Patrik, 1979-  
                  A dêixis na interação entre afásicos e não afásicos :  
                  conjugação indicial fala/gesto / Patrik Aparecido Vezali. --  
                  Campinas, SP : [s.n.], 2011.

                  Orientador : Edwiges Maria Morato.  
                  Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
                  Instituto de Estudos da Linguagem.

                  1. Referenciação (Linguística). 2. Afasia. 3. Gestos. 4.  
                  Multimodalidade. 5. Interação social I. Morato, Edwiges  
                  Maria, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas.  
                  Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** The dêixis in the interaction with aphasics and non-aphasics: indexical conjugation spoken/gesture.

**Palavras-chave em inglês:**

Referentiation (Linguistics)

Aphasia

Gesture

Multimodality

Social interaction

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Doutor em Linguística.

**Banca examinadora:**

Edwiges Maria Morato [Orientador]

Ingedore Grünfeld Villaça Koch

Ana Lucia Tubero

Rosane Maria Alencar da Silva

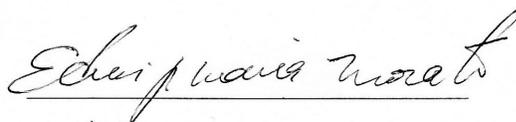
José Amâncio Tonezzi Rodrigues Pereira

**Data da defesa:** 26-08-2011.

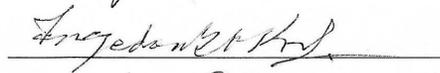
**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

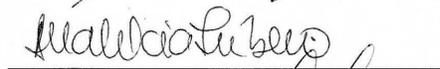
Edwiges Maria Morato



Ingedore Grunfeld Villaça Koch



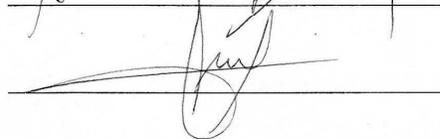
Ana Lucia Tubero



Rosane Maria Alencar da Silva



José Amâncio Tonezzi Rodrigues Pereira



Margareth de Souza Freitas Thomopoulos

---

Paulo Eduardo Ramos

---

Anna Christina Bentes da Silva

---

IEL/UNICAMP  
2011



Dedico esta Tese:

aos meus pais  
José (Zito) e Terezinha Sônia  
logos de minha vida;

ao companheiro de todo sempre  
Flávio Rabelo  
pelo amor incondicional e  
por termos aprendido a caminhar juntos;

e à memória de minha avó materna  
Tereza Rosa  
que morreu ano passado sem ter  
aprendido a ler e a escrever,  
exemplo de vida e dedicação  
ao ser humano.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço pela ajuda de todos os amigos, colegas e familiares que estiveram presentes direta ou indiretamente na elaboração deste trabalho.

Agradeço pela ocasião da qualificação e pelas sugestões: Ingedore Koch e Ana Lucia Tubero.

Agradeço a presença de minha orientadora Edwiges Morato, pela força, pelo empenho, por tudo!

Agradeço, também, Anna Christina Bentes pela orientação e colaboração na qualificação de área.

Agradeço muitíssimo as colaborações de Sueli Marquesi e Paulo Ramos por ocasião da qualificação de área.





Figura 1: faixa de pedestre – cidade de São Paulo – imagem de Flávio Rabelo (arquivo pessoal)

“Os demais, não se sabe, calariam. Ou não fariam gesto algum, o que é sempre uma maneira ainda mais muda de calar.”

Caio Fernando Abreu  
“O mofo”



## RESUMO

Este trabalho é o resultado de anos de pesquisa sobre a questão da significação em geral e da relação entre linguagem, corpo e cognição em específico. Desde a graduação até este doutoramento transitamos entre várias áreas diferentes, por exemplo a Semiótica e a Filosofia da Linguagem; mesmo assim, nosso questionamento principal sempre esteve aliado ao entendimento da constituição sócio-cognitiva de nossa mente e, também, da mútua constituição entre os vários sistemas semiológicos para nossa compreensão/expressão no mundo, mas nunca perdendo nosso ponto de partida: a Linguística. Nesta tese de doutorado, partimos da observação da gestualidade em contextos de produção afásica. Os gestos seriam complementares e/ou compensatórios em casos em que a linguagem encontra-se alterada de alguma maneira? Para analisar essa questão, inscrevemos nossa reflexão com base em dados audiovisuais de interações entre afásicos e não afásicos. A referenciação dêitica será tomada como foco de análise por se constituir, segundo nossas hipóteses iniciais, como o lugar de excelência em que a relação fala e gesto pode manifestar-se plenamente já que os elementos dêiticos precisam da situação de uso para sua significação; isso aciona todo um complexo jogo de mútua constitutividade entre diferentes semiologias. Estabeleceremos nossas bases teóricas sobre as atividades de referenciação dêitica verbais e não verbais, analisando a questão da multimodalidade; bem como aprofundando nossa reflexão sobre o tema desta pesquisa ao analisar trabalhos basilares sobre a relação entre fala e gesto (Kendon, 2004; McNeill, 1992). A observação dos dados e constatação de certos fenômenos de conjugação entre fala e gesto, levaram-nos à elaboração de sistema de transcrição que possibilitasse a alternativa de transcrever o gesto alinhado à fala sem precisar de descrições e, também, para que conseguíssemos visualizar, no dado transcrito, os fenômenos de interesse de nossa análise. Como revelaram nossos dados, não são apenas as entidades gramaticais e lexicais que são acionadas para referenciar, elas são dependentes das condições de emprego e de uso da linguagem – os sentidos associados aos contextos de uso dos dêiticos. Os dados de interações entre afásicos e não afásicos salientam a participação do verbal e do não verbal na construção da referência, seja pela postura no mundo, seja pelo recurso a elementos do contexto, seja pela gestualidade – meios que dão visibilidade às ações referenciais e interativas.



## **ABSTRACT**

This work is the result of years of research on the question of meaning in general and the relationship between language, body and cognition in particular. Since the College through PhD I moved between several different areas, for example Semiotics and the Philosophy of Language; but the main questions has always been allied to the understanding of a socio-cognitive mind, and also the mutual constitution between various semiological systems to our understanding & expression in the world but never losing our starting point: Linguistics. In this PhD, we start the questioning about the gestures in the contexts of aphasic production. Would be the gestures complementary and/or compensatory in cases where the language is changed in any way? We have put our thinking based on data of audiovisual interactions between aphasics and non-aphasics to analyze this question. The deictic referencing is taken as the focus of analysis because they constitute, according to our initial hypothesis, as the place of excellence where this relationship may manifest itself fully as the deictic elements require the use situation for its significance, this triggers a whole multimodal complex set of relationships. We will establish our theoretical basis on the activities of reference deictic verbal and nonverbal, analyzing the issue of multimodality, as well as deepen our reflection on the theme of this research to analyze jobs for our basic conceptualization of the relationship between speech and gesture (Kendon, 2004; McNeill, 1992). The observation data and observation of certain phenomena of conjugation between speech and gesture, they took us to the development of system to allow the alternative of transcript the gesture aligned to the speech without the need to describe and capable to view, in the transcript data, the phenomena of interest to our analysis. As our data show, not just the grammatical and lexical entities that are triggered to refer, they are dependent on the conditions of apply and use of language - the meanings associated with the use of deictic contexts. The data show in the interactions between the aphasics and non-aphasics underlines the involvement of verbal and nonverbal in the construction of reference, either by position in the world, or by appealing to elements of context, whether by gesture - environments that give means to the referential actions and interactions.



## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| 1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA TEÓRICO: FALA E GESTO NAS AFASIAS  | 1   |
| 1.1 Introdução  | 1   |
| 1.2 Corpo e afasia  | 10  |
| 1.3 Formulação e fundamentos das hipóteses de pesquisa  | 20  |
| 2 FALA E GESTO NAS ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO  | 23  |
| 2.1 Práticas referenciais dêiticas  | 23  |
| 2.2 Os dêiticos em práticas interacionais   | 32  |
| 2.3 Gesto, linguagem e afasia   | 36  |
| 2.4 Referenciação dêitica multimodal  | 42  |
| 3 A RELAÇÃO FALA E GESTO  | 55  |
| 3.1 Os estudos sobre a relação entre fala e gesto   | 55  |
| 3.2 Tipologia gestual   | 60  |
| 3.3 A questão da visibilidade dos dados gestuais  | 66  |
| 4 METODOLOGIA, CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E TRANSCRIÇÃO  | 71  |
| 4.1 Aspectos teórico-metodológicos da transcrição   | 71  |
| 4.2 Sobre o sistema de transcrição gestual  | 77  |
| 4.3 Sobre a constituição do <i>corpus</i> e seleção dos dados   | 80  |
| 5 ANÁLISE DE DADOS  | 83  |
| 5.1 Informações sobre a organização das análises  | 83  |
| 5.2 Sintaxe e semântica gestual – semelhanças com a sequencialidade linguística                       | 85  |
| 5.3 Repetição de indicador pessoal para a tomada de turno – opções pela conjugação entre fala e gesto | 88  |
| 5.4 Gestos em tomadas de turno de fala e manutenção do tópico discursivo                              | 90  |
| 5.5 Conjugações indiciais e alvos referenciais  | 94  |
| 6 CONSIDERAÇÕES   | 99  |
| BIBLIOGRAFIA  | 105 |
| ANEXOS  | 113 |



# 1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA TEÓRICO: FALA E GESTO NAS AFIASIAS

## 1.1 Introdução

O objetivo geral desta Tese é traçar uma reflexão de base linguístico-interacional sobre o corpo em contextos de afasia<sup>1</sup>. Nosso enfoque e interesse recaem em uma reflexão sobre o corpo diante da linguagem, na presença da linguagem, como uma semiose associada de maneira direta ou indireta à linguagem e à enunciação linguística.

Assim, nosso pressuposto de pesquisa diz respeito ao tratamento que a gestualidade tem recebido na literatura sobre a afasiologia: geralmente e/ou indiretamente, o gesto é entendido como compensatório ou complementar em casos nos quais a linguagem encontra-se alterada de alguma maneira. A partir dessa premissa, pretendemos analisar a relação fala e gesto em interações entre pessoas afásicas e não afásicas.

Esta tese é composta por seis capítulos: no primeiro, traçaremos o levantamento de nosso problema teórico-metodológico e analisaremos o problema mente/corpo, que está relacionado diretamente à nossa pesquisa, e depois mostraremos as hipóteses que nortearam nossos trabalhos durante estes anos de doutoramento; no segundo capítulo, estabeleceremos nossas bases teóricas sobre as atividades de referenciação dêitica verbais e não verbais, analisando a questão da multimodalidade; no terceiro capítulo, por sua vez, aprofundaremos nossa reflexão sobre o tema desta pesquisa, analisando trabalhos basilares para nossa conceptualização sobre a relação entre fala e gesto em interações entre afásicos e não afásicos; o quarto capítulo é dedicado à descrição e à definição de nossa metodologia de análise dos dados, bem como sobre como se deu a constituição de nosso *corpus* e a explicação sobre o sistema de transcrição elaborado e utilizado para as transcrições de nossos dados; no quinto capítulo, realizaremos a análise de nossos dados por meio dos

---

<sup>1</sup> Podemos definir a afasia como: “(...) uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado com a produção da fala), quanto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentidos), causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVCs), traumatismos crânio-encefálicos (TCEs) ou tumores. A afasia pode e geralmente é acompanhada de alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos, como a hemiplegia (paralisia de um dos lados do corpo), a apraxia (distúrbio de gestualidade), a agnosia (distúrbio do reconhecimento), a anosognosia (falta de consciência do problema por parte do sujeito cérebro-lesado), etc.” (MORATO, 2001b, p. 154).

mecanismos analíticos propostos nos capítulos teóricos anteriores a ele; por fim, no sexto capítulo, traçaremos nossas considerações acerca da pesquisa realizada durante o Doutorado.

A Linguística e áreas afins, nas últimas décadas, têm abordado mais estreitamente essa relação. Diferentes pesquisadores tratam dessa questão de maneiras diversas, propondo conceitos como “sincronia”, “coocorrência”, “complementariedade”, “gesto como facilitador do acesso lexical”, etc. Mesmo que essas abordagens sejam distintas até em relação à postura teórico-metodológica, elas assinalam uma codependência entre as várias semiologias que compõem nossas compreensões e expressões na interação face a face.

Tendo isso em vista, nosso objetivo desdobra-se na teorização sobre a relação entre fala e gesto no contexto das afasias. Para tanto, retomaremos o fenômeno da referenciação dêitica como foco de análise por se constituir, segundo nossas hipóteses iniciais, como o lugar de excelência em que essa relação pode manifestar-se plenamente, já que os elementos dêiticos precisam da situação de uso para sua significação. Isso aciona todo um complexo jogo de relações intersemióticas. Estudar os dêiticos em contextos de instabilidade, postos por quadros de afasia, torna-se oportuno na medida em que pode trazer à tona processos e configurações relacionais que estariam “escondidos” ou “amalgamados” em contextos de produção linguística não afásica.

A referenciação dêitica é capaz de unir três realidades expressivas fundamentais para as argumentações, análises e resultados ensejados com este trabalho: fala, gesto e corpo. Pensando em nossa desconfiança inicial de sistemas em que a relação fala e gesto é positiva, constituída por dois sistemas distintos, quase como uma dualidade, vários movimentos teóricos serão requisitados por mostrarem as relações conceituais sobre essas três realidades da expressão humana.

As expressões dêiticas verbais e não verbais, portanto, são fundamentais para dar relevo a essa relação, mostrando que a gestualidade não é simplesmente “compensação” para alguma lacuna do material linguístico, ou apenas um sistema acessório e/ou suplementar. Goodwin (1995; 2000a, 2000b, 2000c, 2003a, 2003b), por exemplo,

argumenta que a gestualidade em casos de afasia não é simplesmente complementar. Destaca, dentre outras coisas, o caráter referencial constituído na relação língua e gesto.

Expressões dêiticas, contudo, não são constituídas por uma classe fechada de palavras e/ou expressões. Geralmente, elas são classificadas de acordo com seu funcionamento no estabelecimento das coordenadas interacionais, discursivas e enunciativas. Segundo Cavalcante (2003, p. 106):

Constituem expressões referenciais todas as formas de designação de referentes, as quais se diferenciam pelo modo como indicam ao ‘coenunciador’ (...) como o enunciador pretende que ele identifique e interprete o referente. Nessa atividade essencialmente cooperativa (...), os ‘coenunciadores’ dispõem de diversas pistas, em parte convencionadas na própria língua, para reconhecer os diferentes espaços e ‘campos dêiticos’ (...) em que se situam os objetos para os quais construirão uma representação mental de referentes.

Assim, “(...) nem toda expressão referencial é anafórica ou dêitica, e essa verdade, sozinha, já cinde os elementos referenciais em dois grandes blocos: (i) os que introduzem novos referentes no ‘universo do discurso’ (...); e (ii) os que realizam a continuidade referencial de objetos (...)” (CAVALCANTE, 2003, p. 106). Dessa maneira, os elementos que realizam introduções referenciais puras, sem continuidade referencial, são classificados como expressões dêiticas. Segundo a referida autora, eles são agrupados em quatro tipos:

a) dêiticos pessoais (apontam para os próprios interlocutores na situação de comunicação (...)); b) dêiticos temporais (pressupõem o tempo em que se dá o ato comunicativo ou o tempo em que a mensagem é enviada (...)); c) dêiticos espaciais (remetem ao lugar em que se acha o enunciador, ou pressupõem esse local (...)); d) dêiticos memoriais (indicam que o referente tem acesso fácil na memória comum dos interlocutores e incentivam o destinatário a buscar ali a informação de que ele precisa); (CAVALCANTE, 2003, p. 107).

Por definição, os dêiticos estabelecem a ligação entre a linguagem e outros processos corporais, cognitivos e interacionais. Dessa forma, o estudo da dêixis em interações entre pessoas afásicas e não afásicas constitui-se como a base empírica para a realização desta pesquisa de doutoramento.

Dentro do panorama aqui brevemente descrito, nosso objetivo é estudar a corporeidade no contexto das significações constituídas na interação. Para tanto, utilizamos dados audiovisuais de interações entre afásicos e não afásicos para uma análise empírica. Obtivemos esses dados no decorrer das atividades desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no âmbito das reuniões semanais de um dos grupos (coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edwiges Morato) que atuam no referido Centro.

O desenvolvimento do projeto consiste em constituir um *corpus* de dados audiovisuais de interações entre pessoas afásicas e não afásicas; analisá-lo qualitativamente na seleção de transcrições conversacionais; propor conceito teórico que abarque o fenômeno de mútua constitutividade entre fala e gesto, tido como pressuposto desta pesquisa.

Selecionamos as gravações feitas durante o ano de 2004, realizadas com apenas uma câmera que utilizava a antiga gravação VHS. Digitalizamos essas gravações, as quais constituem parte do banco de dados do Grupo COGITES (Cognição, Interação e Significação, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edwiges Morato)<sup>2</sup>, denominado *AphasiAcervus*.

---

<sup>2</sup> "Liderado pela pesquisadora Edwiges Morato, o Grupo de Pesquisa COGITES é consagrado a análises de práticas linguístico-interacionais, em especial as que envolvem sujeitos que apresentam afasia e neurodegenerescência, com foco em determinados processos enunciativos (como atividades referenciais e operações 'meta': metalinguísticas, meta-enunciativas, metadiscursivas, epilinguísticas, etc.) e em processos conversacionais (tais como gestão do tópico discursivo, semioses coocorrentes, dinâmica de turno, atividades de correção, relação oral/escrito, estruturação da interação conversacional, etc.). No campo dos estudos psico e neurolinguísticos, os integrantes do Grupo de Pesquisa também se dedicam à análise crítica da semiologia da linguagem patológica (anomia, automatismo, perseveração, parafasia, etc.) e de questões linguísticas e sócio-cognitivas relacionadas à Doença de Alzheimer. Mais recentemente, o Grupo também se dedica à constituição e tratamento teórico-metodológico de seu acervo de dados, derivado tanto de protocolos de estudos finalisticamente orientados (como os relativos à pesquisa sobre metaforicidade e sobre atividades e processos referenciais), quanto de contextos interacionais ordinários ou naturais variados. A fundamentação teórica na qual se ancoram os estudos do Grupo de Pesquisa pauta-se sobre uma perspectiva interacionista de filiação vygotskyana. Chamada também em linhas gerais de sócio-cognitiva, essa perspectiva incorpora aspectos socioculturais e linguístico-interacionais à compreensão da problemática cognitiva, investindo no domínio empírico com base na hipótese de que nossos processos cognitivos (como memória, atenção,

As particularidades da constituição do *corpus* de pesquisa e das ferramentas analíticas especificaremos em capítulos seguintes.

Antes de iniciarmos a primeira parte deste estudo, é importante ressaltar que nosso interesse em tratar das relações entre linguagem e corpo remonta ao nosso trabalho de mestrado, realizado na UNESP<sup>3</sup> e que tratava dessas relações. Analisamos o trabalho do filósofo francês contemporâneo Maurice Merleau-Ponty. Ao final dessa pesquisa anterior, percebemos a possibilidade de realizar uma análise empírica do fenômeno em destaque, bem como de sua expansão teórica.

Tendo esse trabalho como premissa também, podemos entender o corpo humano por meio de sua expressividade sócio-cognitivamente constituída (Tomasello, 2008). Assim, para subsidiar nossa reflexão, focalizaremos a relação fala-gesto, bem como a linguagem perante outros processos cognitivos.

Buscaremos chamar a atenção para a análise e a compreensão dos casos de alteração da produção e da significação nas afasias, na reflexão e compreensão da corporeidade, e os impactos advindos de alterações na expressividade corporal do afásico, como a exclusão social causada por preconceitos de várias ordens em relação à afasia e ao corpo do afásico, em função de apraxias gestuais ou hemiparesias que não raramente acompanham o *déficit* afásico.

Trataremos, pois, de algumas relações entre linguagem, corpo e afasia. Isso nos leva a afirmar que a noção de corpo assumida nesta Tese vai além da consideração apenas da expressão corporal ou da fala, ou ainda da mera presença semiótica do corpo nas interações e produções de sentido. Não podemos entender o corpo apenas como objeto ou como uma espécie de símbolo. As disposições corporais, nesse sentido, são estabelecidas

---

linguagem, percepção, etc.), situados local e historicamente, se constituem em sociedade e no decurso das interações e práticas discursivas." (Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00798014981QOS>).

<sup>3</sup> O Mestrado, financiado pela CAPES, foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FFC – UNESP – Marília, sob orientação do Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho, Departamento de Ciências Humanas – FAAC – UNESP – Bauru, e coorientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edwiges Maria Morato, do Departamento de Linguística – IEL – UNICAMP. Defesa pública realizada em 05/12/2005, tendo como banca: Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helena Franco Martins – Departamento de Letras da PUC – Rio; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Claudia Broens – Departamento de Filosofia da FFC – UNESP – Marília.

numa complexa rede de relações do *continuum* formado por corpo, cognição, pensamento, linguagem e interação.

O fato é que, para falar do corpo, devemos, antes, dizer de que corpo mesmo é que estamos falando. A complexidade corpórea envolve uma rede de relações de mútua constituição entre elementos que ultrapassam as fronteiras de um corpo entendido em seu sentido natural.

A falta de informação a respeito da afasia e dos sintomas neuropsicológicos e sinais neurológicos a ela associados é enorme ainda nos dias atuais, mesmo que a incidência dela seja alta. Alguns preconceitos ainda interferem em um melhor entendimento da corporeidade afásica tanto no âmbito da saúde, quanto no âmbito social.

Na realidade, são múltiplos e variados os preconceitos. Entre eles, existe aquele de que o tecido cerebral não se regenera, o de que o sujeito afásico não tem chances de recuperar suas capacidades cognitivas e linguísticas anteriores ao acidente cerebral; há também o preconceito social segundo o qual uma vez afásico, o sujeito deve sair de sua vida social, ocupacional. Há ainda: o preconceito legal, a partir do qual o afásico não teria mais capacidade de julgamento e não poderia gerenciar os próprios bens, honrar os compromissos de cidadão; o preconceito trabalhista, segundo o qual o afásico não é mais apto a desenvolver seu trabalho, nem aprender uma nova profissão; o preconceito previdenciário, a partir do qual, uma vez afásico, é sempre melhor a aposentadoria; e o preconceito que se revela também na falta de acompanhamento médico adequado, em razão dos problemas de nosso sistema de saúde pública (cf. Morato *et al.*, 2002, p. 10-11).

Em sua vida cotidiana, o afásico convive sobretudo com o preconceito linguístico: as pessoas, em geral, demonstram desinteresse em manter comunicação com indivíduos afásicos por acreditarem que eles não pensam bem porque não falam bem (cf. Morato *et al.*, 2002, p. 11). Esse tipo de preconceito é visto também em relação às pessoas não afásicas que não dominam a forma padrão da língua ou falam uma variedade linguística desprestigiada socialmente, que mesmo não sendo afásicas já são excluídas. Imaginemos, então, o que sofre o afásico em relação a isso.

Observando a interação entre pessoas afásicas e não afásicas, é possível perceber que esses preconceitos exigem um entendimento mais apurado das complexidades

linguísticas e corporais dos quadros afásicos. Isso também nos leva a considerar quanto a qualidade da interação é importante para a própria emergência das capacidades linguísticas e comunicativas das pessoas em geral.

Nosso problema principal incide sobre a falsa compreensão de que a gestualidade, emergente em contextos de instabilidade linguística impostas por quadros diversos de afasia, seria meramente complementar e/ou compensatória, e não constitutiva dos processos de significação. Tendo isso em vista, nosso intuito geral não é discutir a importância de outros sistemas semiológicos, ainda mais em casos em que a semiologia restritamente linguística não dá conta sozinha da expressão/significação, mas sim analisar mais de perto quais são as relações estabelecidas entre fala e gesto sem os preconceitos e reducionismos ao linguístico que perduraram ao longo do século passado em decorrência, dentre outras coisas, do positivismo lógico, logocêntrico e idealista.

A afirmação anterior encaminha-nos para a reflexão sobre a constituição de nosso corpo em linguagem, nas relações de mútua constitutividade entre os vários sistemas semióticos, entre as várias maneiras de cognição, entre o “eu” e o “outro”, que emergem em e formam uma unidade corporal intersubjetiva.

No contexto atual, a importância do corpo é observada na manutenção de normas e padrões de comportamento estabelecidos pela sociedade<sup>4</sup>. É possível a qualquer sujeito mostrar-se corporalmente saudável, ativo no trabalho e na relação com as outras pessoas, mas já para o sujeito que apresenta alguma enfermidade, alguma deficiência, não existe nem o espaço de expressão.

Para esses sujeitos, é necessário um grande esforço de superação das dificuldades acarretadas pelo estado patológico. O enfrentamento e a convivência com dificuldades práxicas e motoras e com aquelas advindas da postura corporal assumida no momento pós-dano neurológico demandam a influência de um grande conjunto de fatores,

---

<sup>4</sup> Acerca da corporeidade, Le Breton (2003, p. 20), afirma que: “o homem dispõe do mesmo corpo e dos mesmos recursos físicos que o homem do neolítico, do mesmo poder de resistência às vicissitudes de seu meio ambiente. Durante milênios e ainda hoje, em grande parte do mundo, os homens caminharam para ir de um lugar a outro, nadaram, consumiram-se na produção cotidiana dos bens necessários a seu prazer e a sua subsistência. A relação com o mundo era uma relação pelo corpo. Certamente nunca como hoje em nossas sociedades ocidentais os homens utilizaram tão pouco o seu corpo, sua mobilidade, sua resistência. O consumo nervoso (estresse) substituiu o consumo físico”.

dentre eles a postura individual ao mudar atitudes, superar preconceitos, enfrentar as injunções sociais excludentes, além do envolvimento de familiares e pessoas mais próximas (Morato *et al.*, 2002, p. 19). Na realidade, o problema da afasia transcende o corpo próprio do afásico, integra maneiras de comunicação (variadas e novas) com os outros, com o “corpo social”.

Por exemplo, se pensarmos na Neurolinguística em geral, que é o campo de estudo das relações entre cognição, cérebro e linguagem, o ponto central das análises realizadas nessa área é a investigação das patologias cerebrais, na qual se relacionam determinadas estruturas do cérebro com distúrbios ou alterações da produção e/ou compreensão da linguagem. Em outras palavras, podemos considerar que ela tem entre seus objetivos teorizar sobre o processamento da linguagem pelo cérebro. Essa área caracteriza-se como um campo de investigação que se interessa pelas relações entre linguagem e cognição, incluindo aspectos socioculturais, neuropsicológicos, biológicos e, de maneira mais específica, pelos processos cognitivos afeitos à linguagem (cf. Morato, 2001, p. 145).

Assim, seus estudos dizem respeito às relações entre linguagem, cérebro e cognição e acionam relações teórico-metodológicas entre a Neurociência e a Linguística, tendo como principal o seguinte problema: como os complexos processos biológicos, linguísticos e socioculturais constituem essas relações?

Explicações sobre a complexidade do corpo inserido no mundo, a intersubjetividade emergente nas interações, a constatação de que a categorização e a interpretação do mundo – “construção de objetos de discurso” (Marcuschi, 2007; Mondada e Dubois, 2003) – admitem que a língua encontra-se, de algum modo, enraizada no corpo como prática sócio-cognitiva. As teorias da percepção e das relações entre o sensorio e o motor estão sempre indicando a relevância do corpo nos processos de significação e de comunicação.

Em relação às afasias, também somos encaminhados a questionar o fenômeno em que lesões cerebrais acabam causando “lesões sociais” de falta de entendimento por parte do “outro” dos quadros afásicos, isolamento social e familiar, preconceitos em relação ao pensamento atribuído a esses sujeitos, problemas na atribuição de sentido na expressão afásica e exclusão social.

Também podemos encontrar casos em que a gestualidade está comprometida e não atentamos para um quadro de hemiplegia: o sujeito sendo destro e a paralisção ocorrendo do lado direito, mesmo que essa seja uma alteração não linguística, ela influenciará significativamente na expressividade do corpo como um todo, incluindo a linguagem oral e escrita. Nos estudos clínicos da afasia, geralmente a gestualidade é confundida com disfunções na motricidade, tais como hemiplegias, paresias, paralisias e apraxias<sup>5</sup>. Esses movimentos corpóreos são considerados como gestualidade, o que acaba englobando todo e qualquer tipo de movimento articulado, mesmo que ele não seja dotado de conteúdo semântico.

O gesto também é realizado por meio de um movimento do corpo, especialmente da cabeça e dos braços. Entretanto, ele se constitui enquanto semiologia devido a inúmeros fatores, como, por exemplo, articular-se em formas fixas vinculadas a um sentido, exprimir ideias, apresentar estruturação gramatical em línguas de sinais, realizar descrições pantomímicas, etc.

Na interação face a face, as pessoas mexem o corpo continuamente. Muitos desses movimentos são práxicos, tais como pegar uma caneta ou um caderno, tomar notas, passar um objeto solicitado para seu interlocutor, etc. Outros comportamentos não verbais são observados, como as posturas corporais, expressões faciais, movimentos nervosos de membros, etc. Mesmo que essas ações não sejam consideradas gestos comunicativos, elas interferem significativamente na interação.

Kendon (2004, p. 8) argumenta que o termo gesto não é usado para classificar as expressões corporais que tornam visíveis pensamentos ou sentimentos (ações involuntárias), mas sim para definir os movimentos que comunicam. Gesticular, portanto, é uma ação diretamente relacionada à fala que pode manifestar as características de expressividade intencional. Isso inclui muitos movimentos corporais, como apontar um

---

<sup>5</sup> A afasia geralmente é acompanhada de casos de hemiplegia – paralisção dos membros de um dos lados do corpo. O termo paresia é empregado em casos em que o movimento está apenas limitado ou fraco; a mobilidade apresenta apenas um padrão abaixo do normal no que se refere à força muscular, precisão e amplitude do movimento e a resistência muscular localizada. Paralisia é a perda da capacidade de contração muscular voluntária. Os movimentos são impossíveis nessa condição. Apraxia é a alteração na capacidade de realizar tarefas que requerem padrões ou seqüências de movimento.

objeto com o dedo indicador, mexer a cabeça de um lado para outro para expressar negação, etc.

É interessante notar que, mesmo existindo comprometimento de recursos linguístico-cognitivos nos indivíduos afásicos em razão de disfunções ou alterações neurológicas, eles não deixam de produzir gestos e movimentos expressivos e interpretativos. Mesmo assim, poderemos observar que os sujeitos têm muita dificuldade na execução de movimentos práxicos e na gesticulação, em casos de apraxia grave.

Quando analisamos o corpo inserido no mundo, podemos observar, de forma interessante, a organização de várias estruturas e processos cognitivos, como a percepção espaço-temporal (importante para percepção do contexto, dos enquadres interacionais e da presença do próprio interlocutor nas práticas enunciativo-discursivas); como a praxia (observável pelo investimento de sentido no olhar, na expressão facial, na postura corporal, nos gestos); como a observação e o reconhecimento de significações verbais e não verbais implícitas, essenciais para a gestão de regras e padrões comportamentais, socioculturalmente constituídos (cf. Morato, 1997).

## 1.2 Corpo e afasia

Nesta seção, analisaremos mais detidamente a questão da percepção dos mecanismos sensoriais e motores, focalizando o que é chamado de “sensível” – isto é, o que é dado à percepção –, procurando mostrar que a reflexão sobre o corpo ultrapassa o campo linguístico/neurolinguístico e exige, de algum modo, um posicionamento em face do problema filosófico mais amplo da relação mente-corpo<sup>6</sup>. Isso se torna visível quando

---

<sup>6</sup> Koch e Cunha-Lima (2004), ao analisarem as teorias tradicionais sobre a cognição humana, explicam que “(...) a mente e o corpo, nessa perspectiva, são considerados duas naturezas absolutamente distintas. De um lado, tal como proposto por Descartes, temos a *res extensa* (coisa extensa, matéria extensa), a natureza material das coisas mundanas, que ocupam lugar no espaço (daí serem chamadas de extensas), incluindo nosso corpo e tudo que os nossos sentidos podem captar. Em oposição, temos a *res cogitans* (coisa pensante, matéria pensante), substância imaterial, que incluiria a consciência humana e a nossa mente racional. Na *res cogitans*, estariam presentes algumas ideias inatas, como as ideias de formas geométricas ideais (um retângulo perfeito, a esfera perfeita e assim por diante) e a ideia abstrata de número. *Res extensa* e *res cogitans* seriam duas substâncias completamente diferentes entre si, na sua própria essência, de forma que é impossível reduzir uma à outra, ou falar de uma com o vocabulário utilizado para falar da outra. Essa diferença essencial põe claramente um problema: explicar como a substância de uma natureza pode comunicar-se ou agir sobre

pressupomos a imbricação entre sistemas de níveis de complexidade diferentes. Não reduzimos o corpo apenas à praxia e/ou a execução de movimentos ao tratar da gestualidade, nem à execução de processos mentais ou da mente separada de um corpo inserido no mundo sócio-histórico.

Segundo Merleau-Ponty (1971), os atos motores e o mundo sensível são partes totais do mesmo Ser. Essa superposição de dois mapas, um dos projetos motores e outro do mundo, é necessária para não concebermos a visão como uma operação do pensamento, fundamentada numa representação do mundo dada *a priori*. A visão mantém as coisas à sua volta, constituindo-se num prolongamento incrustado no corpo. Por sua vez, a interioridade pressuposta pelas teorias tradicionais não é precedida por nenhum arranjo material:

A animação do corpo não é a reunião, uma contra a outra, de suas partes – nem, aliás, a descida no autômato, de um espírito vindo de outro lugar, o que ainda suporia que o próprio corpo é sem interior e sem ‘si’. Um corpo humano aí está quando, entre vidente e visível, entre tateante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão, faz-se uma espécie de recruzamento, quando se acende a centelha do senciente-sensível, quando esse fogo que não mais cessará de arder pega, até que tal acidente do corpo desfaça aquilo que nenhum acidente teria bastado para fazer... (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 38).

Dessa forma, meu corpo pode incorporar segmentos extraídos de outros corpos. Em relação ao problema do sentido e da significação nos quadros afásicos e não afásicos, somos encaminhados a perceber, em decorrência da análise dos fenômenos linguísticos em interação, que o “dizer”, que a interação e o compartilhamento de cultura e conhecimentos pelas diversas linguagens (inclusive a língua), tomam um sentido a partir do corpo como entrecruzamento de uma inscrição histórico-cultural, que pode ser dada pelo corpo de cada um, como pela particularidade da situação, com uma experiência atual sempre ocorrida no presente. O corpo ontogenético e o corpo sócio-histórico se entrecruzam em uma

---

substância de outra natureza, ou seja, como mente e corpo podem estar relacionados. A mente está, de alguma forma misteriosa, ligada ao corpo, mas difere dele em sua própria substância. A mente é um instrumento seguro ao qual são trazidos testemunhos, não tão confiáveis, da experiência e da percepção.” (p. 258-259).

corporeidade una. Nessa unidade ontológica, o histórico-cultural é requisitado na mesma intensidade que o biológico-cognitivo, e a linguagem é, antes de tudo, ação orientada no mundo por intersubjetividades corpóreas (cf. Vezali, 2005).

O que estamos assumindo aqui é uma concepção de mente corporificada<sup>7</sup>, na qual a cognição pode emergir em nossas ações e em nossas capacidades sensório-motoras como um todo. Esse ponto concebe o corpo e a mente como uma unidade que só é separada ou discretizada por razões analíticas, didáticas (cf. Koch e Cunha-Lima, 2004). A linguagem, nesse quadro explicativo, aparece como centro regulador do corpo inserido no mundo. Em outras palavras, a linguagem é o espaço e o meio pelo qual a ação desenvolve-se, necessariamente, em coordenação com os outros interactantes. Assim:

Se considerarmos que a relação do homem com o mundo não se dá diretamente e deve ser de alguma forma mediada, isto é, interpretada, caberia, então, à linguagem este papel mediador. Entretanto, como a linguagem é configurada não apenas pelo sistema linguístico como também pelo conjunto de condições que o constituem e mobilizam, devemos pensar em diversos fatores que estão em jogo na mediação da língua com o exterior discursivo (como as propriedades biológicas e psíquicas de que somos dotados, as experiências socioculturais, os aspectos ideológicos que orientam nossa ação no mundo, os diferentes contextos linguístico-cognitivos nos quais as significações são produzidas, as regras de ordem pragmática que presidem a utilização da linguagem, a qualidade das interações humanas, etc.). (MORATO, 1997, p. 26).

Os postulados acima, resumidos por Morato (1997), também mostram que tudo isso implica uma mudança significativa na maneira de conceber as relações entre língua e mundo (“exterior discursivo”). Seria muito complicado entender os “conteúdos cognitivos ou domínios de pensamento fora da linguagem, ou possibilidade de linguagem fora de

---

<sup>7</sup> “Muitos autores defendem que a mente é um fenômeno essencialmente corporificado (*embodied*) e que os aspectos motores e perceptuais bem como as formas de raciocínio abstrato são todos de natureza semelhante e profundamente inter-relacionados. Para autores como Varela, Thompson e Rosch (1992), a nossa cognição é o resultado das nossas ações e das nossas capacidades sensório-motoras. Estes autores enfatizam a enação – ou seja, emergência e desenvolvimento dos conceitos nas atividades nas quais os organismos se engajam – como forma pela qual tais organismos fazem sentido do mundo que os rodeia.” (KOCH E CUNHA-LIMA, 2004, p. 275).

processos interativos humanos” (p. 26), uma tese vygotskyana clássica. Com isso, não podemos considerar a corporeidade como um mecanismo fechado sobre si mesmo, ou supor que uma alma agiria de fora, como um motor. Concebemos que o corpo não é um objeto, está conosco e não diante de nós, pode tocar-se tocando, dessa maneira, sendo estrutura pela qual há objetos. O esquema corporal é o nosso corpo que habitamos. Dois corpos, o “eu-outrem”, encontram-se num mesmo corpo fenomenal.

A fala, por seu turno, é integralmente motricidade e cognição. Para atestar sua inerência ao corpo, podemos dizer que as afecções da linguagem não são reduzidas à unidade nem que o distúrbio diz respeito ora ao corpo da palavra, ora à fisionomia, ora ao sentido imediato. É impossível encontrar, em se tratando de processos linguísticos e cognitivos, um distúrbio que seja puramente motor. A análise da fala e da expressão faz-nos reconhecer que a natureza do corpo-próprio é complexa. Não sendo reunião de partículas, nem muito menos entrelaçamento de processos, secreta em si mesma um “sentido” que não pode ser descrito por relações causais.

O estudo das alterações da linguagem por parte da Linguística permaneceu mascarado, por muito tempo, em razão de vários preconceitos. A distinção entre o corpo material, a alma no interior dele e o meio externo como estímulo, da ontologia clássica, teve como efeito desviar os cientistas do estudo linguístico e sócio-cognitivo da afasia. Admitia-se que a percepção era uma ressonância na consciência de uma excitação sensorial; assim, na falta de um estímulo verdadeiro, a alucinação não passava de uma autoexcitação do cérebro (alucinação como percepção fraca):

De outro lado, nessa concepção, o conhecimento de uma língua limitar-se-ia a dispor de certo número de engramas traçados no cérebro; a consciência evocaria a imagem da palavra, e esta, por um processo inverso ao que se supunha na percepção, desencadearia o influxo nervoso que no nível do centro motor daria origem ao ato motor, isto é, à fala. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 63).

Uma neurologia e uma psicologia internalista saíram desse ponto ontológico inicial, mas é impossível reduzir a afasia a um problema relacionado à percepção. Se o

“próprio afásico” está consciente da diferença entre as duas, na hipótese de identidade entre os fenômenos, seria impossível penetrar no sentido do patológico. Assim, há o que compreender nas próprias descrições do afásico, pois elas já são em si interpretações. Trata-se, portanto, de compreender a relação entre a sensório-motricidade e o sensível, observando como a fala própria é apreendida como vinda de outrem. Com isso, somos encaminhados a compreender os movimentos intersubjetivos<sup>8</sup> de nossa cognição:

Assim eu e outro não somos duas substâncias distintas uma da outra. O outro é quem lhe (*sic*) libera de minha própria ambivalência: somos, ele e eu, duas variáveis de um mesmo sistema. Por um mecanismo de projeção eu lhe atribuo qualidades que na realidade são minhas e, inversamente, por introjeção, considero como próprias, qualidades que são suas. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 65).

O problema mente-corpo como entidades separadas ou dicotômicas perdura até hoje, sobretudo depois do surgimento das chamadas “Ciências Cognitivas”, que partem da junção de várias disciplinas tendo como pergunta a natureza da cognição humana. Segundo Oliveira (1999), o cognitivismo clássico assume uma interpretação do homem segundo modelos epistemológicos das ciências naturais para explicar a cognição, o conhecimento, servindo-se, dentre outros expedientes, da metáfora do computador<sup>9</sup>.

No intuito de refletir sobre a expressividade corporal e a intersubjetividade, podemos analisar as alterações ou distúrbios na execução de sequências organizadas de movimentos. Segundo Marmora (2000):

---

<sup>8</sup> O termo "intersubjetivo", fundamental na filosofia merleau-pontyana e analisado por nós em trabalho anterior (cf. Vezali, 2005), pertence, também, a vários domínios (Morato, 2005; Moura, 2001; Tomasello, 1999, 2008; Varela, Thompson e Rosch, 1991).

<sup>9</sup> No décimo primeiro capítulo de seu livro “Da Ciência Cognitiva à Dialética”, em que analisa os métodos da Ciência Cognitiva e o problema da robotização do homem, Oliveira (1999, p. 180) afirma que “os computadores desempenham um papel fundamental na ciência cognitiva, não apenas como uma ideia abstrata, mas também como uma realidade concreta. Sem os computadores, a ciência cognitiva, tal como conhecemos, não existiria. A forma primordial em que se manifesta a centralidade dos computadores na ciência cognitiva corresponde à famosa *metáfora computacional* – a ideia de que a mente humana deve ser pensada como um computador digital deve ser explicada em termos computacionais. Expressa de maneira enfática, a metáfora computacional afirma: ‘A mente humana é um computador.’” Ob.: os itálicos são do próprio texto.

A apraxia é um termo usado para designar um distúrbio ou desordem na realização de gestos dos membros, gestos orais verbais e orais não verbais, sob comando ou imitação, com habilidade preservada na realização desses mesmos movimentos em situações de uso cotidiano. Note-se que o termo *gesto*, acompanhado do argumento – gestos de *membros*, por exemplo – significa mais *movimento*, no sentido de ato motor, do que *gesto*, nos termos desta pesquisa. (p. 35-36).

As habilidades práxicas dos indivíduos afásicos podem manter-se ou reestruturarem-se em usos e práticas cotidianas, embora possam parecer muito comprometidas ao exame diagnóstico, em geral descontextualizado. Esta observação reforça o caráter constitutivo da práxis humana: se o fenômeno da apraxia é mais bem observado e superado em contextos de práticas cotidianas, nos quais o corpo ganha e produz sentido e interactantes desenvolvem solicitações várias e simultâneas (elas ocorrem também na interação do “dia a dia”, na casa, na relação entre amigos, etc.), existe todo um complexo sistema de significações pautado na intersubjetividade, no uso da língua, na significação situada e compartilhada pelos indivíduos.

No mais, ao analisarmos a apraxia em interações cotidianas, podemos observar que o fenômeno não se reduz a um problema relativo à sensorialidade/percepção ou à motricidade corporal, mas sim ao *continuum* sensório-motor aliado às práticas simbólicas/interacionais nas quais se desenvolve a comunicação humana. Por exemplo, os gestos, produzidos por indivíduos com algum tipo de apraxia, podem emergir em situações de uso nas quais não existe comando verbal de um interlocutor, situações que podemos chamar de “modo autopiloto”<sup>10</sup>. Se consideramos essa realização, a apraxia estaria

---

<sup>10</sup> Haselager (2004) a propósito da realização de movimento práxico, denominado nas Ciências Cognitivas como “comportamento”, argumenta que: “em oposição ao behaviorismo, a ciência cognitiva dá ênfase ao processamento interno de informação. A pressuposição da ciência cognitiva tradicional é de que os seres humanos (e os animais em geral) representam estímulos recebidos, criam modelagens do ambiente, consultam suas crenças e desejos, geram planejamentos e depois decidem qual planejamento precisa ser executado, para produzir um comportamento apropriado. Por exemplo, se desejamos tomar café, e se temos a crença que a máquina para fazer café está na cozinha, planejamos ir à cozinha, tomamos uma decisão e depois agimos. Supõe-se que estes procedimentos devem ocorrer de maneira rápida e subconsciente. Então, a pressuposição é que estes processos são muito similares ao pensamento consciente explícito. Em nossa opinião, esta

relacionada a um problema metalinguístico, já que o fenômeno emerge em situações de solicitação verbal. Essa constatação encaminha-nos a considerar a afasia, mesmo que indiretamente, em seu sentido jakobsoniano: alteração ou perda da capacidade de realizar operações metalinguísticas (cf. Jakobson, 1980, p. 47).

Não podemos confundir o *déficit* do movimento<sup>11</sup> em decorrência de paralisia ou fraqueza muscular, ou em virtude de um quadro afásico, seja ele de compreensão dos comandos, seja de produção da fala e/ou escrita, com a disfunção da motricidade<sup>12</sup>, estabelecida numa complexa relação corpórea que ultrapassa o próprio corpo no sentido naturalizante e positivista do termo. Mesmo estando intactas as disposições corporais do indivíduo com apraxia (se pudéssemos excluir da explicação o acidente cerebral em si), ele apresenta dificuldades no planejamento, na organização e na sequencialização de movimentos articulados.

A apraxia, então, está relacionada à produção organizada do movimento (gestos e movimentos práxicos), à fala (gesto articulatório) e às operações metalinguísticas (expressão gestual alterada em situações de solicitação verbal de outra pessoa). Assim, sujeitos apresentam uma apraxia de fala, com as alterações associadas a paralisias ou distonias, quando a disfunção é o próprio movimento de articulação da fala<sup>13</sup>.

A apraxia da fala (alteração na capacidade de programação do posicionamento dos músculos bucofaríngeos) pode ser confundida, em exame menos apurado, com a disartria, que está relacionada a alterações na força motora dos músculos envolvidos na

---

perspectiva conduz a uma distorção profunda do senso comum, porque ela ignora completamente que nos comportamos automaticamente (no modo ‘autopiloto’) em muitas situações (...)” (p. 218-219).

<sup>11</sup> Nesses casos, o movimento está apenas mais fraco (paresias) ou paralisado (paralisias).

<sup>12</sup> Alterações na execução de movimentos organizados ou sequenciais.

<sup>13</sup> Marmora (2005, p. 6-7) mostra que “ao considerar a função práxica em seus primeiros estudos, Luria afirma que para as ações serem realizadas, a primeira condição essencial é a sua aferentação cinestésica, garantia da integridade do sistema de impulsos aferentes cinestésicos que indicam a posição e a sensação do movimento realizado, a partir de informações vindas de receptores localizados no corpo que levam as informações ao cérebro. De acordo com esse pressuposto, Luria (1981) e Christensen (1987) classificam as ações de acordo com sua base perceptiva e motora em: apraxia cinestésica, condição em que existe a incapacidade de movimentos finos como a posição necessária dos membros para realizar ação; apraxia espacial, condição em que a localização espacial do corpo encontra-se alterada; apraxia cinética, condição em que a capacidade em sintetizar elementos motores em uma melodia sucessiva e harmônica se encontra alterada e, por último, apraxia de ações dirigidas a metas, condição em que se encontra alterada a capacidade do indivíduo em planejar e realizar ações mediadas pela linguagem.”

articulação da fala. Na apraxia da fala ocorrem mudanças na execução dos movimentos articulatórios voluntários utilizados na produção dos fonemas.

Assim, as “apraxias bucofaciais” implicam sempre uma afasia de natureza fonética (cf. Freitas, 1997, p. 39-40). Nesse sentido, a apraxia da fala constituiria um problema linguístico. Outro ponto importante para considerarmos é que a apraxia global (chamada de “apraxia de membros”, em alguns casos) também ocorre nos quadros de afasia, remetendo a vários aspectos e processos afeitos à linguagem, como sugere Marmora (2000, p. 36).

Percebemos, também, certa associação entre os problemas de compreensão e/ou produção nos quadros afásicos e o que chamamos de distúrbios cognitivos, como a apraxia e a agnosia (problemas de reconhecimento na ausência de *déficits* sensoriais). Dessa maneira, dificuldades de execução de uma ação organizada podem ser causadas por problemas de compreensão semântica ou de reconhecimento de intenção. A apraxia, assim como a afasia, é circunscrita a um acidente cerebral que não aumentará nem regredirá em relação à lesão em si, mas em relação ao rearranjo como um todo da atividade cerebral. Esse contexto muda, observando-se a expressividade do corpo inserido no mundo, sendo ela linguística ou não, mesmo em casos de presença de hemiplegia e de alterações diversas na linguagem.

As condutas corporais emergem em interações situadas sem perderem sua autonomia, mesmo estando relacionadas, todas elas, à gestualidade. Interligamos a vocalização e a audição, na conversação; a gesticulação e a visão, nos casos de surdez; o tato e a audição, na cegueira. Também todas as inter-relações e mesclas perceptivas são possíveis ao corpo humano mesmo em casos específicos de lesões cerebrais. Trata-se de toda uma complexidade corpórea que ultrapassa os limites de entendimento do corpo humano por um viés mecanicista<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Em trabalho anterior, ao analisarmos a configuração ontológica do corpo, mostramos que “(...) a geração de sentido (significação) tem lugar na espontaneidade corporal e substitui o ‘eu penso’ cartesiano pelo ‘eu posso’ originário. Essa concepção de intencionalidade, fundada no corpo, torna possível (...) estabelecer um contínuo entre a organização física da percepção e sua interpretação simbólica e cultural. O uso do conceito de intencionalidade revisto possibilita a constatação de que conceitos como ‘sentido’ e ‘significado’ são imprecisos, mostrando que a tão desejada transição de um sentido concreto e corporal para o significado linguístico não possa mais ser realizada teoricamente. Assim sendo, as teorias linguísticas que associam a

Analizando tanto teorias que estão mais focadas em certa “exterioridade” corpórea (interacionais, conversacionais, sócio-históricas, sócio-cognitivas) quanto teorias que se interessam pela “interioridade” dos fatos biológicos e estruturais do cérebro, encontramos várias formulações e constatações empíricas que advogam uma unidade corpórea entre fala e gesto. Isso transcende os vários sistemas semiológicos, incluindo a língua, bem como as várias maneiras de cognição, tomando a linguagem também como processo cognitivo. Vários fenômenos linguísticos, não linguísticos, cognitivos e/ou sociais, bem como os movimentos corporais chamados de “involuntários” (movimentos peristálticos, nervosos, sanguíneos, digestivos, etc.) possuem certa “independência” ou distinção fenomenológica; no entanto, eles são dependentes de outros sistemas em suas próprias constituições, que são estabelecidas na interação, na relação com o outro, na mente intersubjetiva<sup>15</sup>.

Discutimos até aqui que fenômenos práticos do corpo na afasia demonstram uma relação de mútua constituição entre corpo e linguagem para a própria significação linguística. Em outras palavras, podemos refletir sobre a mútua constituição entre linguagem e outros sistemas cognitivos para a unidade corpórea, analisando a relação entre fala e gesto. Ao nos depararmos com o estudo da dêixis, constatamos uma sistemática responsável por unir complexidades aparentemente distintas:

A relação com o objeto é crucial, portanto, precisamente porque a referência dêitica é um engajamento social que emerge na prática. As abordagens padrões da referência dêitica tratam o objeto como algo meramente representado ou indicado, ao passo que a grande

---

função constitutiva de sentido a reflexos físicos e meras figuras (representacionalismo simbólico) confundem o sentido não proposicional com o sentido proposicional de ‘perceber’.” (VEZALI, 2005, p. 107).

<sup>15</sup> Em trabalho anterior, comentando a conceptualização merleau-pontyana para o corpo, mostramos que “em primeiro lugar, a filosofia merleau-pontyana postula o conceito de carne (corpo-carne), entendido enquanto capacidade de expressão, que, por ser uma realidade incorporada do mundo, não comporta a noção de processamento simbólico como fundamento da geração de sentido. Em segundo lugar, devido a uma questão fundamental, mente e corpo não são concebidos enquanto entidades (problema mente-corpo observado na ontologia clássica), mas como uma unidade que apresenta constituições de duas durações distintas, uma visível (não totalmente situada) e outra invisível (não totalmente incorporada); dessa maneira, a percepção toma lugar de destaque, já que se torna base de uma razão encarnada na corporeidade. Em terceiro, com a afirmação do mundo da vida (da estreita ligação da ‘carne’ com seu *Umwelt*), consideramos o organismo vivo sendo capaz de comportamento porque se estabelece na interação com o meio pelas possibilidades da intersubjetividade.” (VEZALI, 2005, p. 60).

maioria dos objetos da vida cotidiana são altamente recíprocos. Eles recuperam a intencionalidade da representação ou a retransmitem a um correlato, que, por sua vez, deve retransmiti-la, e assim por diante. Nesta dinâmica, o campo dêitico fornece um espaço de posições e de tomada de posição com relação aos objetos e aos seus valores encaixados no campo social. Explorar o campo dêitico é, portanto, explorar um tipo especial de princípio no interior da fina estrutura da prática comunicativa, um princípio ao mesmo tempo individual e social, cognitivo e corporificado, emergente e durável, linguístico e não linguístico. (HANKS, 2008, p. 270-271).

As considerações do citado autor reforçam nossas premissas sobre a complexidade da referência dêitica e hipótese de mútua constitutividade entre fala e gesto. Entender o processo de produção da dêixis gestual e verbal possibilita a compreensão da significação enquanto processo dinâmico e intersubjetivo, fortemente instaurado nas práticas sociais e delas formador. Assim:

O termo ‘campo social’ (...) é adaptado da sociologia da prática e designa um espaço delimitado de posições e de tomada de posição por meio das quais valores circulam, no interior do qual agentes possuem trajetórias ou carreiras e se engajam em vários *footings* (a saber, competitivos, colaborativos, estratégicos, etc.). Assim, definido, o campo social não é nem radial, nem baseado no discurso (embora o discurso circule na maioria dos campos), existindo, sim cenários interativos incorporados a qualquer campo social. O que é diferente sobre o campo social é seu âmbito (não-local) e a forma como ele é organizado (não-radialmente), o caráter de seus limites (acessos credenciados e limitados opostos aos acessos relativamente abertos dos campos demonstrativos) e os valores que nele circulam (poder e capital econômico e simbólico opostos à produção dos sentidos por meio da indicialidade, da referenciação e da descrição). (HANKS, 2008, p. 187).

Através do exposto até aqui, percebemos que a questão do corpo é abrangente e, de uma maneira ou de outra, ela está presente em várias áreas das Ciências Humanas e da história do pensamento ocidental, principalmente. As convergências teóricas ressaltadas

nesta Tese têm como núcleo o corpo considerado em sua complexidade. Tendo isso em vista, nossas considerações e pressupostos acerca da corporeidade humana tem como base conceitos fundamentais também em outras áreas como a Filosofia, em específico a Fenomenologia. A filosofia merleau-pontyana influenciou vários pesquisadores da Sociologia, da Linguística Cognitiva, da Psicologia, etc., a noção de mente corporificada é um exemplo.

### **1.3 Formulações e fundamentações das hipóteses de pesquisa**

Pela observação da relação entre fala e gesto na interação entre afásicos e não afásicos podemos constatar que “no corpo” os vários e diferentes sistemas semióticos e cognitivos atuam de maneira mutuamente constitutiva e/ou complementar para a expressão e a significação. Essa interação intersemiótica também se observa no contexto de processos decorrentes de algum comprometimento cerebral, como a apraxia e a hemiplegia, geralmente consideradas alterações puramente motoras e/ou sensório-motoras. Essas alterações, funcionalmente relacionadas a variações na gestualidade e/ou nos movimentos musculares, também interferem na expressão e compreensão linguísticas, o que nos remete novamente à ideia de mútua constitutividade entre vários fenômenos para a constituição de nosso corpo.

Por consequência disso, pressupomos que o corpo não é isolado em sua positividade<sup>16</sup> como um objeto no mundo, isolado dos homens e suas circunstâncias socioculturais (Hanks, 2008; Merleau-Ponty, 1971, 1969, 1990, 1999, 2000; Moura, 2001). Também podemos dizer que a percepção do próprio corpo é construída na relação dos indivíduos entre si e com o mundo social para além da percepção “interna” do corpo.

Focando nosso interesse em uma perspectiva sócio-cognitiva da linguagem, estamos mais atentos aqui aos contextos de produção de fala e podemos observar uma estreita relação do corpo e do gesto articulatório (a fala), uma continuidade sensório-motora

---

<sup>16</sup> O termo “positividade” é emprestado da Filosofia e diz respeito, basicamente, a tomar um fenômeno ou um conceito ontologicamente fechado em si mesmo, individualizado. Podemos olhar positivamente algo pelo “olhar de sobrevoos” como colocava Merleau-Ponty em sua obra. Um exemplo clássico seriam as oposições básicas da semiótica como “amor vs. ódio”, “paz vs. guerra”, etc.

no ato verbal e na produção discursiva, envolvendo vários sistemas semiológicos e/ou cognitivos para a expressão e a significação.

Merleau-Ponty (1971) propõe que o problema principal das explicações para a linguagem/pensamento, inclusive sua própria fenomenologia praticada em trabalhos anteriores, está na consideração do signo externo à significação. Por meio de uma extensa reflexão estabelece que, ontologicamente, não é possível separar os elementos perceptivos (aquilo que é dado à percepção) da própria percepção (significação). Assim, tanto a linguagem quanto o corpo compartilham das mesmas habilidades expressivas que emergem em interações, formando esquemas que não possuem “fronteiras” definidas. Dessa maneira, o signo seria interno à significação, relação constituída como dois momentos de um mesmo sistema: o externo e o interno, o sensório e o motor, o signo e a significação, o sujeito e o objeto, a cognição e o inteligível.

Os gestos corporais e as expressões faciais, além da riqueza prosódica, participam dos processos de referenciação das pessoas afásicas e não afásicas, indicando um percurso referencial mutuamente constituído pelo verbal e pelo não verbal. Sobre outro aspecto, é interessante ressaltar que os afásicos, mesmo quando apresentam uma produção verbal bastante comprometida, não deixam de se expressar mesmo que por meio da gestualidade, mostrando que não existe um corte operado entre o corporal e o linguístico no plano ontológico.

É interessante observar que os sujeitos com afasia de produção empregam muitos dêiticos, inclusive gestuais, para expressar o sentido pretendido. Essa constatação indica que a análise dos nossos dados torna-se teoricamente mais frutífera se expandimos a reflexão para além do contexto estritamente linguístico. Assim, a relação entre fala e gesto, processo dinâmico e intersemiótico que sanciona os sentidos no fluxo da enunciação (cf. Salomão, 1999) não se reduz ao percurso interno da língua ou de qualquer outra estrutura.

Portanto, para os objetivos desta pesquisa, nossas hipóteses de trabalho são as seguintes: i - não existe positividade na relação entre fala e gesto; ii - a indicialidade se constitui na própria interação em movimentos corporais, intersubjetivos e situados; iii - não é possível provar, fora do domínio empírico, que o gesto contribui no acesso lexical e *vice-versa*; iv - nas afasias, a gestualidade não é complementar nem compensatória; os mesmos

mecanismos de produção conjugada entre fala e gestos são observados em ambos os contextos (afásicos e não afásicos); v - mesmo que os elementos indiciais (verbais e não verbais) sejam formados por esquemas singulares, ativados na linguagem por meio do conhecimento prévio e partilhado entre os interlocutores, eles possibilitam vários arranjos semânticos<sup>17</sup>; vi - a transcrição dos dados verbais e não verbais depende de nossa postura teórica para que possamos dar visibilidade à ocorrência dos fenômenos e seus sentidos.

A análise de casos de afasia mostra que as interpretações sob a óptica da ontologia clássica ou dos reducionismos biológicos e behavioristas não se aplicam ao corpo em interação. Merleau-Ponty já atentava para o fato dizendo que “a imagem verbal não é um *engrama*, o centro nervoso não é uma *loja de imagens*, ele é um centro encarregado de organizar os movimentos, é somente o lugar de uma função...” (1990, p. 66).

O afásico não é alguém que não fala mais, mas alguém que fala menos ou de outro modo. Lembrando nossas discussões no começo deste capítulo, os processos práticos do corpo humano, por exemplo, atestam a estreita relação entre os movimentos sensoriais (perceptuais) e motores. Observando afásicos em interação, podemos constatar que as alterações na linguagem nunca podem ser reduzidas à lesão cerebral em si.

O corpo e sua sensório-motricidade, estabelecidos pela imbricação de processos cognitivos, práticos, semiológicos, prosódicos, gestuais e linguísticos, pode encontrar vias alternativas de expressão, seja “internamente”, pela plasticidade cerebral, seja “externamente”, pela coconstrução da significação, pelo conhecimento partilhado de mundo e das intenções corporalmente expressas na interação face a face.

---

<sup>17</sup> A propósito de seu estudo sobre a língua iucateque, Hanks (2008, p. 268) mostra que “os objetos também são referidos de forma típica, e isso também faz parte do horizonte do conhecimento prévio. Isso fica bastante evidente pelos termos como eles são *descritos*, mas também se aplica ao modo como eles são *construídos* por meio dos dêiticos. O simples *leti'* é tão comum na referência às esposas que um estranho que escutasse não intencionalmente uma conversa em que o termo fosse usado poderia adivinhar que, salvo contra-argumentos, o referente era a esposa do falante. Da mesma forma, um *té'elo'*, 'lá', simples, passa a ser associado aos lugares de praxe das pessoas, assim como *lelo'* é o dêitico padrão para referências a características do ambiente mutuamente conhecidas. Essas associações são parte não da semântica das formas, mas das práticas nas quais as formas são empregadas. O resultado da combinação destes dois aspectos do horizonte interno é a simplificação da tarefa de referir, pelo fato de tornar os objetos já disponíveis antes mesmo de eles serem selecionados. Evidentemente, o lado ruim desta simplificação é que ela torna mais difícil o controle da referência. A questão, então, não é como os interactantes fazem para limitar a cadeia de referência a um único indivíduo.”

## 2 FALA E GESTO NAS ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO

### 2.1 Práticas referenciais dêiticas

No intuito de aprofundar a reflexão sobre a relação entre fala e gesto, analisaremos a questão da complexidade dos processos referenciais dêiticos emergentes em interações entre afásicos e não afásicos. Pretendemos, com isso, focalizar nossas observações sobre os dêiticos gestuais e verbais, capazes de dissolver distinções profundas entre processos linguísticos e extralinguísticos e de salientar relações solidárias e constitutivas entre eles.

Os dêiticos podem funcionar, dentre outras coisas, como marcadores de uma combinação entre aspectos linguísticos e situacionais. De acordo com Apothéloz (2003, p. 66), “(...) certas expressões linguísticas têm como particularidade que sua interpretação é inteiramente dependente do lugar ou do momento de sua enunciação, ou ainda da pessoa que as enuncia”.

Segundo Ruthrof (2000), a palavra “dêixis” deriva do grego e significa apontar. A concepção tradicional considera como dêixis itens lexicais com informações sobre a posição dos falantes em relação ao mundo e ao dizer. São três tipos: i) dêitico pessoal, que indica os participantes numa situação discursiva; ii) dêitico espacial, que aponta para a posição do falante em relação ao outro e ao mundo (*este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo, aqui, aí e lá*), sendo que também alguns verbos e expressões desempenhariam esse papel dêitico (verbos como *vir* ou *ir*, frases como *deixe-me em paz*, ou *que decepção*) – podemos também pensar em outras ocorrências dêiticas interessantes (*segue toda vida; toma lá, dá cá; que hora tem aí; antes aqui do que acolá; aqui é o meu lugar; é logo ali; vai aqui caminhando reto*); iii) dêixis temporal, que se refere à temporalidade do falante, o tempo de fala em relação ao que é dito e a uma matriz temporal que se refere às situações de discurso (marcadores temporais como *amanhã, em dois anos, neste instante, agora, então ou nunca*).

Segundo Ruthrof (2000), as “restrições linguísticas” desempenhadas pelos dêiticos estão no cerne da caracterização de uma cultura. A maneira de apresentar o mundo,

por meio de uma linguagem ativada por signos não verbais permanece um aspecto importante da comunicação. Por esse fator, o autor considera que os aspectos não verbais dos dêiticos deveriam ser considerados como nível significante de uma análise crítica da cultura.

A significação da dêixis cultural depende fortemente de suas formas implícitas ou ocultas. Portanto, o importante é ressaltar as práticas discursivas, abordando as formas implícitas dos dêiticos numa “abordagem corpórea do sentido”. Seria muito mais persuasivo, então, evocar as leituras não verbais e não somente uma explicação linguística para o fenômeno da dêixis em interação.

Ruthrof (2000, p. 53) reconhece que não se pode obter clareza definitiva na reconstrução de sentidos não verbais que ativam os dêiticos e a referenciação. Propõem, então, três níveis de “opacidade”<sup>18</sup>: i – semiótica, imprecisão resultante de dificuldades de reconstrução da estrutura cultural geral na qual a língua acontece; ii – modal, obscuridade na interpretação da dêixis cultural em suas formas implícitas; iii – proposicional, indeterminação provocada pela ausência de rigor na direcionalidade do léxico, pela metalinguagem e pelo tipo de material não verbal exigido na quebra de ambiguidades do material linguístico.

Os elementos verbais e não verbais são compreendidos como dois sistemas distintos que em certos momentos se relacionam, mas sempre tomados como duas positivities. O gesto, então, estaria vinculado ao sistema linguístico numa relação de dependência. O material linguístico seria “parasitário” da gestualidade. Assim:

Outros signos não verbais entram em cena quando uma cultura ativa crenças e atitudes sedimentadas. O argumento segundo o qual tais leituras são simplesmente adicionais ou suplementares deve ser rejeitado. Por isso, não há uma linha lógica que separaria as condições de sentido não verbais necessárias e suficientes de signos supérfluos. Dependendo das restrições pragmáticas, uma cultura mantém suas redes de significados pequenas ou as elabora a

---

<sup>18</sup> Ruthrof (2000), no quarto capítulo de seu livro “The body in language”, ao analisar a questão da dêixis implícita em uma cultura, constata que a significação dos elementos dêiticos em uma língua depende de sentidos não verbais que ultrapassam o sistema linguístico. Por isso, os sentidos da dêixis são opacos por estarem implícitos socioculturalmente.

vontade. Dêixis, então, não é primordialmente um fenômeno verbal, mas uma restrição não verbal sobre o modo como concebemos as indicações de objetos de pensamento. (RUTHROF, 2000, p. 52)<sup>19</sup>.

A argumentação acima salienta que a separação estabelecida entre o linguístico e o não verbal (incluindo os gestos) deve ser desconstruída. Ao analisar o fenômeno da referência dêitica, o citado autor mostra que os elementos não verbais são fundamentais para a significação, principalmente em situações em que elementos implícitos culturalmente são ativados.

A indicialidade, ao invés de se constituir a partir de certa positividade linguística, é entendida como uma restrição não verbal que controlaria as significações das referências dêiticas. Tendo isso em vista, a significação dos dêiticos extrapola o sistema linguístico. Isso abarca a noção de que o sistema de coordenadas indiciais é constituído pela imbricação de semiologias.

Hanks (2008) propõe que a dêixis apresenta dois níveis de complexidade, sendo um relacionado à estrutura linguística e outro ao uso situado. A estrutura e o uso, ambos por si sós, não constituem totalmente a indicialidade que depende dos dois níveis para a significação e constitui-se como “prática social”. Isso está na própria definição do termo dêixis, como assinala Lahud (1979): o sentido do elemento dêitico não é de responsabilidade somente do material morfológico ou sintático, mesmo que tomemos apenas o sistema linguístico para análise.

O fenômeno da dêixis, presente em todas as línguas (Lahud, 1979), fornece-nos uma base riquíssima para a reflexão sobre a linguagem em várias correntes linguísticas, bem como se constitui num trabalho interessante de entendimento do caráter sócio-cognitivo da linguagem. Constitui-se num campo privilegiado de exploração das relações entre metalinguagem, forma e uso.

---

<sup>19</sup> Tradução nossa para: “Other nonverbal signs come into play when a culture activates sedimented attitudes and beliefs. The argument that such readings are merely additional or supplementary must be rejected. For there, is no logical line which would separate the necessary and sufficient nonverbal conditions of meaning from superfluous signs. Depending on the pragmatic constraints, a culture keeps its meaning-chains short or elaborates them at leisure. Deixis, then, is not primarily a verbal phenomenon but a nonverbal constraint on the manner in which we are to envisage designated objects of thought.” (RUTHROF, 2000, p. 52).

A maneira pela qual construímos linguisticamente nosso mundo depende de nosso alcance não verbal sobre ele. Nesse complexo panorama, a dêixis assume importância devido ao seu caráter ambivalente de ser formadora e ser formada em uso por aspectos linguísticos e extralinguísticos. O fenômeno em questão também engloba a função de restrição não verbal – cerne da caracterização de uma cultura e dos movimentos intersubjetivos presentes na conversação face a face.

Nessa linha de raciocínio, os signos não verbais constituem a estrutura profunda da linguagem e o significado é um evento de associação dos signos não verbais e linguísticos. Assim:

O que é mais importante sobre a indicialidade, para nossos objetivos, é o modo pelo qual variedades referenciais e não referenciais servem para articular a língua, como um sistema geral, com o contexto do enunciado. As categorias dêiticas de qualquer língua, e a combinação dessas categorias em frases, sentenças e enunciados, revelam modelos esquemáticos para o contexto. (HANKS, 2008, p. 182).

A referenciação dêitica, nesse contexto teórico, autorizaria e/ou possibilitaria a organização geral dos enunciados, a continuidade do tópico discursivo, a progressão narrativo/textual, a incorporação de campos demonstrativos em determinados contextos, as funções textuais/conversacionais. Esta discussão acompanha o deslocamento da noção de referência para a noção de referência pautada na noção de construção colaborativa de objetos de discurso<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Para Mondada e Dubois (2003, p. 35), “as instabilidades não são simplesmente um caso de variações individuais que poderiam ser remediadas e estabilizadas por uma aprendizagem convencional de ‘valores de verdade’; elas são ligadas à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivas. É com relação a isto que insistiremos, nesta parte, na referenciação concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso – quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas (...)”. Ao analisar os trabalhos de Mondada e Dubois (1995) (versão em francês), de Goffman (1979) e de Gumperz (1982), Marcuschi (2007) mostra que a referência é “(...) uma questão sócio-cognitiva em que o processo referencial é melhor (*sic*) caracterizado como interativo. A referência poderia ser tida como aquilo que, na atividade discursiva e no enquadre das relações interpessoais, é construído num comum acordo entre os atores sociais envolvidos numa dada tarefa comunicativa.” (p. 105).

Nos processos de referenciação, a atenção conjunta aciona outros sentidos e significações em outros sistemas sensório-motores. Podemos supor que existe certo grau de ancoragem em elementos extralinguísticos. Nesse sentido, o material linguístico desencadearia pistas de contextualização<sup>21</sup> responsáveis por estabelecer, entre outras coisas, os enquadres comunicativos.

Na conversação face a face, o corpo do outro (os gestos, as expressões faciais, os movimentos práxicos, a prosódia) é compreendido com a totalidade expressiva. Assim:

Para cada participante da interação, os gestos corporais do outro (incluindo os enunciados) apresentam a si mesmos como expressões que projetam e que tornam perceptíveis os estados internos de consciência. Na interação, o corpo do outro é primariamente um campo de expressão tomado com sendo significativo, não um mero objeto percebido. (HANKS, 2008, p. 176).

A argumentação do citado autor nos encaminha para a constatação de que o corpo, em sua totalidade, constitui-se como meio de significação, não existindo separação positiva entre fala e gesto. Esse mecanismo intersubjetivo, que não diferencia uma semiologia de outra nem estabelece uma primazia da expressão linguística em detrimento de outras, como a gestualidade, é semelhante ao que observamos, também, nas construções colaborativas de objetos de discurso mais amplas. Essas considerações salientam que a referenciação é estabelecida numa complexa rede de relações em que os sistemas extralinguísticos estariam na base da própria constituição do sistema linguístico.

Esse fenômeno de imbricação semiológica exibida pelo corpo em interação (afásico e não afásico) pode ser vislumbrado em detalhe, analisando a referência dêitica, já que ela estabeleceria, para além de seu apontamento referencial, a união entre o sistema

---

<sup>21</sup> Ao analisarem a questão do contexto, Koch e Cunha-Lima (2004, p. 289) se reportam a Gumperz (1992), que propõe a noção de pistas contextuais (*contextualization cues*), isto é, “pistas fornecidas, por exemplo, pelo uso de determinadas formas linguísticas, de determinado registro, de certas escolhas lexicais, assim como a escolha de determinado gênero textual como fonte importante para estabelecer qual o enquadre relevante para um dado evento focal. Segundo essa concepção, o contexto passa a ser algo parcialmente criado pelos próprios atos de fala, na medida em que estes ajudam, de maneira decisiva, a estabelecer um quadro para a interpretação.”

linguístico e os elementos extralinguísticos convocados no desenrolar das interações. Segundo Ciulla e Silva (2005, p. 2):

Os dêiticos são descritos pela literatura através das seguintes características gerais:

- 1) apresentam uma condição de subjetividade manifestada através do estabelecimento de um vínculo entre os participantes do discurso e a situação enunciativa;
- 2) são indicadores de ostensão, ou seja, indicam os limites do objeto referido no espaço e no tempo de acordo com o posicionamento do sujeito enunciativo no momento do ato comunicativo.

As condições de subjetividade e de ostensão, mesmo que analisadas apenas em manifestações estritamente linguísticas, salientam a extrapolação das semiologias e processos cognitivos. A dêixis verbal aponta para fora do sistema linguístico, para a situação extralinguística ou discursiva (cotexto).

Observemos o exemplo de Ciulla e Silva (2005, p. 3):

(3) A gente acompanha a vida pública do País, e vem observando a queda do nível de nossos homens, a cada eleição. O movimento de 64 é responsável pela decadência política do Brasil, na medida em que cassou mandatos, baniou da vida pública e inibiu a formação de novas e vocacionadas lideranças. A subserviência e bajulação assumiram o lugar da altivez e da decência, que eram apanágio de muitos dos cassados. A orfandade de líderes deixada por **aquele** regime, aliada à fome de poder dos que lhe faziam oposição, está causando muito mal ao País (...).

‘Fui com o carro até o estacionamento e deixei-o **lá**’,<sup>22</sup>.

Os dêiticos “aquele” e “lá” realmente apontam para duas referências. Ambos servem, ao mesmo tempo, à centração indicial endofórica e à exofórica. Esse processo referencial duplo dependerá do grau de atenção dos sujeitos e do conhecimento partilhado

---

<sup>22</sup> Grifos nossos. A segunda frase é de Fillmore (1997, p. 63), *apud* Ciulla e Silva (2005, p. 3).

de mundo e da referência visada. A conjugação com elementos dêiticos gestuais poderá restringir ou extrapolar o pêndulo nos dois apontamentos parcialmente demonstrados pelo uso das expressões demonstrativas. Assim:

Tanto os dêiticos quanto os anafóricos apontam para um elemento ou porção do discurso, isto é, possuem um componente dêitico e, portanto, são elementos fóricos. Entretanto, nem todas essas expressões fóricas são necessariamente dêiticas, ou seja, nem todas mantêm o vínculo com a situação enunciativa, que lhes daria um traço de subjetividade. (Ciulla e Silva, 2005, p. 4).

É interessante notar como os sistemas de coordenadas indiciais organizam-se em um complexo jogo entre estruturas englobantes e englobadas sem limites definidos. A classificação das expressões fóricas em dêiticas ou anafóricas leva em conta a sua vinculação ou não com certa situação enunciativa, dando-lhe seu traço subjetivo característico. O próprio elemento dêitico, portanto, acabaria sendo influenciado por elementos extratextuais. Assim:

Dêitico e pronomes anafóricos são distintos já que a dêixis envolve uma relação direta com um referente (uma relação por vezes descrita também como exofórica, por Halliday e Hasan, 1976), enquanto a anáfora envolve uma relação com uma forma linguística<sup>23</sup>. (LESSER e MILROY, 1996, p. 115-116).

As orientações exofóricas realizadas pelos dêiticos, por sua vez, possibilitam o acionamento do contexto, responsável por realizar a junção de um evento focal e um campo de ação. Outros elementos não verbais são acionados conjuntamente para o reconhecimento dos contextos. Essas pistas de contextualização, segundo Koch (2002, p. 32) são constituídas pelos:

---

<sup>23</sup> Tradução nossa para: “deictic and anaphoric pronouns are distinct in that dêixis involves a direct relationship with a referent (a relationship sometimes described also as exophoric, as by Halliday and Hasan (1976), while anaphora involves a relationship with a linguistic form.” (Lesser e Milroy, 1996, p. 115-116).

(...) sinais verbais e não verbais utilizados por falantes/ouvintes, na interação face a face, para relacionar o que é dito em dado tempo e em dado lugar ao conhecimento adquirido através da experiência, com o objetivo de detectar as pressuposições em que se devem basear para manter o envolvimento conversacional e ter acesso ao sentido pretendido. Entre tais pistas, o autor inclui: prosódia (entonação, acento de intensidade, mudanças de clave); sinais paralinguísticos como pausas, hesitações, sobreposições de turno, tom e volume de voz; escolha do código ou do registro; formas de seleção lexical ou expressões formulaicas. Aqui entram também os gestos, expressões fisionômicas, movimentos de corpo ou dos olhos, que podem significar apoio, oposição, ironia ou sarcasmo, ênfase, aborrecimento, etc.

Os elementos acionados para a significação não são necessariamente linguísticos pelo fato de que a língua é indeterminada – seus sentidos são construídos na interação, situados e dependentes da expressividade corporal em sua totalidade. Nas formulações teóricas que tratam dessa questão, expande-se a consideração de uma referência em específico para a noção de campo.

Por exemplo, ao analisar a referência dêitica, Marcuschi (2007) retoma, de forma semelhante a Hanks (2008, p. 207), o trabalho do alemão Karl Bühler, assinalando que ele distinguia dois campos, um simbólico e outro “mostrativo”, o que Hanks (2008) chama de “campo demonstrativo”. Os elementos dêíticos fariam parte do campo demonstrativo, sendo determinados referencialmente “caso a caso”, nas relações de oposição entre “eu/tu”, “aqui/lá”, “agora/depois”, que serão determinadas referencialmente de acordo com a relação contextos/falantes.

Segundo Marcuschi (2007, p. 76-77), existem três tipos de dêixis:

- (a) *stumme Deixis (Demonstratio ad Oculos)* (a dêixis muda ou o apontar com o dedo, com o olhar ou com gestos sem palavras);
- (b) *Demonstratio ad Aures (Anaphora)* (a demonstração audível ou o apontar com elementos pronominais, adverbiais de lugar, tempo e espaço, etc.);

(c) *Deixis am Phantasma* (anáfora indireta) (um processo referencial indireto e realizado pela imaginação).

Para o referido autor, inspirando-se no trabalho de Bühler, os três modos seriam distintos. Contudo, os níveis podem ser recobertos pelos mesmos elementos linguísticos, mas com características construtivas diversas presentes no campo simbólico. A dêixis, então, não é analisada somente pelo que ela aponta na enunciação, mas também por meio de sua relação com o campo dos símbolos.

Com base no funcionamento da anáfora como co(n)textualidade, o autor sugere que o campo simbólico e o campo dêitico são conectados pelo campo dêitico conceitual, emergente na própria imanência textual, e que podemos chamar de cotexto. Pensando na retomada de uma memória cotextual direta realizada pelos processos anafóricos, a “*deixis am phantasma*” seria uma maneira de tornar presente algum referente que se encontra ausente no momento da enunciação. Segundo Marcuschi (2007, p. 78), “a determinação referencial dos dêiticos e das anáforas é uma atividade situada seja na cotextualidade, no contexto situacional ou num contexto cognitivo. E isso pode ser estendido para o todo da língua.”

Tendo em vista as considerações apresentadas aqui, constatamos que “a dêixis ocupa uma posição central no estudo do contexto porque ela é a forma simples óbvia em que o cenário da produção discursiva é incorporado à própria estrutura da língua” (HANKS 2008, p. 204-205). Ela apresenta dois níveis de complexidade, sendo um relacionado à estrutura linguística e outro ao uso situado, além de ser constituída pela combinação entre as expressões referenciais, as posturas corporais, os direcionamentos de olhar, os movimentos práxicos e a gestualidade.

Hanks (2008, p. 205) afirma que “tais expressões existem em todas as línguas humanas e possuem inúmeras características interessantes que as distinguem de outros recursos comunicativos, igualmente verbais e não verbais”. Segundo Ruthrof (2000), os signos não verbais formam a estrutura profunda da linguagem e o significado é um evento de associação entre os signos não verbais e os linguísticos. Para Marcuschi (2007), os dêiticos seriam determinados referencialmente na relação entre contextos e falantes.

Essas considerações salientam, principalmente, que a referenciação<sup>24</sup>, incluindo a dêitica, é uma ação criativa complexa, realizada intersubjetivamente entre os interactantes na interação.

## 2.2 Os dêiticos em práticas interacionais

Os dêiticos são responsáveis por ligar o enunciado à enunciação, por estabelecer o contexto, por realizar as incorporações de um campo demonstrativo em outro, mas mesmo assim são elementos sem conteúdo descritivo que dependem das situações de emprego para a sua significação e estabelecimento da indicialidade de certa interação. Dessa forma:

A dêixis é o modo singular mais óbvio pelo qual o contexto é incorporado em muitas categorias das línguas humanas. Retomando os termos de Sacks, os dêiticos 'invocam' o cenário, porque eles são indiciais, mas não o 'formulam', porque eles carecem de conteúdo descritivo. (...) Também tem sido comum na literatura sobre o tema distinguir entre elementos de referência indiciais (e. g., dêiticos, pronomes, elementos apresentativos, alguns advérbios de tempo) e indicialidade não referencial ou social (...). Esta última noção poderia incluir fenômenos como o sotaque regional ou outros tipos de sotaques identificáveis, registros estilísticos e honoríficos (...) à medida em que (*sic*) esses traços da língua assinalam aspectos do contexto do enunciado sem se referirem a ele ou sem descrevê-lo. (HANKS, 2008, p. 181).

Os dêiticos verbais, quando considerados isoladamente, são elementos linguísticos esvaziados de sentido por dependerem da situação de emprego e da sua relação com outras semiologias. Podemos considerar, então, que a referenciação dêitica, mesmo se

---

<sup>24</sup> Segundo Mondada (2005, p. 11), “a questão da referência atravessa a filosofia da linguagem e a Linguística, assumindo formas teóricas diferenciadas: para uns, a referência é concebida no interior de um modelo de correspondência entre as palavras do discurso e os objetos do mundo, de modo que a validade das primeiras é avaliada em um quadro vericondicional; para outros, a referência é o resultado de um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre locutores, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos.”

pensada a partir de suas formas estritamente linguísticas, constitui-se como em um sistema de orientação mais amplo. Segundo Hanks (2008, p. 207):

(...) o campo demonstrativo é também baseado em um contexto (inter)subjetivo, entendido em termos de percepção dos falantes, do foco de atenção, da orientação corporal e dos gestos. Deste ponto de vista, a função básica da dêixis em qualquer língua é orientar a atenção subjetiva dos interactantes, que, por sua vez, presume-se que estejam em uma 'postura natural', isto é, bem acordados, com uma percepção de seus próprios corpos, integrando informações sensoriais da visão, da audição e do tato. Assim, a dêixis fornece um sistema básico de coordenadas, de modo que para explicar o significado de um enunciado como 'Lá vai o Jack' devemos dar uma explicação da semântica da expressão *mais* a função orientativa do enunciado efetivo *in situ*.

Nesse complexo jogo intersubjetivo, os processos referenciais dêíticos são responsáveis por estabelecer a imbricação entre enunciado e enunciação, entre processos e sistemas, entre percepções e expressões. Os dêíticos, em específico, e o campo demonstrativo, em geral, orientam tanto as disposições temporais, espaciais, pessoais e memoriais internas ao enunciado, quanto a atenção e a centração indicial dos interactantes na interação.

Considerando as assertivas anteriores, podemos supor que exista certa estabilidade de uso: nós pragmatizamos o sentido e supomos compartilhamento de conhecimento de mundo. Desse modo, ao observarmos os complexos jogos de significação e de estabelecimento da centração indicial pela referenciação dêítica, percebemos que o contexto depende, dentre outras coisas, da incorporação dos campos demonstrativos em situações de uso, do conhecimento de mundo, da intersubjetividade e do reconhecimento dos implícitos culturais. Podemos dizer que:

(...) o campo dêítico é composto pelas (1) posições dos agentes comunicativos relativamente aos enquadres de participação que eles ocupam (...), (2) posições ocupadas pelos objetos de referência, (3) múltiplas dimensões por meio das quais os agentes têm acesso às

posições. Realizar um ato de referência dêitica é ocupar uma posição no campo dêitico. Da mesma forma, ser o objeto de referência é ser impelido a uma posição. (HANKS, 2008, p. 209).

Tendo em vista a questão da espacialidade, devemos verificar a relação emergente na imbricação das três fontes seguintes nos atos de referência dêitica: i - percepção linguística (termos individuais derivam de seu contraste com outros termos); ii - contexto de fala (relação entre o campo simbólico e o campo demonstrativo - aqui-agora-eu); iii - prática social (relações de poder e espaço de posições). Segundo Mondada (2008, p. 77):

Os estudos sobre a referência espacial e a cognição levam à exigência de que se considere o contexto da atividade referencial e dos gestos dela indissociáveis: mostram-se, dessa forma, interessados não apenas pelo espaço como objeto de discurso, mas também pelo espaço em que se ancora o discurso. Da mesma forma, uma parte da literatura consagrada à espacialidade das representações e das inscrições se baseia na consideração da materialidade dos objetos na ação: também nesse caso, pode-se verificar uma análise da distribuição dos objetos na ecologia da ação. É este último aspecto, relativo à espacialidade como ancoragem estruturante da ação, que iremos considerar aqui.

A noção de referência espacial possibilita a expansão teórica da conceptualização sobre a importância do espaço para os processos indiciais e para a própria interação. Analisando a dimensão espacial e material da referenciação dêitica, consideramos, no bojo de Mondada (2008), que a totalidade corporal (emergente na junção de sistemas sensoriais, perceptivos, motores, linguísticos e cognitivos) orienta nossas ações no mundo. Hanks (2008) também toca nessa questão ao propor que:

(...) quando o falante usa pistas gramaticais, entonacionais ou gestuais para sugerir seu *footing* corrente e para contextualizar seu enunciado corrente, relações semióticas são produzidas entre o fluxo expressivo e o contexto de sua expressão. Em usos dêiticos,

os falantes constroem o contexto, assinalando tanto o referente como a perspectiva sob a qual ele é individualizado. (p. 196-197).

Por exemplo, podemos imaginar uma interação entre amigos em um bar, em que, em dado momento da conversa, um deles direciona seu olhar aos seus interlocutores, aponta o colega ao lado e diz: “agora passo a palavra ao ilustre amigo convidado...”. A contextualização desse enunciado e a incorporação do campo demonstrativo de uma palestra no contexto da conversa entre amigos poderiam causar certa paródia ou “estranhamento”. O enunciado seria sócio-cognitivamente admitido, por assim dizer, se estivesse presente em outra prática social como uma mesa redonda, um congresso específico. Proferido no contexto acima, os efeitos de sentido seriam outros (glosa, brincadeira, etc.).

As orientações implícitas também são fundamentais para a constituição da centração indicial de uma interação. Essa premissa sobre a referenciação dêitica assinala que a significação extrapola o significante linguístico e que a espacialidade é fundamental para a organização da interação. Essas afirmações conduzem-nos para a questão da multimodalidade, que será analisada na última seção deste capítulo.

Mondada (2008), a propósito desse assunto, analisa o trabalho de Goffman e Kendon, mostrando que os dois autores foram os que mais deram atenção à questão da articulação entre ação e espaço. Segundo a autora, eles sempre insistiram em que a disposição dos corpos no espaço cria um território no interior do qual os interactantes interagem, compartilhando as expressões corporais.

Segundo Mondada (2008, p. 78), Kendon:

(...) trata o posicionamento espacial e a orientação do corpo como recursos que permitem aos participantes constituir um arranjo propício à criação de um foco de atenção comum e ao engajamento numa atividade comum. Tal arranjo se transforma ou se desfaz quando a atividade muda ou termina. O segmento transacional é o domínio espacial referente ao engajamento e à participação de um indivíduo numa atividade; os segmentos transacionais dos participantes podem incluir ou se excluir mutuamente e definem um

arranjo em vista de uma interação focalizada, isto é, uma *F-formation* (...). A *F-formation* pode assumir diferentes formas, das quais a do encontro face a face é a mais estudada, mas que não exclui disposições em L ou lado a lado. Kendon sublinha o duplo fato de que a disposição dos corpos no espaço assinala um tipo de quadro interpretativo proposto e compartilhado pelos interactantes e que ela tem efeito estruturante sobre o tipo de interação que ali se desenvolve.

Essa noção é importante para os propósitos desta Tese pelo fato de fornecer uma base sistêmica para a inserção do corpo no espaço e na ação. Os posicionamentos e as orientações corporais são fundamentais para a referenciação dêitica, já que sustentam os quadros interpretativos compartilhados.

Retomando o exemplo da conversa entre amigos em um bar: o domínio espacial em questão não possibilitaria a inserção corporal proposta pelo interactante ao assumir a posição, que seria própria de um acadêmico em um congresso, em um local que não condiz com a *F-formation* do segundo contexto inserido no primeiro. O espaço em questão possibilita determinados arranjos corporais e não outros.

### **2.3 Gesto, linguagem e afasia**

Antes de adentrarmos uma reflexão sobre a gestualidade em contextos de produção afásica, é necessário aprofundar nosso entendimento sobre a noção de afasia. Ahlsén (2006, p. 6) afirma que:

A afasia é definida como ‘perda da linguagem devido a danos cerebrais’. A causa pode ser, por exemplo, um enfarto (obstrução de vasos sanguíneos no cérebro), uma hemorragia (ruptura de um vaso sanguíneo), ou um trauma crânio encefálico (TCE). O efeito da lesão é que a compreensão e/ou a produção da linguagem é alterada. Através do estudo destas mudanças, podemos apreender como os sistemas funcionais se relacionam ao funcionamento da linguagem e as estruturas cerebrais envolvidas neles. Os pesquisadores têm estudado a perda de diferentes capacidades afim de mapear as funções do cérebro. Quando se trata do mapeamento de habilidades

cognitivas complexas, tais como a linguagem, isso gera muitos problemas, mas os dados obtidos a partir de estudos de afasia têm, praticamente, o mesmo grau de confiabilidade que os dados obtidos com outros métodos neurolinguísticos. Afasiologia ou afasiologia linguística é o ramo dominante da neurolinguística. Afasia é um distúrbio de linguagem adquirido, muitas vezes definido como uma lesão focal (ou seja, uma lesão de uma ou mais áreas específicas). Distúrbios adquiridos também são causados por doenças degenerativas progressivas, tais como as demências. Linguagem e memória estão intimamente ligadas e são interdependentes, especialmente em funções cognitivas complexas<sup>25</sup>.

Ao pensarmos na definição trazida acima, percebemos que a afasia, fundamental para a empiria neurolinguística, é concebida de maneira semelhante em perspectivas divergentes. Esses pontos de observação visam a objetivos opostos, já que existem linhas de pesquisa que tendem para o mapeamento do cérebro, utilizando imagens de Pet Scan e/ou Ressonância Magnética para provarem suas teorias, e outras que propõem estudos enunciativo-discursivos, analisando a interação entre afásicos e não afásicos. Mesmo assim, Ahlsén (2006) sinaliza que métodos diferentes têm demonstrado resultados semelhantes e que existe certa relação entre a linguagem e outros processos cognitivos, mesmo que isso ainda seja reduzido a uma visão positiva das semiologias elencadas. Entretanto, veremos que a nossa compreensão do fenômeno afásico é alterada e complementada quando analisamos a totalidade corporal inserida em interações face a face entre afásicos e não afásicos.

---

<sup>25</sup> Tradução nossa para: “Aphasia is defined as ‘language loss due to brain damage’. The cause can, for example, be an infarction (blockage of blood vessels in the brain), a hemorrhage (bursting of a blood vessel), or a head trauma. The effect of the lesion is that the comprehension and/or production of language is changed. By studying these changes, we can study how functional systems related to language work and which brain structures are involved in them. People have always studied the loss of different abilities in order to map the functions of the brain. When it comes to higher cognitive abilities, such as language, this poses many problems, but the data acquired from studies of aphasia have roughly the same degree of reliability as the data obtained with other neurolinguistic methods. Aphasiology or linguistic aphasiology is the dominant branch of neurolinguistics. Aphasia is an acquired language disorder, often defined as a focal lesion (i.e., a lesion of one or more specific areas). Acquired disorders are also caused by progressive neurological diseases such as dementias. Language and memory are closely connected and interdependent, especially in complex higher cognitive functions.” (AHLSEN, 2006, p. 6).

Para adentrar essa questão, verificamos estudos que relacionam afasia e gesto. Existem vários sistemas de categorização para os gestos que diferem em pequenos pontos. A classificação mais recorrente, verificada na afasiologia, separa os gestos em duas categorias: referenciais e não referenciais. Segundo Lott (1999, p. 126):

(...) Esse sistema de categorização gestual, sobretudo, estabelece uma distinção entre os gestos referenciais e os não-referenciais. Gestos referenciais se relacionam diretamente a um referente externo, como um objeto ou uma ação e eles acompanham ou substituem substantivos, verbos e adjetivos e, em alguns casos, até mesmo frases inteiras ou sentenças. Já os gestos não-referenciais refletem um referente interno ou abstrato.

Os gestos referenciais são subdivididos em: i - descritivos – gestos icônicos (imagem gráfica, espaço gráfico e movimento gráfico), números, escritas e pantomimas gestuais<sup>26</sup>; ii - evocativos – gestos dêiticos e emblemas<sup>27</sup>. Os gestos não referenciais, por sua vez, subdividem-se em: i - descritivos – ideográficos<sup>28</sup>; ii - não descritivos – batidas/gestos de acompanhamento e gestos circulares<sup>29</sup>.

A classificação gestual é semelhante nos trabalhos elencados nesta pesquisa. Entretanto, algumas conceptualizações teóricas argumentam que o gesto é utilizado como

---

<sup>26</sup> Gestos que descrevem uma ação ou objeto. Os gestos icônicos são aqueles que elaboram uma imagem da referência, como, por exemplo, usar os dedões e indicadores das duas mãos, dispostos em “L” em mãos espelhadas, para formar um “retângulo” que é mostrado à frente dos olhos de quem gesticula – a câmera. Os gestos que descrevem números são realizados com a contagem dos dedos, e eles são levantados à medida que vão correspondendo a cada número contado. A ordem dos dedos pode mudar dependendo da cultura. Os gestos que descrevem a escrita são aqueles em que escrevemos no ar, por exemplo, ou com a ponta do dedo indicador em uma base como uma mesa. As pantomímicas, por sua vez, podem descrever uma ação. Por exemplo, fecham-se as duas mãos, dispõem-se os braços sobre os ombros com as mãos fechadas como que segurando a boca de um saco e arqueia-se o corpo para ilustrar a ação de carregar algo pesado.

<sup>27</sup> Gestos que evocam o referente. Os *pointings* – apontar o objeto de referência usando o dedo indicador, o dedão ou outro *hand shape*, como a mão aberta para cima – são exemplos de gestos dêiticos. Os gestos emblemáticos (emblemas) são aqueles que estão ligados a um formulaico linguístico e são dependentes da cultura, como, por exemplo, esticar o dedão e o dedo mínimo, enquanto que os outros dedos continuam fechados sobre a palma da mão, e colocar ao lado da cabeça entre a boca e a orelha para mostrar uma ligação (“te ligo”); mexer o dedo indicador, esticado para cima, de um lado para outro para dizer “não”, etc.

<sup>28</sup> Um exemplo de gesto ideográfico: estende-se o dedo indicador para cima e balança-o freneticamente para frente e para trás ao mesmo momento em que repreende alguém.

<sup>29</sup> Gestos que acompanham o ritmo da fala: mexer as mãos em movimentos circulares enquanto se conta uma história para alguém.

um mecanismo complementar para facilitar a linguagem falada. Em contextos afásicos, essa hipótese é muito utilizada no entendimento da gestualidade como compensatória em casos em que a linguagem está alterada de alguma maneira.

Por exemplo, Cicone *et al.* (1979) estudaram os gestos como veículos de compensação em pacientes com afasia. Seus resultados indicam que os gestos utilizados por uma pessoa com afasia estruturam-se, na conversação, como espelho da enunciação linguística; por exemplo, um sujeito com anomia produzia mais gestos lexicais (dêiticos, emblemas, etc.), ao passo que outro sujeito com afasia grave usava mais gestos que prendiam a atenção espacial do interlocutor.

Os gestos, em afasiologia, são classificados de diferentes maneiras. As tipologias apresentam semelhanças entre si, contudo, por serem determinadas pela perspectiva teórica, alguns autores tratam da semântica gestual, outros apenas traçam distinções para diferenciá-los dos signos linguísticos.

Klippi (2006), por exemplo, sugere uma distinção para a gestualidade: local e geral. A primeira tipologia é constituída por gestos utilizados em contextos locais como parte de um turno, que podem ser traduzidos em significados léxicos, gestos icônicos, pantomímicos, simbólicos e dêiticos, acenos com a cabeça e movimentos de mão; a segunda refere-se ao comportamento que ocorre na sequencialidade da interação; está relacionada à atribuição de sentido e tomada de turno, comunicação de significados emotivos e comportamentais (posturas corporais, expressões faciais e direcionamento de olhar).

A autora analisa os elementos não verbais na conversação de afásicos para refletir sobre a construção de unidades verbais e sua relação com elementos gestuais. Propõem que a diferença fundamental entre eles é o seu desempenho, já que os elementos não verbais são visualmente percebidos e a fala é percebida pela audição.

Ela também comenta que as definições das unidades de construção baseiam-se em unidades linguísticas e que elas devem ser repensadas, especialmente em contextos de afasia. Os elementos não verbais em seu trabalho, como também em outros (cf. Goodwin 1995, 2000a, 2000b, 2000c, 2003a, 2003b), constituem parte importante das semiologias dos recursos interativos dos afásicos em conversações.

Klippi (2006) afirma que algumas pessoas afásicas expressam elementos não verbais de forma muito complexa; isso seria importante na compensação das alterações na fala e na tomada de turnos conversacionais, segundo o seu argumento. A autora também afirma que alguns movimentos em contextos de afasia acabam tornando-se gestos icônicos, pantomímicos ou dêiticos. Todos eles podem indicar a palavra-alvo a seu interlocutor por possuírem expressividade o suficiente para indicar algo em função de meta-palavra.

Segundo a autora, mesmo que alguns afásicos possam desenvolver estratégias diferentes para superar as alterações na linguagem impostas pela afasia, alguns, confiando mais em recursos linguísticos, e outros, utilizando vários recursos semióticos diferentes, como os gestos, os elementos não verbais podem circundar ou serem simultâneos à construção das unidades verbais; tais elementos, em alguns casos, constituem um turno conversacional não verbal à parte.

No entanto, um elemento não verbal precisa apresentar organização sequencial em uma enunciação ou em um turno para ter significado em uma interação. No geral, Klippi (2006) argumenta que os elementos não verbais emergem em coordenação com outros recursos semiológicos (olhar, prosódia e movimentos corporais).

Isso demonstra que os elementos não verbais organizam-se de diferentes formas para a significação, podendo complementar o sentido lexical, compensar uma palavra ou construção verbal mais ampla em uma conversação, além de que alguns gestos dêiticos podem introduzir a palavra-alvo antes mesmo de sua enunciação.

As afirmações da referida autora podem subsidiar a concepção de que a análise empírica qualitativa da expressividade enunciativo-discursiva do indivíduo afásico (unidade corporal formada na imbricação de processos práxicos, motores, sensórios, perceptivos, linguísticos, gestuais e cognitivos) auxilia tanto no entendimento da afasia, quanto na teorização linguística sobre conceitos tradicionais do campo, como significação e referenciação.

Goodwin (1995, p. 26-27) afirma que a afasia não seria “causada” por uma lesão cerebral simplesmente, mas que ela constitui-se em uma maneira de ser e agir no mundo; sistema multipartidário e distribuído em concerto com os outros. Por meio da análise do corpo situado no espaço, o autor propõe discutir como é a organização do

indivíduo afásico em contextos interacionais. A coconstrução do sentido é observada na realização de diversas ações pelo afásico que utiliza recursos disponibilizados pelo interactante.

O indivíduo afásico, mesmo apresentando alterações significativas em sua fala (uso apenas de três palavras, no caso analisado pelo citado autor), não deixa de participar dos turnos conversacionais, de estar atento aos tópicos em questão, de apresentar coerência pelo uso da gestualidade e dos movimentos corporais, sobretudo pelo direcionamento de seu olhar e da prosódia (cf. Goodwin, 1995, p. 23).

Goodwin (1995), ao analisar a investigação de McNeill (1992), mostra que os gestos podem revelar processos mentais, *grosso modo*. Analisando a produção de um indivíduo afásico com quadro de hemiplegia, argumenta que:

(...) a significação por meio do gesto é um processo profundamente social, que exige a colaboração intrincada dos outros. A análise vai se concentrar em como os seus gestos são moldados e organizados como um processo interativo. Fenômenos a serem analisados incluem a articulação detalhada de sua mão, diferenciando os grupos de movimentos manuais relacionados uns com os outros através da utilização sistemática do braço apresentando a mão gesticulando, a organização do espaço interativo, gestos e processos de organização sequencial que prevê a exibição e negociação de entendimento comum.<sup>30</sup> (p. 15).

É interessante também apresentar as vantagens dos estudos quantitativos sobre a produção da gestualidade por afásicos. Seguindo o trabalho de David McNeill, Lott (1999) afirma que os gestos são sincrônicos com a modalidade da fala pelo fato de revelarem a imagem visual do item lexical. As duas modalidades podem apresentar o

---

<sup>30</sup> Tradução nossa para: “(...) the accomplishment of meaning through gesture is a thoroughly social process, one that requires the intricate collaboration of others. Analysis will now focus on how his gestures are shaped and organized as interactive processes. Phenomena to be examined will include the detailed articulation of his hand, differentiating groups of related hand movements from each other through systematic use of the arm presenting the gesturing hand, the interactive organization of gesture space, and processes of sequential organization that provide for the display and negotiation of common understanding.” (GOODWIN, 1995, p. 15).

mesmo conteúdo semântico e desempenharem as mesmas funções pragmáticas porque elas compartilham o mesmo conceito mental.

Em sua pesquisa, Lott (1999) analisa a sincronia entre as modalidades da fala e do gesto em produções afásicas e propõe resultados quantitativos. Os gestos de apontar emergem em grande quantidade em afasias de produção (7,3 gestos dêiticos por 100 palavras). Nos casos de afasia de compreensão, essa média cai bastante (2,3). Em caso de anomia, a produção gestual é ainda menor (1,9). O grupo controle, analisado pela autora, produziu uma média de 0,6 gestos dêiticos por 100 palavras. O uso de gestos dêiticos em afasias de produção difere significativamente daqueles outros grupos analisados.

Os dêiticos ocorrem, segundo Lott (1999), mais frequentemente em falas espontâneas, independentemente do fato de o indivíduo ser afásico ou não afásico. A autora salienta que os temas discutidos pelos participantes de sua pesquisa abrangem seus cotidianos, dessa maneira todos os indivíduos estavam mais propensos a empregar gestos de apontar abstratos. Por sua vez, os gestos de apontar concretos ocorreram quando os indivíduos estavam engajados na tarefa de descrição de objetos ou pessoas em fotos. Todos os grupos produziram menos gestos dêiticos quando estavam contando uma história.

## **2.4 Referenciação dêitica multimodal**

A dimensão multimodal é parte constitutiva da referenciação dêitica. Restaria, a partir dessa afirmação, indicar a concepção de multimodalidade adotada em nosso trabalho. As abordagens que tratam dessa questão (Marcuschi, 2001a, 2007; Mondada, 2004, 2006a, 2006b, 2008; Morato *et al.*, 2009; Norris, 2006;) dão atenção às atividades coletivas realizadas pelos falantes e consideram, principalmente, que as práticas de comunicação, para além da dimensão puramente linguística, incluem componentes prosódicos, gestuais, corporais, espaciais e interacionais.

Se olharmos para a interação face a face cotidiana, muito do que se passa não é expresso em palavras, mas é tratado por outras modalidades. Isto é especialmente verdadeiro para regular a interação de informação, que depende da comunicação do corpo,

tais como postura corporal, gesto e olhar, bem como na entonação e qualidade de voz. Ela também se aplica à comunicação de emoções e atitudes, onde a expressão facial, sons, tons de voz, corpo e comunicação em geral, são importantes. As informações expostas e indicadas são frequentemente dependentes de multimodalidade, onde a comunicação corporal e a prosódia desempenham um papel importante<sup>31</sup>. (AHLSEN, 2006, p. 150-151).

Em trabalho anterior (cf. Vezali, 2005), consideramos que uma análise da multimodalidade das atividades referenciais, observadas em situações interativas, poderia sustentar empiricamente a tese merleau-pontyana de que o signo é interno à significação. Essa concepção é interessante para o campo da Linguística Interacional, que assume, de uma maneira ou de outra, uma perspectiva sócio-cognitiva da linguagem e da interação, pelo fato de fornecer uma base ontológica para as nossas reflexões teóricas acerca da imbricação entre semiologias e da questão espacial.

Mondada (2006), a propósito, propõe o estudo do final de turno de fala e do fechamento de uma sequência pela análise de práticas multimodais; para tanto, focaliza a ação praxeológica, observando dados interacionais pela perspectiva da Análise da Conversação. Suas considerações argumentam, basicamente, que:

- ação e responsabilidade de ação são construídas de forma interativa pelos coparticipantes;
- a fim de produzir e interpretar ações responsáveis reconhecíveis, os coparticipantes orientam os detalhes que constituem a ordem local de conversa e ação e, mutuamente, exibem suas orientações em sua conduta;
- essas informações publicamente disponíveis dizem respeito à vários recursos multimodais e práticas, metodicamente explorando as características linguísticas, os gestos, os olhares, os movimentos

---

<sup>31</sup> Tradução nossa para: “if we look at ordinary face-to-face interaction, much of what goes on is not expressed in words but is handled by other modalities. This is especially true of interaction-regulating information, which depends on body communication, such as body posture, gesture, and gaze, as well as on intonation and voice quality. It also applies to communication of emotions and attitudes, where facial expression, sounds, tone of voice, and body communication in general are important. Indicated and exposed information are often dependent on multimodality, where body communication and prosody play an important role.” (AHLSEN, 2006, p. 150-151).

corporais e as manipulações de objetos.<sup>32</sup> (MONDADA, 2006, p. 118).

Podemos observar na interação entre pessoas afásicas e não afásicas que várias semioses mutuamente se constituem na significação. Assim, esboçaremos de que forma os materiais não verbais ocorrem conjuntamente com a fala nas práticas multimodais da interação. Todavia, a concepção de que os recursos semiológicos e outros não referenciais atuam de maneira constitutiva na referenciação não é gratuita e depende do grau de atenção dos interactantes. Dessa forma, é possível que as modalidades constituam conjugações entre si, estabelecendo um sentido próprio, bem como podem apresentar sentidos independentemente de outro sistema, ou constituírem sincronias em que os significados são idênticos, mas expressos na junção dos modos em questão.

A conceptualização desenvolvida por Norris (2006) é interessante na medida em que, mesmo estabelecendo uma visão positiva em relação ao linguístico e o extralinguístico, nos possibilita analisar o grau de atenção dos interactantes. A densidade modal é considerada uma ação de alto nível porque estabelece o grau de atenção de um interactante para os modos que vão emergindo na interação. A atenção contínua, por sua vez, tem um pano de fundo que é um *framework*; as duas últimas noções são correlatas.

O conceito de “interação compartilhada” (*multiparty interaction*) de Norris (2006) é interessante para os propósitos desta pesquisa pelo fato de que a construção de um objeto de discurso em uma interação, segundo a autora, pode englobar graus diferentes de atenção dos interactantes devido aos seus engajamentos em determinados enquadres comunicativos que podem ocorrer sincronicamente. Sua análise é centrada na multimodalidade da interação, que é baseada em três noções: i) ação mediada; ii) densidade modal; iii) pano de fundo contínuo da atenção/sensibilidade. Sua ideia principal é a de que

---

<sup>32</sup> Tradução nossa para: “- action and action’s accountability are interactively built by the co-participants; - in order to produce and to interpret recognizable accountable actions, co-participants orient to the details constituting the local order of talk and action and mutually display their orientations in their conduct; - these publicly available details relate to various multimodal resources and practices, methodically exploiting linguistic features, gestures, gazes, body movements and object manipulations.” (Mondada, 2006, p. 118).

um interactante em interação constrói, simultaneamente, várias ações com os vários participantes, mas com níveis diferentes de atenção.

Para construir sua análise, Norris (2006, p. 402), define modo comunicativo como um sistema de regras e regularidades. Nesse sentido, a fala, a gestualidade, o olhar e a escrita seriam modalidades. Os graus de atenção dos participantes aos diferentes modos figurados no *framework* constituiriam as partes da interação. A noção de ação mediada considera que falar uma língua constitui uma ação social, o que é semelhante às argumentações de Hanks (2008), mas estabelece e distingue ações de nível inferior na interação, como a dicção e a gestualidade.

Nesse arcabouço teórico, a linguagem verbal não seria o modo dominante por não ser a única linguagem que tem a função de estruturar a interação, mas se constitui em um sistema simbólico construído socioculturalmente, que faz as ligações dos sentidos locais às práticas sociais. A “(...) língua não é sempre o modo dominante e não necessariamente tem uma função de estruturação na interação. Em teoria, todos os modos são semelhantes (...)” (NORRIS, 2006, p. 403). A autora propõe, também, que o modo da linguagem falada é interligado, de forma complexa, a outros modos, como a escrita, o olhar, os movimentos das mãos, a postura no mundo.

Para o intuito desta análise, a noção de densidade modal e de atenção podem esclarecer alguns implícitos acarretados pelo uso dos elementos dêiticos. A atenção e a posição dos interactantes na situação e no discurso, que está sendo construído, autorizam e solicitam o emprego dos elementos dêiticos. A sua interpretação da densidade modal depende de como cada posição recategoriza e se relaciona com o objeto de discurso que está em construção.

Para exemplificar a noção de multimodalidade e de ação mediada, tomemos um exemplo pessoal ocorrido em Juiz de Fora (MG): dois colegas, que não conhecem a cidade, estão em um carro indo para o hotel em que estavam hospedados; sem saber ao certo como chegar lá, perguntam para um rapaz, que estava saindo de uma loja, qual era o caminho para tal lugar; o mineiro de pronto responde que deviam seguir aquela rua “toda vida”, virar a esquerda, que era a única possibilidade, e “seguir a avenida que é logo ali”. Ao mesmo tempo em que falava, na primeira expressão o rapaz apenas apontou o indicar em direção

ao fim da rua, e na segunda expressão elaborou uma frase gestual – dedo indicador e braço direito num movimento de apontar o caminho na avenida.

A multimodalidade, portanto, configura-se como um preenchimento dos pressupostos do esquema linguístico com signos não verbais. Nesse esquema de mútua constitutividade para a formação da semântica corporal, percebemos que a “dêixis cultural e implícita” (cf. Ruthrof, 2000) desempenha um papel fundamental na constituição de nossas significações, tanto que o corpo sócio-histórico e cultural é inserido (incorporado) nos esquemas linguísticos por meio de percepções diferentes do mundo.

A cultura, então, além de supervisionar a linguagem, incorpora também um campo dêitico específico em seus sistemas de significação e atuação no mundo. O dêitico implícito seria, portanto, o conhecimento natural dos falantes de uma língua. Contudo, isso se constitui em um paradoxo pelo fato de não ser natural na realidade, já que o conhecimento implícito não é acessível ao estrangeiro.

Imaginemos, por exemplo, as realizações dêiticas da língua portuguesa no Brasil e em Portugal: em um caso relatado pessoalmente, uma moça brasileira estava viajando por Portugal pela primeira vez. Ao pegar um táxi, indagou ao motorista – “O senhor pode virar à esquerda na próxima avenida?”. Ele respondeu de pronto – “Sim, claro que posso”; mas continuou seguindo à frente na rua em que trafegava. E, espantada, a moça questiona a atitude dele e recebe como resposta – “Ora, pois, a senhorita perguntou se eu poderia virar à esquerda e respondi que sim, mas não pedi para eu virar naquela avenida”.

A anedota serve de ilustração das grandes diferenças na elaboração das centrações indiciais, em uma mesma língua, em realidades culturais diferentes. Assim:

Considerando a dêixis em interação, uma estrutura de relevância é estabelecida e exibida pelos participantes. A estrutura envolve os participantes em relações coordenadas na direção de determinados objetos segundo os engajamentos desses participantes. De acordo com as circunstâncias certas, pode ser que a proximidade ao Falante seja o quadro de referencia mais relevante, porém assumir este *a priori* é considerar como pronto o que, na verdade deve ser ainda terminado. Em outras palavras, a relevância sobrepuja a espacialidade ao determinar se é o espaço ou não o que conta num determinado enunciado. Sobre muitas circunstâncias, o que mais

conta para uma construção apropriada do objeto de referencia não é a sua posição, mas sua acessibilidade na memória, na antecipação, na percepção ou na fala anterior. Há duas fontes principais de relevância: o que acontece na realidade presente do enunciado e o que vem com a incorporação social do campo dêitico. A primeira inclui o que contexto do ato de fala, o contexto sequencial, o movimento feito pelo falante ao enunciar o dêitico e a situação espacial, perceptual, conceitual e corporal imediata. Aqui a relevância emerge para além do tempo de duração do turno no sentido mais imediato e 'local'. (HANKS, 2008, p. 222).

Com o exposto, para além da constatação de que o “dêitico implícito” é profundamente cultural, a dêixis em interação é composta por um complexo jogo de relações estabelecidas pela relevância, e não somente pelas disposições colocadas num quadro espacialista.

Em nosso trabalho, então, entendemos que os axiomas propostos por Ruthrof (2000) para a semântica corporal sustentam a configuração teórico-metodológica esboçada até aqui. Assim, no bojo do autor, entendemos que:

- A linguagem é uma grade sintática vazia.
- A linguagem não significa por si só.
- A linguagem é parasitária em signos não-linguísticos.
- O dicionário não contém qualquer significado, apenas substituições verbais.
- O significado não é governado por definição.
- O significado não é uma relação entre linguagem e mundo sem uma mediação.
- O significado é um evento.
- Eventos de significado ocorrem quando as redes da linguagem são ativadas por sinais não verbais.
- Quando o significado ocorre, as expressões linguísticas atuam como esquemas direcionais.
- Essa ativação se aplica tanto para a situação de enunciação quanto para o que é dito.
- Signos não verbais são compostos de leituras perceptivas como a tátil, a olfativa, a gustativa, a auditiva, a visual e outras, bem como variantes da imaginação.
- Leituras não verbais são intersemióticas e heterosemióticas.

- Relações intersemióticas caracterizam a interação entre diferentes signos.
- Relações heterosemióticas referem-se às discrepâncias entre diferentes tipos de signo.
- Somente o significante linguístico é arbitrário.
- O significante arbitrário é o resultado de uma história de desencarnação icônica.
- Significados não são arbitrários.
- Ao nível do significado somos seres icônicos.
- Significados são leituras quase-perceptuais e suas extensões da imaginação.
- Todos os significados da língua natural mostram os vestígios de situações sociais concretas.
- Expressões abstratas igualmente revelam impressões não verbais.
- Não há expressões puramente formais em línguas naturais.
- Comunidades definem as condições de enquadramento para os signos.
- Comunidades, em grande parte, controlam a ativação da linguagem de signos não verbais.
- O mundo não é dado diretamente, mas mediado por nós através de signos não verbais.
- Signos não verbais são a base tanto para o mundo quanto para o significado linguístico.
- Signos não verbais são a estrutura profunda da língua.
- Signos não verbais refletem profundas restrições filtradas por uma comunidade.
- Semiose suficiente verifica a relação entre linguagem e mundo mediado.
- Semiose suficiente ocorre sob as regras da comunidade.
- Semiose suficiente substitui as condições de verdade.<sup>33</sup> (RUTHROF, 2000, p. 151-152).

---

<sup>33</sup> Tradução nossa para: "Language is an empty syntactic grid. Language does not mean by itself. Language is parasitic on nonlinguistic signs. The dictionary does not contain any meanings, only verbal substitutions. Meaning is not governed by definition. Meaning is not a relation between language and an unmediated world. Meaning is an event. Meaning events occur when language grids are activated by nonverbal signs. When meaning occurs, linguistic expressions act as directional schemata. This activation applies to both utterance situation and to what is said. Nonverbal signs are made up of tactile, olfactory, gustatory, aural, visual and other perceptual readings as well as their fantasy variants. Nonverbal readings are intersemiotic and heterosemiotic. Intersemiotic relations characterize the interaction between different signs. Heterosemiotic relations refer to the discrepancies between different kinds of sign. Only the linguistic signifier is arbitrary. The arbitrary signifier is the result of a history of iconic disembodiment. Signifiers are not arbitrary. At level of the signified we are iconic beings. Signifiers are quasi-perceptual readings and their fantasy extensions. All natural-language meanings display traces of concrete social situations. Abstract expressions likewise reveal nonverbal imprints. There are no purely formal expressions in natural language. Communities set the framing conditions for signs. Communities largely control the activation of language by nonverbal signs. The world is not given directly but mediated for us by nonverbal signs. Nonverbal signs are the basis for both world and

Os axiomas de Ruthrof (2000) sustentam nossa perspectiva de unidade corpórea para a construção intersubjetiva e situada dos processos de referenciação, inclusive dêitica. Nas últimas décadas, evidências consideráveis mostraram que a gestualidade não pode ser reduzida apenas a um suporte do material linguístico (Goodwin, 2003, 2003a, 2000a, 2000b, 1995; Hanks, 2008; Kendon, 2004, 2000, 1980, 1972; McNeill, 1985, 1987; e Ruthrof, 2000). McNeill (1992), por exemplo, propõe que os gestos, juntamente com a linguagem, atuam na constituição do pensamento, além de que a gestualidade refletiria uma representação imagética mental que é ativada no momento da fala.

Os gestos em geral, e em específico os dêíticos, constituem parte da significação de uma elocução. Um dos principais gestos estudados é o *pointing*. Apontar alguma coisa concreta ou abstrata no mundo traduz-se em várias estruturações e significações de acordo com sua conjugação com o material verbal de certa elocução. Na ausência de fala, o gesto pode apresentar significados semelhantes aos linguísticos. Observemos a figura abaixo:



Figura 2: *pointing* intersubjetivo<sup>34</sup>.

---

linguistic meaning. Nonverbal signs are the deep structure of language. Nonverbal signs reflect deep constraints as filtered by a community. Sufficient semiosis checks the relation between language and mediated world. Sufficient semiosis occur under community rules. Sufficient semiosis replaces truth-conditions.” (Ruthrof, 2000, p. 151-152).

<sup>34</sup> Disponível em: [http://herd.typepad.com/herd\\_the\\_hidden\\_truth\\_abo/2008/12/pointing-and-gawking.html](http://herd.typepad.com/herd_the_hidden_truth_abo/2008/12/pointing-and-gawking.html)

Ela registra um experimento cotidiano (uma brincadeira) que muitos já realizaram ou da qual já ouviram comentar, em que alguém aponta para algum lugar com olhar de admiração, no máximo pronunciando “olha lá”, que em poucos minutos estará cercado de outras pessoas que estarão apontando para o mesmo lugar também, direcionando o olhar e a atenção conjuntamente, mas sem saber ao certo do que se trata. O enquadre em questão pode ilustrar a multimodalidade da interação em que o grau de atenção compartilhada tende para a modalidade gestual, aliada aos direcionamentos de olhar e expressões faciais. Os *pointings*, nesse exemplo, aparecem em diversas configurações gestuais.



Figura 3: atenção conjunta e *pointings* múltiplos<sup>35</sup>.

A figura acima mostra um flagrante do momento em que três indivíduos em fase de aquisição de linguagem engajam-se em um quadro de atenção conjunta. Observando os direcionamentos de olhar, podemos afirmar que eles mantêm o mesmo foco, compartilhando o mesmo objeto de discurso que é construído ali na interação. O interessante é notar que cada um realiza uma frase gestual específica, demonstrando e trazendo à tona seus pensamentos: da direita para a esquerda – aponta-se um objeto no mundo, usando o gesto dêitico de apontar com o dedo indicador de mão esquerda; coloca-se um ponto de dúvida, preparando um apontamento de mão direita para o centro da mão

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.linguistics.ucla.edu/people/hayes/Personal/Index.htm>

esquerda aberta para cima e apoiada no colo; estende-se a perna direita e aponta, com o indicador de mão esquerda e braço estendido a ponta de seu pé.

O uso de gestos dêiticos por indivíduos em fase de aquisição de linguagem é muito recorrente. Na figura acima, vemos o primeiro esboço de linguagem estruturada e sequencial ao utilizar o apontar com o dedo indicador conjuntamente com o direcionamento de olhar como maneira de inserir-se na língua. Isso será fundamental em todas as futuras interações. O *pointing* (realizado com partes diferentes do corpo em diferentes culturas, como a cabeça, a boca, etc.; apontar com o dedo indicador, por sua vez, é reconhecível na maioria das culturas conhecidas, principalmente no ocidente) e o direcionamento de olhar constituem-se na base em que as centrações indicais são construídas intersubjetivamente.

A figura abaixo ilustra esse engajamento que pode tanto indicar algo concreto no mundo, quanto algo abstrato:



Figura 4: criança aponta objeto no mundo<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Disponível em: [http://segredosereflecoes.blogspot.com/2010\\_03\\_01\\_archive.html](http://segredosereflecoes.blogspot.com/2010_03_01_archive.html)

Segundo Tomasello (2008, p. 1-2), os seres humanos, em geral, entendem os gestos de maneira totalmente natural. Não precisamos de muito esforço para constatar isso já que basta um interactante olhar para o gesto de apontar de seu interlocutor que ele entenderá a referência pretendida pelo outro. Desde a fase pré-linguística os indivíduos expressam e compreendem os gestos, principalmente os *pointings*, em situações interativas em que a linguagem falada não é possível. O autor apresenta o exemplo de comunicação realizada em um local barulhento: as pessoas, nesses espaços, tendem a empregar a gestualidade, apontando e/ou realizando pantomímicas.

A figura seguinte ilustra o momento de construção de enquadre comunicativo em fase de aquisição de linguagem por meio do uso de *pointing* de dedo indicador. A atenção dos interactantes para a referência pretendida é realizada por meio da gesticulação:



Figura 5: criança apontando<sup>37</sup>.

Essas considerações sinalizam para a necessidade de analisarmos o fenômeno de comunicação por meio de gestos. A hipótese de Tomasello (2008) advoga a favor da ideia de que as primeiras formas utilizadas pelos homens para se comunicarem foram o apontar e a pantomímica. Segundo o autor, as infraestruturas sócio-cognitivas e sócio-motivacionais permitiram que a gestualidade fosse constituída como uma plataforma

---

<sup>37</sup> Disponível em: <http://viajandocompimpolhos.wordpress.com/2010/06/15/rio-de-janeiro-com-criancas-dicas-e-roteiros-para-a-familia/>

psicológica em que os sistemas linguísticos se desenvolveram. O uso de gestos é concebido como o ponto de transição na evolução da comunicação humana.

Entretanto, vários estudos têm demonstrado que os gestos possuem características semiológicas semelhantes às linguísticas, organizando-se em estruturas fechadas e apreendidas socioculturalmente. Kendon (2004, p. 206) analisa os *hand shapes* empregados pelos indivíduos em seus dados e constata que existem algumas configurações básicas de mão utilizadas em *pointings*:

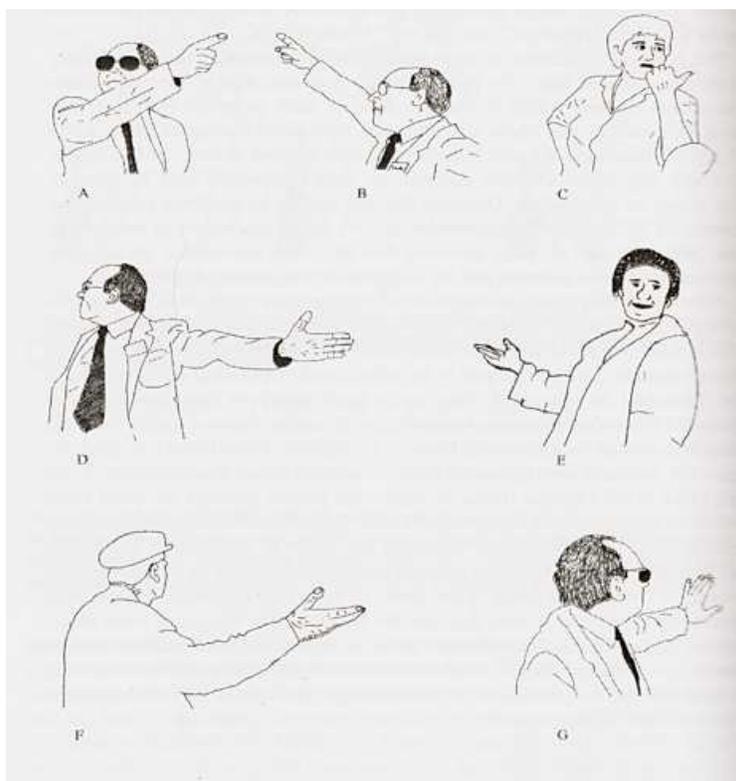


Figura 6: ilustração de Kendon (2004, p. 206) para as configurações de mão observadas em seus dados.

Os *hand shapes* verificados são os seguintes: a - dedo indicador estendido neutro (palma verticalizada); b - dedo indicador estendido inclinado (palma para baixo); c - polegar apontado para trás por cima do ombro; d - mão aberta neutra (palma verticalizada); e - mão aberta em supino (palma para cima); f - mão aberta oblíqua (palma oblíqua); g - mão aberta inclinada (palma para fora) (cf. Kendon, 2004, p. 206).

Podemos perceber, ao analisar o trabalho de Kendon (2004), que os *pointings* basicamente são formados por *hand shapes*. Isso pelo menos é verificado em boa parte das culturas ocidentais. Os dados do autor salientam, também, a característica fenomenológica da conjugação indicial. O dêitico verbal “*quella*” (“aquela”) é conjugado com o *pointing* de dedo indicador, e ambos apresentam o mesmo sentido; isso também ocorre em “*chella porta là*” (“aquela porta ali”), entretanto, a conjugação expressa é mais complexa porque envolve, além da imbricação com o *pointing* de polegar apontado para trás sobre o ombro, outros quadros de atenção mútua, além da junção com o direcionamento do olhar. Dessa forma, podemos entender que a primeira conjugação seria de mútua constitutividade, porque ambos os modos apresentam o mesmo sentido, e a segunda de complemento, porque vários recursos multimodais estão imbricados de maneira complementar que dependerá do grau de atenção dos interactantes (cf. Kendon, 2004, p. 220).

Mondada (2004, p. 288), por seu turno, analisa os gestos de apontamento em interações, argumentando que eles podem funcionar como organizadores da sequencialidade e da temporalidade. Os *pointings* não são epifenômenos relacionados à especificidade da atividade e do contexto, mas sim responsáveis pelo manejo da temporalidade e da sequencialidade, fundamentais para o funcionamento da tomada de turno. Eles salientam, em específico, a importância do tempo para a ação, a mobilização dos recursos contextuais e das atividades em curso.

### 3 A RELAÇÃO FALA E GESTO

#### 3.1 Os estudos sobre a relação entre fala e gesto

Buscamos, neste capítulo, referências teóricas que pudessem subsidiar nossas hipóteses de pesquisa. A concepção segundo a qual o gesto é aliado à fala é antiga e remonta à própria história da evolução humana (cf. Tomasello, 2008, p. 9-10). O que argumentamos aqui não é uma revisão dessa tese, mas sim buscar subsídios metodológicos para o trabalho empírico sobre ela. Com esse propósito é que analisaremos dados linguístico-interacionais de práticas discursivas envolvendo pessoas afásicas e não afásicas.

Os estudos sobre a gestualidade, abarcando a relação de codependência semântica com a fala, constituem-se num elemento inovador para a Linguística, tornando-se um tema de pesquisa instigante e levando-nos à busca de alternativas para esclarecer a relação entre fala e gesto, possível de ser explorada em circunstâncias de instabilidade, como nas afasias.

McNeill (1992, 2000) analisa também essas questões e chama a atenção, em especial, para os gestos que são produzidos durante a fala – aqueles que estão frequente e estritamente ligados às mensagens comunicativas dos falantes. Essas criações, espontâneas e individuais, são semântico-pragmaticamente coexpressivas e compõem uma unidade inseparável que tem por base um processo cognitivo comum. O autor cita o trabalho de Adam Kendon, considerado um dos grandes pesquisadores da gestualidade, por investigar diferentes aspectos dos gestos, como o seu papel em uma comunicação e sua integração ao discurso, e analisa a gestualidade em indivíduos afásicos, traçando considerações interessantes para a relação fala e gesto.

Goldin-Meadow<sup>38</sup> vem investigando tópicos aparentemente independentes, como cognição, desenvolvimento, ensino de língua materna, aquisição de segunda língua e vários outros temas, mas todos eles são relacionados ao estudo de uma comunicação gestual. Aspectos centrais em seu trabalho: relação dos gestos com o ato narrativo; gestos como orientadores de outras funções, além da comunicativa; gesto como um ato do

---

<sup>38</sup> Cf. <http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu/>

pensamento; gesto afetando o processo mental do próprio sujeito falante; possibilidade do envolvimento dos gestos na fase de conceptualização, planejamento e organização do discurso oral.

Sotaro Kita<sup>39</sup>, por seu turno, chama a atenção para os indícios de que o gesto expressa muito mais do que apenas comunicar algo, como refletir e afetar os próprios processos mentais dos falantes. A gestualidade estaria envolvida na fase de elaboração conceitual da narrativa (enunciação), facilitando o acesso a itens do léxico mental.

Destacamos, dentre os estudos etnometodológicos, os trabalhos de Mondada (2003, 2005 e 2006). A autora, ao estudar o fenômeno da referenciação, dedicou-se, também, a compreender o processamento sócio-cognitivo como conjunto de recursos publicamente manifestados pelos locutores, tais como práticas gestuais, movimentos no espaço, orientação do olhar, etc. Esses recursos, chamados de multimodais, são mobilizados para realizar propriedades referenciais. Seu estudo parte da posição de que a maneira pela qual categorizamos o mundo e o dizemos no discurso é resultado de um trabalho complexo que envolve percepção, negociação e várias outras estratégias interacionais.

Existem várias concepções sobre a relação entre gesto e fala que são divergentes entre si. Por exemplo, os falantes produzem gestos espontaneamente e a gestualidade desempenha um papel funcional no processo de produção da fala, além de ser tipicamente utilizada para indicar ou representar objetos e ideias (McNeill, 1992). Tomasello (2008) propõe duas categorias para a diferenciação gestual, relacionadas à interação e à atenção compartilhada: os gestos indiciais (*pointings*) são utilizados para direcionar a atenção do outro, e os gestos icônicos (*pantomima*) são utilizados para direcionar a imaginação dos outros.

A Hipótese de Acesso Lexical (*Lexical Retrieval Hypothesis*) considera que os gestos facilitam o acesso de itens lexicais (cf. Tellier, 2009). Assim, eles estariam envolvidos na geração da superfície linguística (sentenças e enunciados). Então, novamente, é muito menos uma questão de que a fala e os gestos surgem a partir de uma base comum de significação e são, portanto, regidos por uma estrutura psicológica comum, do que uma questão estrutural linear.

---

<sup>39</sup> Cf. <http://www.birmingham.ac.uk/staff/profiles/psychology/kita-sotaro.aspx>

Por sua vez, a *Informational Packaging Hypothesis* (IPH) é baseada nas considerações de McNeill (1992) a respeito das relações entre gesto, linguagem e pensamento, e sustenta a ideia de que a gestualidade estaria relacionada com o planejamento conceitual de uma mensagem a ser verbalizada. Alguns desdobramentos: a - os gestos desempenham um papel importante na constituição do pensamento e da linguagem; b - os gestos têm um papel facilitador nos processos cognitivos.

O ato espontâneo significativo (semiológico) de mover as mãos, os braços e a cabeça durante a comunicação é entendido como gesto. Para McNeill (1992), os gestos são essenciais na comunicação e inseparáveis da mensagem verbal; o autor considera a gestualidade como um sistema de coordenadas. Nesse sistema único, a linguagem e o gesto são expressos por meios verbais e espaciais, respectivamente. O gesto é produzido em paralelo e assume o planejamento da produção da linguagem.

Pesquisadores propuseram várias classificações para os gestos, traçando distinções semióticas ou funcionais (cf. Kendon, 2004). Uma classificação muito eficiente e prática é o *Kendon's continuum* (cf. McNeill, 1992; 2000), que será detalhado a seguir, pois é hoje comumente utilizado para explicar as relações semióticas entre fala e gesto. Na seção seguinte, apresentaremos os diferentes tipos de gestos.

McNeill (1992, p. 37), ao referenciar o trabalho de Adam Kendon, propõe o *Kendon's continuum*:

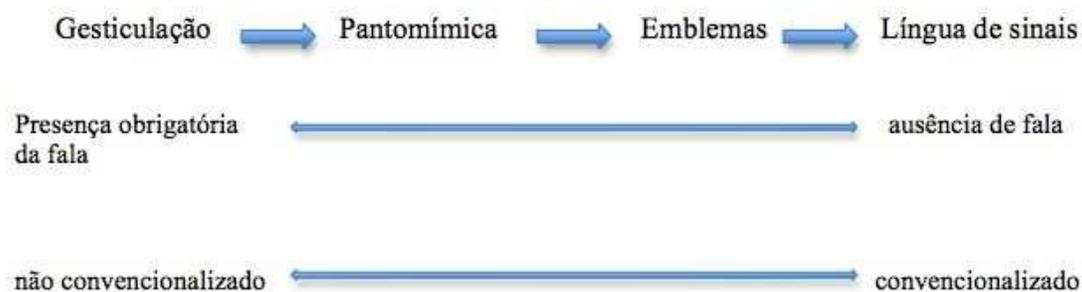


Figura 7: *Kendon's continuum*.

A gesticulação constitui-se pelo movimento idiossincrático e espontâneo das mãos e dos braços, o que podemos chamar de “discurso de acompanhamento” ou “gestos-discurso”. A pantomima é usada para definir uma ação, um objeto do mundo ou uma profissão, como, por exemplo: o uso do dedo indicador imitando a ação de cortar para referir o próprio objeto – a faca, a ação em si ou em algum uso metafórico. Os emblemas são gestos convencionalizados pelo uso em uma cultura, comunidade ou grupo social. Por exemplo: o gesto de girar o dedo indicador ao lado da orelha significa “loucura” no Brasil, mas na Argentina é usado para indicar que se fará uma ligação telefônica; eles são associados, geralmente, a uma expressão verbal fixa, mas podem ser utilizados sem a fala; são aprendidos conjuntamente com a primeira língua. As línguas de sinais são sistemas linguísticos (possuem segmentação, composicionalidade, léxico, sintaxe, traços distintivos etc.). Esses tipos gestuais são organizados em um contínuo em relação à sua ligação à fala, indo da gesticulação (presença obrigatória da fala) até a linguagem de sinais (ausência da fala).

McNeill (2000) amplia esse *continuum*, subdividindo-o em quatro categorias de relação.

Observemos:

Contínuo 1 – gesto relacionado à fala:

| Gesticulação                 | Emblemas                  | Pantomímica                  | Língua de sinais |
|------------------------------|---------------------------|------------------------------|------------------|
| presença obrigatória da fala | presença opcional da fala | ausência obrigatória da fala | <i>idem</i>      |

Figura 8: *continuum* 1 (cf. McNeill, 2000, p. 2).

Contínuo 2 – gesto relacionado às propriedades linguísticas:

| Gesticulação                          | Pantomímica | Emblemas                                      | Língua de sinais                      |
|---------------------------------------|-------------|---|---------------------------------------|
| ausência de propriedades linguísticas | <i>idem</i> | presença de algumas propriedades linguísticas | presença de propriedades linguísticas |

Figura 9: *continuum 2* (cf. McNeill, 2000, p. 3).

Contínuo 3 – gesto relacionado às convenções:

| Gesticulação          | Pantomímica | Emblemas                        | Língua de sinais              |
|-----------------------|-------------|---------------------------------|-------------------------------|
| Não convencionalizado | <i>idem</i> | Parcialmente convencionalizados | Totalmente convencionalizados |

Figura 10: *continuum 3* (cf. McNeill, 2000, p. 4).

Contínuo 4 – caráter da semiose:

| Gesticulação       | Pantomímica        | Emblemas               | Língua de sinais       |
|--------------------|--------------------|------------------------|------------------------|
| Global e sintético | Global e analítico | Segmentado e sintético | Segmentado e analítico |

Figura 11: *continuum 4* (cf. McNeill, 2000, p. 5).

McNeill (1992, p. 11) propõe duas formas de expressão apenas: fala e ação. A primeira é representada pelo material linguístico e a segunda pelo material gestual, aliado a outros recursos multimodais, como a postura corporal, o conhecimento partilhado, o conhecimento de mundo, o direcionamento do olhar, a prosódia, as expressões faciais em geral, o espaço, etc. Fala e gesto ocorrem em uma sincronia temporal muito fechada e podem apresentar sentidos idênticos.

Os gestos também exibem imagens que não podem ser expressas pela fala. Dessa maneira, gesto e fala cooperam mutuamente para expressar os sentidos pretendidos pelos sujeitos. O autor advoga a favor da concepção de que a linguagem e a gestualidade formam um sistema integrado singular. Contudo, salienta que esses gestos são diferentes daqueles construídos pelos movimentos corporais; a noção de “linguagem corporal” é um sistema independente da língua propriamente dita. Assim, “uma concepção de linguagem e gesto como um sistema único integrado é totalmente diferente da noção de uma 'linguagem

corporal' - um processo de comunicação utilizando sinais compostos por movimentos do corpo”<sup>40</sup> (McNeill, 1992, p. 11).

O autor tenta responder à indagação acerca de como os pensamentos humanos são desvendados e apresentados pelos gestos. Propõe, então, que os movimentos espontâneos podem ser chamados de gestos, geralmente de braços e mãos, e são sincronizados com a dinâmica da fala. A proposta de McNeill (1992) é especificar como fala e gesto estão ligados e como eles são diferentes. Gestos são instantâneos, imagéticos e globais.

Os gestos tornam as memórias e os pensamentos dos sujeitos visíveis. Eles abrem a possibilidade de um novo caminho de entendimento dos processos mentais, da linguagem e da interação entre as pessoas. O citado autor, ao longo de sua argumentação, elabora a noção de *growth point*. Essa concepção ontológica salienta que os componentes da gestualidade e da língua em uso estão relacionados e unidos em uma “unidade psicológica” mínima, que é responsável por combinar, em sua totalidade sincrônica, as expressões imagéticas e linguísticas (cf. McNeill, 1992, p. 219-220).

Tendo isso em vista, podemos supor que essa unidade é verificável empiricamente ao observarmos a relação entre fala e gesto em interações conversacionais. Ao longo desta Tese, trataremos da questão da complementariedade entre semiologias ao propormos a ideia de conjugação indicial em que fala e gesto estão relacionados de forma mutuamente constitutiva para a construção da referenciação dêitica de maneira intersubjetiva e interacional (também dependente da espacialidade, do contexto, do conhecimento partilhado, etc.). Isto é, a noção de imbricação proposta aqui é considerada um *growth point* específico – a referenciação dêitica.

### **3.2 Tipologia gestual**

---

<sup>40</sup> Tradução nossa para: “A conception of language and gesture as a single integrated system is sharply different from the notion of a 'body language' – a communication process utilizing signals made up of body movements, which is regarded by its believers as separated from and beyond normal language.” (McNeill, 1992, p. 11).

Por meio do exposto até aqui, percebemos que os gestos estão relacionados com a produção da fala, com a construção colaborativa das atividades linguístico-discursivas e com a interação. Para subsidiar nosso trabalho, focaremos nossos mecanismos de análise da relação fala e gesto na tipologia proposta por McNeill (1992).

Os tipos gestuais foram elaborados em observância às configurações semânticas dos gestos que emergem em relações formais fechadas com os conteúdos semânticos da fala: "o gesto revela não apenas a imagem da memória do locutor, mas também do ponto de vista particular que ele tinha tomado em direção ao gesto"<sup>41</sup>. (McNeill, 1992, p. 13).

Em seu sistema de transcrição, o gesto é descrito logo abaixo da elocução verbal, com pequenas marcações da dinâmica gestual. Sendo coexpressivos, gesto e fala são parcialmente sobrepostos. McNeill (1992, p. 13) apresenta o exemplo em que ambos, fala e gesto, se referem ao mesmo evento, mas apresentam diferentes aspectos dele. Portanto, gestos icônicos referem-se ao mesmo evento da fala e são complementares.

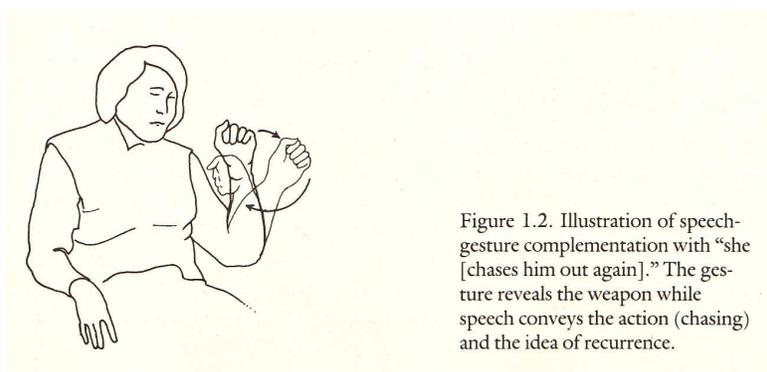


Figura 12: ilustração de McNeill (1992, p. 13) para gesto icônico de complemento ao enunciado verbal.

Nesse exemplo a produção verbal apresenta a ideia de perseguição e recorrência, enquanto que a gestualidade realizada (gesto icônico) apresenta a arma utilizada (um guarda-chuva). Fala e gesto se referem ao mesmo evento, mas apresentam alguns aspectos diferentes, além de serem parcialmente sobrepostos. O gesto, nesse caso, revela a apresentação da ação (“perseguição”) e a ideia de recorrência.

<sup>41</sup> Tradução nossa para: “The gesture reveals not only the speaker's memory image but also the particular point of view that he had taken toward it” (McNeill, 1992, p. 13).

McNeill (1992, p. 14) apresenta um exemplo em que um gesto metafórico funciona como uma metáfora de condução. O gesto empregado emerge como uma instância de condução da metáfora – a ideia do gênero é apresentada como o suporte da “tirinha”, representada pelas mãos que ilustram o formato dela. O locutor constrói uma forma concreta de uma imagem de um objeto, a “tirinha”.

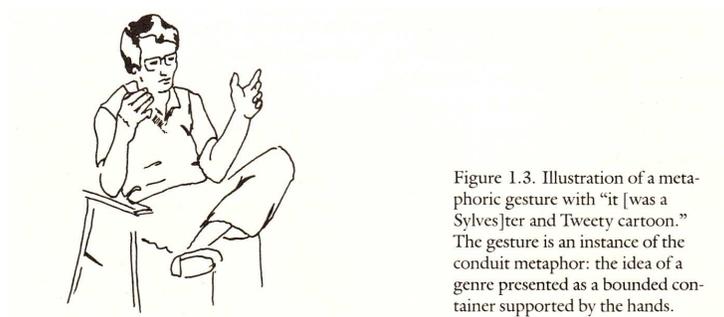


Figura 13: ilustração de McNeill (1992, p. 13) para gesto metafórico.

No exemplo acima, o enunciador emprega uma metáfora de conduta utilizando um gesto metafórico. Ele está se referindo ao gênero desenho animado, que é um conceito abstrato – constrói uma forma concreta de uma imagem de um objeto inserido em um espaço delimitado.

Percebemos, com o exemplo, que pelo menos em culturas ocidentais que possuem formações sócio-históricas até certo ponto semelhantes e imbricadas, a gesticulação pode funcionar como qualquer sistema linguístico, como podemos observar em casos extremos de ausência de fala nas línguas de sinais, que no caso do Brasil é a Libras.

Isso também é possível em contextos em que a fala está presente e o gesto também pode assumir características tipicamente linguísticas: possuir sequencialidade, estabelecer-se em classes, além de estruturar-se em configurações semânticas complexas, como no caso da metáfora. Assim:

Nós também falamos da 'apresentação' de um argumento ou ideia - o que implica que a comunicação é mais do que um caminho ou

conduta. A metáfora na qual a linguagem, o significado, o conhecimento, o gênero, as obras de arte, etc., são apresentados como um recipiente físico em que a substância é colocada e o todo é movido ao longo de uma conduta, tem sido chamada de a metáfora de conduta, veremos muitos exemplos de metáforas de conduta gestual neste livro. A imagem da conduta das ideias abstratas como recipientes físicos é, para os falantes educados na tradição da cultura ocidental, uma grande fonte de imagens metafóricas. No entanto, esta imagem não aparece em criações de falantes em outras tradições não-ocidentais (chinês, por exemplo).<sup>42</sup> (McNeill, 1992, p. 15).

Para além da metáfora de que os gestos conduziriam e/ou acionariam conteúdos linguísticos, os estudos sobre o gesto, nas últimas décadas, têm proposto tipologias que são apresentadas de acordo com as especificidades dessas pesquisas. Entre elas, a de McNeill (1992), que estudou sistematicamente a relação entre o pensamento e o gesto, tem mostrado que falantes produzem quatro tipos de gestos durante a conversação e quando narram histórias. Segundo o citado pesquisador, esses gestos desempenham um papel particular na narrativa relacionado a suas funções específicas. Em sua tipologia, McNeill (1992) distingue os seguintes tipos de gestos:

**Gestos icônicos** estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito, por exemplo, quando uma pessoa demonstra um objeto físico usando as mãos para mostrar seu tamanho. Eles são úteis porque adicionam o detalhe à “imagem mental” que a pessoa está expressando. O sincronismo que ocorre entre esse tipo gestual e o discurso estabelece se eles são “inconscientes” ou estão sendo produzidos propositalmente para o efeito intencional de tal significação. Em um uso “inconsciente”, a preparação gestual começará antes das palavras serem proferidas. No uso intencional, há uma pequena

---

<sup>42</sup> Tradução nossa para: “We also speak of the ‘presentation’ of an idea or argument – implying that communication is over a path or conduit. The metaphor in which language, meaning, knowledge, genre, works of art, etc., are presented as a physical container into which substance is put and the whole is moved along a conduit has been called the *conduit* metaphor; we will see many examples of gestural conduit metaphors in this book. The conduit image of abstract ideas as physical containers is, for speakers brought up in the tradition of Western culture, a major source of metaphoric images. However, this image does not appear with speakers brought up in other, non-Western traditions (Chinese, for example).” (McNeill, 1992, p. 15).

retardação entre a fala e o gesto. Podemos classificar um gesto como icônico se ele incluir uma relação formal estrita com o conteúdo semântico proferido pela fala (cf. McNeill, 1992, p. 12-14).

**Gestos metafóricos** são parecidos em sua superfície com os gestos icônicos, contudo, possuem a particularidade de referirem expressões abstratas. Eles estão alocados no espaço tridimensional e são usados para dar forma à ideia que está sendo explicada, com formas específicas como uma ondulação mais geral das mãos que simbolize a complexidade do que está sendo explicado. Em outras palavras, esses gestos assemelham-se aos icônicos porque também são pictóricos; no entanto, podem apresentar uma ideia abstrata, como um objeto concreto ou evento (uma imagem do invisível, de uma abstração) (cf. McNeill, 1992, p. 14-15).

**Gestos dêiticos** são os demonstrativos ou direcionais; geralmente acompanham as palavras como “aqui”, “lá”, “isto”, “eu” e “você”. São movimentos de apontar, tipicamente realizados com os dedos, embora qualquer extensão de objetos (objetos manipulados) ou do corpo (cabeça, nariz, queixo) possa ser usada. Também são chamados, na literatura sobre o assunto, de *pointings*. Os gestos dêiticos, que acompanham as narrativas, apontam geralmente para as entidades concretas (cf. McNeill, 1992, p. 18-19).

McNeill (1992, p. 18) apresenta um exemplo de gesto dêitico:

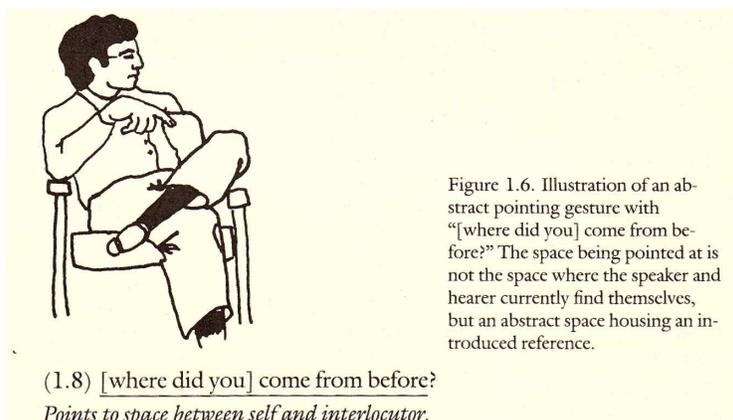


Figura 14: ilustração de McNeill (1992, p. 18) para gesto dêitico abstrato.

No exemplo acima, o gesto não aponta um lugar físico no espaço da enunciação, mas um conceito abstrato – “onde ele tem estado ultimamente”. McNeill

(1992) assinala, também, que o *locus* físico desse apontamento fica em outra cidade. Mesmo que o *pointing* tenha a função de indicar objetos e eventos no mundo concreto, em alguns casos os gestos de apontar apresentam lugares abstratos ou que não estão presentes no momento da enunciação, como é o caso do exemplo apresentado acima. Dessa maneira, o autor propõe que os “gestos de apontar abstratos contêm uma imagem metafórica deles mesmos nas quais a ideia abstrata tem um *locus* físico”<sup>43</sup> (McNEILL, 1992, p. 18).

**Gestos ritmados** (*beats*) são nomeados assim porque aparecem como o tempo da batida musical; as mãos se movem no mesmo ritmo da pulsação da fala (cf. McNeill, 1992, p. 15). Podem ser realizados com a batida rítmica de um dedo, da mão ou do braço. Aparecem ligados ao ritmo da fala conferindo uma estrutura temporal ao que é dito e enfatizando a força combativa do argumento, independentemente do conteúdo expressado, usados conjuntamente com o discurso. Marcam e mantêm seu ritmo, evidenciando determinadas palavras ou frases.

Segundo McNeill (1992, p. 19), os gestos não são inferiores à língua pelo fato de também apresentarem sentidos e expressividade. Contudo, mesmo que os gestos não apresentem menos sentidos que a língua, eles possuem modalizações fundamentalmente diferentes. A língua possui sentido segmentado e linearizado. Esses fenômenos, por sua vez, formam uma hierarquia característica de todos os sistemas linguísticos, incluindo as línguas de sinais (Libras, por exemplo). Essa característica de linearização e segmentação é justificada pelo fato de a língua ser unidimensional, enquanto que seus sentidos são multidimensionais. Os gestos são diferentes porque, mesmo que eles sejam multidimensionais por definição e apresentem sentidos complexos, não se submetem à segmentação e à linearização.

O sentido dos gestos é sempre global e sintético, e nunca hierárquico. Observemos o seguinte exemplo:

---

<sup>43</sup> Tradução nossa para: “abstract pointing gestures imply a metaphorical picture of their own in which abstract ideas have a physical locus.” (McNEILL, 1992, p. 18).

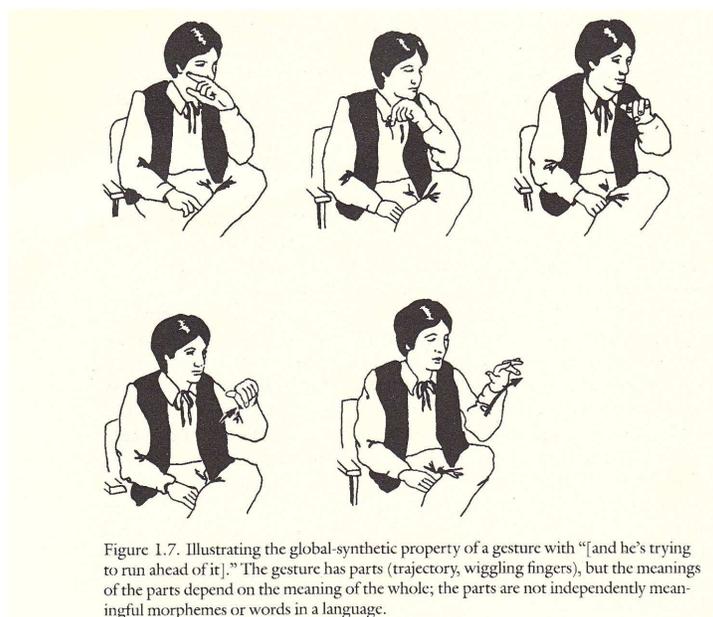


Figura 15: ilustração de McNeill (1992, p. 20) para a propriedade sintético-global do gesto.

No exemplo acima, podemos observar que os sentidos dos gestos dependem dos sentidos das sentenças verbais. Segundo o autor, os gestos não são significados independentemente das palavras da língua. Assim, o sentido do gesto é global porque a sentença gestual não é composta externamente ou separada da significação linguística; e sintético porque combina diferentes elementos de sentido (cf. McNeill, 1992, p. 20).

### 3.3 A questão da visibilidade dos dados gestuais

Tendo especificado a nossa base tipológica para os gestos, o que nos possibilita, por exemplo, diferenciá-los por meio de suas características semânticas, bastava decidir, ainda, pela melhor maneira de dar visibilidade, na transcrição, aos dados gestuais observados em nosso *corpus* de pesquisa. Os trabalhos de Goodwin (1995; 1999; 2000a) serviram de base para essa questão, por tornarem visíveis gestos dêiticos em interações entre afásicos e não afásicos. As vantagens estão relacionadas à inscrição do gesto internamente à enunciação.

Selecionamos o exemplo de transcrição, logo abaixo, para ilustrar a visibilidade parcial do fenômeno. No caso, apenas dois momentos breves de duas conjugações indiciais são mostradas. Dessa forma, não temos visível a frase gestual por completo nem seu alinhamento sincronizado com a fala, o que demanda a descrição da gestualidade na análise.

Vejam os exemplos:

(6)

|    |          |                                |
|----|----------|--------------------------------|
|    | <b>A</b> | <b>B</b>                       |
| 18 | Wife:    | Just jelly?                    |
| 19 |          | <b>A</b> (1.0)                 |
| 20 | Husband: | No-                            |
| 21 |          | (0.9)                          |
| 22 | Nurse:   | [ Lemme show ya.               |
| 23 | Wife:    | [ English muffin.?             |
| 24 |          | (0.3)                          |
| 25 | Husband: | <b>B</b> <u>Yes</u> .          |
| 26 |          | (0.3)                          |
| 27 | Wife:    | Do you want an English muffin. |
| 28 |          | (0.4)                          |
| 29 | Husband: | <u>Yes</u> .                   |

Figura 16: transcrição multimodal (cf. Goodwin, 1995, p. 13).

Outro recurso multimodal importante para a produção gestual visualizada no dado seria o direcionamento de olhar. Observamos, por exemplo, que quando o gesto “A” é expresso, o indivíduo afásico em questão está olhando para a câmera. Em outro exemplo de uma transcrição multimodal, apresentado por Goodwin (2003c) em uma análise de uma interação entre um indivíduo afásico e outro não afásico, que se segue abaixo, o afásico em questão ajusta seu *pointing* de dedo indicador de mão esquerda na medida em que seu alvo referencial não está sendo compreendido pelo seu interlocutor. Vejam a transcrição:

**Chuck**                      **Chil**

*Pastries*

1 Peggy: It's very nice outdoor.  
2 You want to walk a little bit.

3 Chil: Yes.  
4 No No Nuh dih dah  
5 (0.9)

6 Chil: Uhm,  
7 (2.9)

8 Chuck: Aww: Bagel?  
9 (0.3)

10 Chil: No no  
11 (0.4)

12 Chuck: Put this away?

13 Peggy: Scuse me.  
14 Chil: Nah.

15 Chuck: Chocolate?  
16 Chil: Naw no.  
17 Chuck: Do you want something to eat.  
18 (1.5)

19 Chuck: Aw oh Look at the movies.  
20 Chil: Yes.  
21 Chuck: Yeah I'm trying.  
22 There's this um (0.2) uh

Figura 17: transcrição multimodal (cf. Goodwin, 2003c, p. 11).

Essa transcrição, devido ao recurso multimodal de emprego de foto dos gestos realizados no enquadre comunicativo em questão, informa-nos sobre a complexidade do espaço em que a ação referencial se desenrola. Diferentes domínios de objetos estão dispostos sobre a mesa da cozinha, onde Chil e Chuck tomam o café da manhã e leem o jornal. Chil, ao apontar o objeto de referência pretendido, não obtém o entendimento por parte de seu interlocutor que aciona o tópico “café da manhã” sem perceber que seu interactante também lia o jornal, como ele o fazia. Chil aproxima seu *pointing*, mas seu gesto ainda é entendido no campo da referência a alimentos do café da manhã. Ao praticamente encostar seu dedo indicador estendido no objeto indicado, Chil consegue referenciar o caderno de cultura (filmes) do jornal, objeto pretendido desde o começo da interação.

Em suma, o enquadramento adequado para a análise do gesto de Chil não é a mão de forma isolada ou mesmo o corpo inteiro para realizar o gesto, mas sim, ao invés disso, um quadro de participação compartilhada, organizada de forma a constituir um foco comum de atenção.

Os gestos e sua direcionalidade são mais visíveis quando o autor insere o desenho deles e a *f-formation* em questão. Isso é observável no terceiro exemplo de transcrição realizada por Charles Goodwin que é o seguinte:

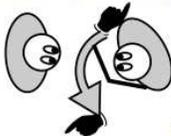
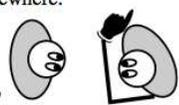
|    |        |                       |   |
|----|--------|-----------------------|---|
| 9  | Chil:  | No. No.               |   |
| 10 | Chuck: | No.                   |   |
| 11 |        |                       | (1.0)   |
| 12 | Chil:  | Dih dih dih. Dih Duh. |   |
|    |        |                       |                        |
|    |        |                       | ((Does Gesture Twice))  |
| 13 |        |                       | (0.2)   |
| 14 | Chuck: | Going somewhere.      |   |
|    |        |                       |                        |
| 15 |        | In the Car?           |   |
| 16 |        |                       | (0.2)   |
| 17 | Chil;  | No. no.               |   |
| 18 |        |                       | (0.4) ((New Gesture Starting from Point Hand makes Arc down rather than horizontal))                    |
| 19 | Chuck: | Is it about Mom?      |   |
| 20 |        |                       | ((Chil makes a series of looping gestures starting from his knee and moving toward his right shoulder)) |
| 21 |        |                       | (0.5)   |
| 22 | Chil:  | Ye:: No.              |   |

Figura 18: transcrição multimodal (cf. Goodwin, 2000b, p. 69).

Esse exemplo é interessante porque inscreve o gesto dêitico e seu direcionamento no espaço, além do direcionamento dos olhares dos interactantes na ação, por meio do recurso de ilustração gesto. Contudo, ainda é necessário que a gestualidade seja descrita.

No exemplo de transcrição abaixo, Fillettaz (2005) emprega conjuntamente: i - as notações para a gestualidade propostas por Kendon (2004); ii - as indicações de recursos multimodais realizadas, geralmente, por analistas da conversação; iii - fotos dos gestos transcritos e analisados; iv - setas que apontam, nas imagens, os gestos transcritos.

Observemos o exemplo:

1 OSs : [...]...je te- . c'est quand tu veux\  
 MD |A.....->  
 2 c'est quand tu veux on va faire une fois/  
 MD >.....|  
 3 on a fait UNE fois/. c'est fini là\  
 MD |B.....\_| |C.....\_|

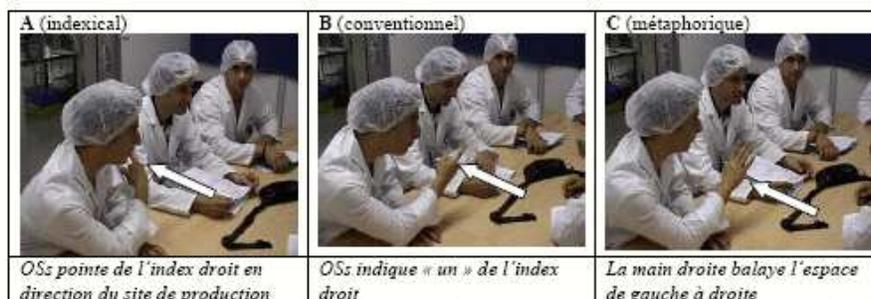


Figura 19: transcrição multimodal (cf. Fillettaz, 2005, s/p)

Esse modelo de transcrição dá visibilidade ao gesto inscrito na sequencialidade da interação face a face, bem como salienta os recursos multimodais empregados no dado. Também é interessante porque o autor alia os vários trabalhos que elencamos nesta Tese ao conjugar o sistema de notação gestual de Kendon (2004) com a transcrição sequencial da interação.

Tivemos contato com o artigo de Fillettaz (2005) recentemente, o que não nos possibilitou que o citado modelo de transcrição fosse considerado na fase inicial desta pesquisa, na qual estávamos as voltas com a elaboração de nossa proposta de notação para a gestualidade na sequencialidade conversacional. Contudo, o emprego da imagem para ilustrar o gesto realizado não mostra claramente ele em sua totalidade. O não emprego do recurso “foto” do gesto não é realizado em nossas transcrições não por questões técnicas de uso de ferramentas para tratamento de dados audiovisuais, mas sim por nossa postura teórico-metodológica em relação à maneira que pretendemos dar visibilidade ao dado.

Tendo em vista o que discutimos até o momento nesta seção, no capítulo seguinte explicitaremos nossas opções teórico-metodológicas para a transcrição de nossos dados de interações entre afásicos e não afásicos. Essas opções visam, basicamente, a sustentar nossas hipóteses iniciais.

## 4 METODOLOGIA, CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E TRANSCRIÇÃO

### 4.1 Aspectos teórico-metodológicos em torno da transcrição

Uma das questões desta tese está relacionada ao problema da visibilidade da dimensão multimodal do fenômeno focalizado (a referenciação dêitica) e sua transcrição. Até que ponto, perguntávamos inicialmente, a nossa postura analítica dizia respeito apenas ao modelo de apresentação dos dados (fotos, imagens, desenhos, etc.) ou à conceptualização teórica dos elementos considerados extralinguísticos. Existem várias modalidades semióticas agindo conjuntamente para as significações instauradas intersubjetivamente nas interações?

Enfrentamos, basicamente, questões relativas às convenções de notações de transcrição que privilegiassem, também, o material não verbal utilizado na quebra de ambiguidades linguísticas, na complementação de sentido, no acionamento de pressupostos, etc. Dessa maneira, no início desta pesquisa nós dinamizamos a transcrição já realizada em alguns casos pelo grupo de pesquisa COGITES, no intuito de transcrever o dado de forma a possibilitar a reconstrução da interação e marcação dos recursos multimodais empregados quando necessário. Entretanto, o sistema de transcrição que empregávamos nos possibilitava apenas descrever a gestualidade realizada, o que dificultava tal empreendimento de visibilidade do fenômeno observado em nosso *corpus*.

Então, num primeiro momento, nós empregamos o sistema de notação acordado e utilizado pelo grupo. Algumas marcações gestuais eram realizadas com a descrição do gesto logo na linha abaixo da locução verbal; também marcávamos algumas ocorrências prosódicas, contudo, não nos detínhamos muito em pausas muito breves (microsegundos).

A questão da transcrição é importante para o COGITES, abordado de forma específica no âmbito dos projetos *AphasiAcervus* (cf. Morato *et al.*, 2006) e “Modalinter” (cf. Morato *et al.*, 2009). Dessas abordagens resulta o uso de sistema de transcrição variado a depender do enfoque das pesquisas realizadas no âmbito do grupo. Nós utilizávamos o modelo 2006 (cf. Anexos). Depois desse período, o grupo de pesquisadores tem trabalhado com sistemas de notação variados, mais ou menos detalhados, que procuram levar em conta

as especificidades dos estudos por eles desenvolvidos. Nós, nesta pesquisa, incorporamos algumas notações do modelo 2007 (cf. Anexos).

Num segundo momento, percebemos que a opção pela transcrição dos dados não abarcava todos os fenômenos gestuais observados, principalmente a questão da estruturação das frases e fases gestuais, bem como da conjugação entre fala e gesto na sequencialidade discursiva. Começamos, então, a realizar transcrições de nossos dados utilizando as notações de transcrição da gestualidade propostos por Kendon (2004). Por um lado, a possibilidade aberta pelo autor para a transcrição dos gestos sincronizados com as elocuções verbais, usando apenas algumas marcações para a dinâmica “frásica” (preparação, *stroke*, sustentação, etc.), solucionou vários problemas relativos à sequencialidade da conversação e à descrição dos gestos. Por outro, as transcrições do referido autor não visam às questões conversacionais (sequencialidade, por exemplo) e são apresentadas em exemplos específicos, sem interesse pelo enquadre comunicativo, pelo desenvolvimento do tópico discursivo, etc.

Começamos, desse modo, a conjugar o modelo do citado autor com o “modelo Jefferson” (cf. Loder, 2008), utilizado de forma recorrente no campo da Análise da Conversação. Dessa forma, num terceiro momento, sabendo dos problemas e fenômenos não demonstrados na transcrição e que nos interessavam, desenvolvemos uma proposta de sistema próprio de notação de transcrição. Ou seja, passamos a utilizar o modelo Jefferson como base, aliado à transcrição da gestualidade proposta por Kendon (2004). Também começamos a marcar o tipo de gesto e sua direcionalidade, usando um sistema simples de iniciais de partes do corpo conjuntas com setas de direcionamento. Veremos isso com mais detalhes na seção seguinte.

Os trabalhos desenvolvidos no âmbito da chamada Análise da Conversação, como os de Goodwin (1995), Mondada (2003; 2006a, 2006b) e Schegloff (1992), pelo fato de expandirem a análise das interações conversacionais humanas para além do contexto estritamente linguístico, apresentaram-se como pilares teórico-metodológicos do empreendimento analítico dos dados desta pesquisa.

Para nossos fins teóricos, autores afinados com a análise da multimodalidade foram convocados no intuito de consolidarmos uma articulação teórico-metodológica para

nosso trabalho, fornecendo possibilidades de análise dos recursos não verbais envolvidos na significação. Como nosso *corpus* é constituído de conversações e também registrado em audiovisual, ele fornece subsídios para uma reflexão analítica nos moldes indicados pelas noções de base.

A metodologia a ser empregada nas análises não poderia ser classificada como multimodal, nos termos praticados por analistas da conversação, já que a análise qualitativa de dados audiovisuais aqui praticada não utiliza certos recursos visuais, como vimos na seção anterior. O termo é empregado relativamente ao fenômeno da multimodalidade, e não como modelo de análise, como recurso multimodal empregado na transcrição. Com este propósito, os gestos, as posturas corporais, os direcionamentos do olhar e as posições espaciais dos sujeitos em interação são analisados como processos atuantes na significação e na condução das centrações indiciais das interações.

Este estudo, em termos gerais, pretende articular os recursos verbais e não verbais convocados ou emergentes na interação, na significação e na realização de atividades sociais. Isso significa, em termos teórico-metodológicos, que por meio de determinadas categorias de análise, em nosso caso os processos referenciais dêiticos, focalizaremos as formas não verbais gestuais, utilizadas pelos participantes na interação, com o intuito de explorar as relações entre linguagem verbal, recursos multimodais e cognição.

Em áreas da linguística que se interessam pela língua em uso e pela oralidade é possível observar uma preocupação com os sistemas de transcrição, seus modelos analíticos, os fenômenos que devem ser abarcados, etc. Vários estudos e modelos foram discutidos, bem como questões relacionadas a obtenção e tratamento dos dados linguístico-interacionais.

Este trabalho, contudo, não se limita ao emprego dos métodos de uma área linguística em específico. Ao contrário, visa a estabelecer nossas bases teóricas para a constituição de nosso modelo de transcrição. Bucholtz (2007) afirma que:

em ambos os programas, do estudo linguístico sociocultural e das Ciências da Linguagem em geral, uma questão que resiste, concernente a preocupação com relação à transcrição de linguagem

falada, é a confiabilidade na validade das transcrições (...). A maioria dos estudos que abordam este tema, conceituam as diferenças entre representações escritas dos mesmos dados de fala como um obstáculo metodológico e propõem técnicas para superar este problema percebido. Entre alguns autores há uma tradição emergente de lamento sobre a variabilidade entre transcritores e transcrições, um fenômeno caracterizado, geralmente, por seus críticos como 'inconsistência', 'imprecisão', ou 'erro'. Em poucos casos os pesquisadores reconhecem que as diferenças entre transcritores ou outras formas de variabilidade dentro do processo de transcrição pode ser de valor analítico (...).<sup>44</sup> (p. 785).

Dessa maneira, podemos constatar que as transcrições também apresentam variações que são resultado da perspectiva analítica adotada pelo transcritor/teórico sobre certos fenômenos que ele visa a descrever e analisar. Bucholtz (2007, p. 786) mostra quatro tipos variacionais na transcrição. A primeira variação envolve questões básicas de transcrição, dependendo da perspectiva teórico-metodológica do pesquisador, tendo diferentes representações de um mesmo trecho de uma dada conversa. Por exemplo, uma delas pode ser discursiva, por pretender dar visibilidade aos mecanismos enunciativo-interacionais, e outra fonética, por focar a estrutura do discurso.

A segunda é representada pelas diferenças intencionais e deliberadas propostas pelo analista, reproduzindo transcrições de outros ou adicionando detalhes em seus modelos. A terceira envolve a variabilidade na notação ortográfica utilizada. Por exemplo, alguns trechos transcritos discursivamente podem apresentar marcações fonéticas quando necessários como voz em tom baixo, alongamento vocálico, entonação, etc.

A quarta preocupação variacional diz respeito às diferenças de “tradução” das variações linguísticas em uma determinada língua. Alguns podem adequar certas palavras à

---

<sup>44</sup> Tradução nossa para: “Within both sociocultural linguistic scholarship and the language sciences more generally, an issue of enduring concern with respect to the transcription of spoken language is the reliability and validity of transcripts (...). Most of the studies that address this topic conceptualize differences between written representations of the same spoken data as a methodological obstacle and propose techniques for overcoming this perceived problem. Among some authors there is an emerging tradition of lament concerning variability across transcribers and transcripts, a phenomenon usually characterized by critics as ‘inconsistency’, ‘inaccuracy’, or ‘error’. In only a few cases do researchers recognize that differences between transcribers or other forms of variability within the transcription process can be of analytic value (...).” (BUCHOLTZ, 2007, p. 785).

norma padrão, alterando um “ocê” por “você”. Essa decisão tem consequências analíticas e políticas significativas.

Duncan (2005) trata de alguns pontos importantes que servem de base para as práticas de transcrição que dão visibilidade à sincronia fala e gesto. Essas práticas são semelhantes à maneira como procedemos nas transcrições realizadas nesta pesquisa. Os procedimentos são relativos à hipótese para a elaboração do *corpus*, à análise dos dados, à revisão da transcrição, à aplicação de novos testes e à aceitação provisória do juízo analítico sobre os gestos em geral, à verificação da sincronia dos gestos com a fala e à visibilidade dos significados gestuais.

A autora elenca oito passos sucessivos para a transcrição e análise de dados audiovisuais que servem de fonte para a observação da sincronia entre fala e gesto com certo grau de precisão. Isso permite que o analista realize a avaliação da maneira como os movimentos gestuais significativos coocorrem ao enunciado verbal sílaba por sílaba.

Esse rigor procedimental é importante na perspectiva de trabalho da referida autora. Nossa proposta, contudo, não visa a se inscrever no âmbito da discussão sobre os métodos e procedimentos de transcrição, mas sim, a realizar uma análise qualitativa da relação entre fala e gesto a partir do *corpus* constituído por dados audiovisuais de interações entre afásicos e não afásicos. Tendo isso em vista, podemos afirmar que a transcrição depende das próprias bases teórico-metodológicas da pesquisa. Assim:

Antes de mais nada (*sic*), é importante ter em mente que, qualquer que seja o modelo de transcrição empregado, ele sempre estará a serviço de propósitos teóricos específicos. Em outras palavras, *não* há modelo nem convenções de transcrição que sejam *neutros*; ao produzir uma transcrição, se está sempre balizado pelos interesses teóricos de pesquisa. É isso o que se quer dizer quando se diz que produzir uma transcrição faz parte do processo de análise (...); ao fazer a transcrição, o olhar do transcritor está orientado a motivações teóricas e analíticas às quais a transcrição deve satisfazer. Assim, por exemplo, em uma transcrição fonética (seguindo, por exemplo, as convenções da Associação Internacional de Fonética – IPA), centrada nas diferentes nuances articulatórias na produção de elocuições, empregam-se convenções e formatação próprias que permitem registrar os fenômenos de interesse em Fonética. No caso de pesquisas em que o foco central é evidenciar o

caráter sequencial e dialógico do uso da linguagem (...), outras convenções e formatação serão necessárias. (LODER, 2008, p. 131-132).

Nosso olhar sobre nossos dados de atividades referenciais extraídas de práticas enunciativo-discursivas salienta que, mesmo existindo restrições das condições neurológicas (em relação à fala, ao movimento, etc.), os indivíduos afásicos utilizam, ainda, a fala e o gesto imbricados<sup>45</sup> para se exprimirem, como demonstram os dados do acervo do grupo de pesquisa COGITES.

São observáveis, na presença de uma linguagem na qual se mostram alteradas determinadas categorias linguísticas, o uso incisivo de uma gestualidade dêitica (mutuamente constitutiva, enfática e complementar), bem como expressões interjetivas e gestos variados para significar. O fato é justificado empiricamente: em determinadas circunstâncias interativas e práticas discursivas observa-se que a referenciação, sendo parte integrante da enunciação (cf. Morato, 2001), envolve, também, processos e estratégias semântico-pragmáticas.

O fenômeno de referenciação, portanto, ilustra a ideia da significação como um fenômeno sócio-cognitivo, no qual o signo passa a ser concebido interno à significação, por explicitar, enunciativa e localmente, os processos de significação nela envolvidos: por constituir-se em instâncias pragmáticas e culturais, presidindo a utilização da linguagem; por marcar-se em aspectos sociais e intersubjetivos (cf. Morato 2005).

De posse desta ideia, a concepção da noção de conjugação indicial surgiu de indagações a respeito de como dar visibilidade à perspectiva adotada frente à linguagem, como também refletir acerca da seguinte questão: o alinhamento entre fala e gesto depende da análise? O importante, neste ponto, é ressaltar que a transcrição é influenciada por nossa postura teórica, tendo em vista a necessidade de dar visibilidade ao fenômeno teorizado. Ressaltamos também o tratamento que o *corpus* recebe e que a maneira de obtenção dos dados influencia a teorização linguística.

---

<sup>45</sup> No sentido de ação conjunta de vários modos de expressão: linguístico, corporal (postura no mundo), gestual, expressão facial, etc.

## 4.2 Sobre o sistema de transcrição gestual

Traçaremos algumas considerações sobre a análise de dados audiovisuais de interações entre afásicos e não afásicos, observando os processos referenciais dêiticos. Em nossa hipótese, existiria uma estreita relação de mútua constitutividade entre fala e gesto na atividade referencial. Para investigarmos essa hipótese, tivemos que adequar nosso sistema de transcrição para que pudéssemos visualizar as ocorrências conjugadas de dêiticos verbais e não verbais e também qualificá-las.

Consideramos como base empírica desta pesquisa um *corpus* já constituído, digitalizado e transcrito linguisticamente de acordo com convenção de notação definida pelo grupo no decorrer do projeto Fapesp (03/02604-9), utilizando basicamente os dados obtidos em 2004 no âmbito do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), a ser descrito mais adiante.

Ao final do primeiro ano da pesquisa, tínhamos clara nossa hipótese por meio da observação e análise de dados, mas ainda não havíamos definido um sistema de transcrição adequado teórico-metodologicamente à nossa proposta inicial e com o fenômeno de conjugação indicial que observávamos nas interações analisadas.

A primeira ideia foi marcar as ocorrências como sobreposição de turnos porque essa era a melhor possibilidade encontrada no sistema de transcrição inicial. Isso era necessário para mostrarmos o exato momento de ocorrência das conjugações entre elementos verbais e não verbais.

Nesse processo de elaboração de recursos de transcrição, para que pudéssemos dar visibilidade ao fenômeno que observamos nos dados, encontramos o trabalho de Kendon (2004), internacionalmente conhecido por sua pesquisa sobre os gestos e as condutas comunicativas.

No trabalho em questão, o autor propõe notações de transcrição tanto para o processo gestual (sintaxe), quanto para a qualificação da ocorrência. Sobre esse modelo de transcrição e o do próprio grupo de pesquisa que desenvolve este projeto é que elaboramos notações que representam tanto aspectos verbais, quanto não verbais (algumas marcações

prosódicas e gestuais). Devido a esse fator, lançamos mão da pesquisa e adaptação de modelos de transcrição gestual. O trabalho de Kendon (2004) foi importante no processo porque possibilitou-nos a transcrição da progressão gestual, bem como a qualificação dos gestos observados.

Em nosso *corpus*, existe a ocorrência de grande quantidade de conjugações indiciais, isto é, o dêitico verbal aparece sempre conjugado a um gesto. Essa diferenciação nos fornece, além do auxílio na transcrição do material gestual, subsídios empíricos para uma análise qualitativa da relação entre as várias semioses que constituem a significação. Analisamos, também, as ocorrências de gestos com ausência de fala e as ocorrências de verbalizações sem gestualidades conjugadas.

Inspirados pelo trabalho de Kendon (2004), elaboramos um sistema de notação de transcrição que considera a sequencialidade gestual formada por fases e frases, bem como sua sincronia com a elocução verbal, sua morfologia (*hand shapes*, por exemplo) e sua semântica. As frases gestuais são transcritas logo abaixo da elocução verbal, após as iniciais do nome do interactantes em caixa baixa. As elocuições verbais são colocadas antes porque a sincronia é estabelecida tendo-as como base temporal. Após a transcrição dos gestos, marcamos, entre parênteses, a configuração gestual expressa.

Quando necessário, marcamos gestos não dêiticos ou movimentos também; para tanto, sinalizamos a frase gestual realizada e marcamos ao final a tipologia gestual, usando as abreviações “MP” para movimentos práxicos, “GM” para gestos metafóricos, “GI” para gestos icônicos e “GR” para gestos ritmados. Também marcamos o alvo referencial usando a sigla “AR”.

Os gestos dêiticos e outros movimentos não gestuais, como o direcionamento do olhar, são marcados utilizando o sistema trazido abaixo:

| Frases gestuais  | Partes do corpo: braço/mão   | Partes do corpo        | Direcionalidade  |
|--|------------------------------|------------------------|------------------|
| Preparação (P): ~~~~~  | Mão direita: md              | Corpo: co              | Para esquerda: ← |
| Preparação e gesto não são distinguíveis facilmente: ~*~*~*~ | Mão esquerda: me             | Cabeça: ca             | Para direita: →  |
|  | Mão aberta para cima: abc    | Ombro: om              | Para frente: ↑   |
|  | Mão aberta para baixo: abb   | Boca: bo               | Para baixo: ↓    |
| Gesto (G) (“stroke”): *****                                  | Mão aberta para o outro: abf | Olho/olhos/olhar: ol   | Para cima: ↑     |
| Gesto sustentado: *****                                      | Mão aberta para si: abt      | Olho direito: old      | Para si mesmo: ∩ |
| Gesto recuperado: -.-.-                                      | Mão fechada para cima: fec   | Olho esquerdo: ole     | Afirmação: +     |
| Fases da ação gestual são separadas por  : ***** *****       | Mão fechada para baixo: feb  |                        | Negação: -       |
|  | Mão fechada para outro: feo  | <b>SHAPES</b> -        |                  |
|  | Mão fechada para si: fes     | descritos logo abaixo  |                  |
|  | Polegar: pol                 | do contexto do dado:   |                  |
|  | Indicador: ind               |                        |                  |
|  | Médio: med                   | GM: gesto metafórico;  |                  |
|  | Anular: anu                  | GI: gesto icônico;     |                  |
|  | Míndinho: min                | GR: gesto ritmado;     |                  |
|  |                              | MP: movimento prático; |                  |

**Observação:** Direcionalidade e tipologia gestual (*hand shapes*) são marcadas entre parênteses ( ) ao final da linha.

Figura 21: sistema de transcrição gestual.

O movimento metodológico de adaptação de notações de transcrição levou-nos à constatação de que com poucas marcações é possível dar visibilidade à ocorrência gestual. Em nosso caso, focalizamos os gestos de cabeça e mão, seguindo a proposta de Kendon (2004). Isso nos auxiliou na própria observação do dado audiovisual, já que nosso *corpus* é composto por interações coletivas, em torno de oito participantes ou mais, e

gravadas apenas com uma câmera, o que dificulta a visualização de várias ocorrências, principalmente o direcionamento do olhar e certos movimentos corporais.

### **4.3 Sobre a constituição do *corpus* e seleção dos dados**

Nosso *corpus* é formado por dados audiovisuais de situações interativas desenvolvidas no âmbito do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – UNICAMP, “um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas” (Morato *et al.*, 2002).

Nossos dados referem-se a gravações dos 32 encontros do grupo do CCA, ocorridos semanalmente com três horas de duração, realizados no decorrer do ano de 2004 (em torno de 96 horas de gravações). Os dados foram selecionados do *corpus* descrito acima. Desse conjunto de dados, que constituiu nosso *corpus*, selecionamos alguns para transcrever e analisar de maneira qualitativa o fenômeno em foco nesta Tese.

As atividades do grupo de interação entre afásicos e não afásicos, coordenado por Edwiges Morato, são divididas em alguns programas específicos, como o Programa de Linguagem – que procura explorar aspectos que constituem a linguagem em funcionamento e suas diferentes configurações – e o Programa de Teatro – que procura possibilitar a reorganização expressiva da corporeidade do sujeito cérebro-lesado e refletir sobre as atividades cotidianas. A pausa para o Café – momento sem regras definidas, reunião para um “bate-papo” informal – esse é um momento em que, devido a sua própria constituição, acontecem interações interessantes para a discussão da afasia do ponto de vista da Linguística (*cf.* Morato *et al.*, 2002).

Segundo Morato (2009, p. 3-4):

as reuniões semanais do CCA, da qual participam 8 sujeitos afásicos e 4 sujeitos não-afásicos (pesquisadores do COGITES), desenvolvem-se em três horas, são assim organizadas: na primeira hora, o grupo se dedica às atividades do Programa de Linguagem, no qual se procura explorar aqueles aspectos verbais e não-verbais que constituem o modo de existência da linguagem (conversações, comentários, relatos, explicações, leituras, etc.) por meio de ações

planejadas (como discutir temas do noticiário ou algum tópico de interesse coletivo, integrando linguagem oral e escrita, bem como outras semioses não-verbais; organizar ações comuns, como a projeção de filmes escolhidos pelos integrantes do grupo ou planejar alguma palestra ou visita a algum evento cultural; selecionar jogos dos quais participam os integrantes do grupo; etc.). Em seguida, o grupo faz por cerca de meia hora uma pausa para um café que é preparado coletivamente no próprio espaço físico em que ocorrem as reuniões do Centro. Nesta modalidade de nossa metodologia dá maior espaço para o discurso cotidiano, pois nesse momento vão se estabelecendo ou se fortalecendo ainda mais – em função da cena cotidiana característica que se evoca – os quadros interativos entre os integrantes, do qual as afinidades eletivas entre os sujeitos e a consolidação de um conhecimento partilhado são exemplares. Em seguida ao café, desenvolve-se, também por cerca de uma hora, o Programa de Expressão Teatral, que tem explorado técnicas e recursos cênicos com vistas à reorganização expressiva dos sujeitos afásicos, e também à exploração de ações reflexivas sobre as significações verbais e não verbais.

Devido a esses encontros estarem registrados em audiovisual na íntegra, possuímos um rico material de interações ordinárias espontâneas. Morato (2009, p. 5-6), a propósito da complexidade do acervo de dados, mostra que eles compõem-se por:

- i - diversas interações: entre afásico e não afásico, afásico e afásico, não afásico e não afásico;
- ii - particularidades do discurso oral em situações conversacionais face-a-face;
- iii - particularidades da linguagem afásica, como parafasias, agramatismos, alterações articulatórias, apraxias, perseverações, etc.;
- iv - diversas configurações textuais e práticas discursivas simultâneas (ora mais orientadas, ora menos orientadas; ora desenvolvidas coletivamente, ora em subgrupos conversacionais simultâneos).

Tendo, então, por base o acervo de dados *AphasiAcervus* (cf. Morato *et al.*, 2006) já constituído no interior de atividades e projetos realizados pelo grupo COGITES,

procedemos a uma análise qualitativa de nossos dados, que se mostram exemplares do que acontece em um *corpus* bem maior. Segundo Marcuschi (2001b, p. 40):

Quantidade e qualidade não se opõem, mas se complementam a depender do que está em jogo. Assim, em certas condições de trabalho, como no caso das análises da interação verbal, a preferência pela metodologia qualitativa é inevitável. Em conclusão, diria que a discussão da relação entre análise qualitativa e quantitativa não se limita a contrapor interpretações a cálculos, pois ambas podem ser combinadas e cada uma oferece suas vantagens e desvantagens. O essencial é que se tenha presente, sempre, os objetivos da investigação e que em todos os casos se ande bem calçado por uma teoria de base. O perigo maior não está propriamente na metodologia adotada e sim na falta de uma perspectiva teórica definida.

Tendo isso em vista, procedemos, após constituição do *corpus* e estabelecimento de nossas hipóteses e teorias de base, ao tratamento dos dados audiovisuais, seleção e transcrição. As gravações dos 32 encontros foram observadas na íntegra, mas alguns trechos foram descartados não porque não apresentassem ocorrências de conjugações entre fala e gesto, mas sim pela questão da gravação em si que não possibilitava a visualização de alguns gestos e direcionamentos de olhar, ou pela *formation* em questão. Por exemplo, as “pausas para o café” são sempre mais problemáticas do ponto de vista da transcrição pela disposição dos interactantes em volta de uma mesa, além da quantidade de objetos manipulados.

A ocorrência de conjugações indiciais ou de outros gestos é grande. Dessa maneira, a seleção dos dados analisados nesta Tese seguiu a ideia de apresentar exemplos em que a gestualidade é responsável por realizar processos tidos basicamente como linguísticos, como é o caso da própria referencia dêitica.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

### 5.1 Informações sobre a organização das análises

Este capítulo é composto pela análise de quatro dados selecionados de nosso *corpus* de pesquisa, conforme descrito ao longo desta Tese. Na análise de cada um deles, apresentaremos um enquadre comunicativo e depois ressaltaremos os fenômenos observados. Basicamente trataremos de ocorrências em que o gesto apresenta o mesmo sentido do material verbal, ou ocorre independentemente, ou é estruturado a mesma maneira da sintaxe linguística, ou desempenha função interativa importante como a manutenção do tópico e tomada de turno.

Para a transcrição da fala utilizaremos as seguintes notações (cf. Anexos, *AphasiAcervus* 2007); algumas marcações foram inseridas ou alteradas em decorrência das especificidades desta pesquisa:

#### i) informações gerais

- a. para a transcrição e identificação dos locutores ou participantes utilizamos as iniciais do nome e do sobrenome para a identificação dos participantes;
- b. a transcrição é apresentada em formato lista;
- c. o texto da transcrição é apresentado em ortografia (modificada);
- d. o segmento sublinhado marca uma ênfase particular dada à palavra ou expressão sublinhada ou parte dela;
- e. letras MAIÚSCULAS marcam um alto volume da voz;
- f. os símbolos ° ° marcam um volume baixo, ou murmúrio de voz;
- g. o x indica segmento inaudível, sendo reproduzido de acordo com o tamanho da elocução.
- h. os nomes em caixa alta indicam elocução verbal e aqueles em caixa baixa indicam elocução gestual;
- i. os gestos dêiticos são descritos logo depois da frase gestual entre parênteses;

j. os gestos metafóricos, icônicos e ritmados, como também os movimentos práxicos e alvos referenciais são descritos logo abaixo o contexto do dado e marcados na transcrição;

### **ii) fenômenos sequenciais**

[ : início de *overlap* (sobreposição de vozes);

= : *latching* (simultaneidade de vozes);

&: continuação do turno de fala pelo mesmo locutor, para além da interrupção de linha da transcrição provocada pela introdução de *overlap* de outro locutor ou elocução gestual;

### **iii) pausas**

. (acima de 1 segundo);

### **iv) fenômenos segmentais**

: alongamento silábico;

- palavra truncada, esboçada;

.h marca uma aspiração do locutor;

H marca uma expiração do locutor;

### **v) prosódia**

/ e \ marcam as entonações crescentes e decrescentes;

// e \\ marcam as entonações crescentes e decrescentes fortemente pronunciadas;

### **vi) gestualidade**

Preparação (P): ~~~~~

Preparação e gesto não são distinguíveis facilmente: ~\*~\*~\*~

Gesto (G) (“stroke”): \*\*\*\*\*

Gesto sustentado: \*\*\*\*\*

Gesto recuperado: -.-.-

Fases da ação gestual são separadas por |: \*\*\*\*\*|\*\*\*\*\*

### **vii) descrição da direcionalidade dos gestos dêiticos**

Para esquerda: ←

Para direita: →

Para frente: ↑

Para baixo: ↓

Para cima: ↑

Para si mesmo: ∩

Afirmação: +

Negação: -

### **viii) partes do corpo**

As partes do corpo são marcadas com as duas primeiras letras de seus nomes, por exemplo: co = corpo, ol = olhar/olhos/olho, ca = cabeça. Os dedos utilizados são indicados com as três primeiras letras dos nomes, por exemplo: indicador = ind, polegar = pol. Os *hand shapes*: mão direita = md, mão esquerda = me, mão aberta para cima = abc, mão aberta para baixo = abb, mão aberta para o outro = abf, mão aberta para si = abt, mão fechada para cima = fec, mão fechada para baixo = feb, mão fechada para outro = feo, mão fechada para si = fes. Exemplos: “indme” = dedo indicador da mão esquerda, “febmd” = mão direita fechada para baixo, “abfmd” = mão direita aberta voltada para si.

Os dados seguintes são transcritos seguindo o sistema de notação descrito acima. Por restrição de nosso objeto de estudos, os dêiticos, os outros gestos também são marcados na transcrição, mas descritos antes no contexto do dado (GM = gesto metafórico, GI = gesto icônico, GR = gesto ritmado). Objetos de referencia físicos são marcados como AR = alvo referencial e indicados no início. Os movimentos práxicos (MP) também são descritos.

## **5.2 Sintaxe e semântica gestual: semelhanças com a sequencialidade linguística**

No dado transcrito e analisado a seguir, poderemos verificar a estruturação sintática/semântica da gestualidade ocorrendo de maneira semelhante ao sistema linguístico.

(1)

**AphasiAcervus: 2004**

**Participantes afásicos: ED, EF, JM, MG, MN, MS, SI, SP.**

**Participantes não afásicos: JC.**

**Contexto:** *os participantes estão às voltas com os preparativos para o início do momento do teatro em que eles realizam atividades de trabalho corporal; quase todos já se encontram sentados nas cadeiras dispostas em semicírculo no espaço no qual se dão as atividades do grupo; apenas MS encontra-se em pé de costas para boa parte dos integrantes do grupo, ao mesmo tempo em que está de frente para SP, que se encontra sentado à ponta direita do vídeo, e para duas cadeiras vazias a sua frente - que se encontram ao lado direito do vídeo, entre SP e EF; MS, então, solicita gestualmente que SP sente na cadeira ao seu lado. Essa ação acontece antes de JC iniciar as atividades. # AR = alvo referencial cadeira; GM = gesto metafórico "vem cá"; MPs = movimentos práxicos - "levantar", "andar para frente", "sentar":*

01 MS oh:[é:  
02 ms \*\*\*[\*\* (indme→AR)  
03 SP [anh:  
04 sp \*\*\*\*\* (ol→MS)  
05 MS é:  
06 ms \*\*\*|\*\*\*\*|\*\*\*\*|\*\* (abcme→SP|GM|abbme↓AR|indme↑AR)  
07 sp \*\*\*|\*\*\*\*|\*\*\*\* (MPs)

O enquadre comunicativo que selecionamos acontece somente entre os dois senhores afásicos à direita do vídeo. Nele, o senhor MS chama a atenção do senhor SP para que sente na cadeira ao lado da sua. MS se levanta primeiramente, faz toda a gestualidade e depois se dá por entendido, obtendo como resposta um resmungo de SP, seguido de um sorriso depois que olha os gestos expressos. Em seguida, SP e MS sentam-se lado a lado. Em resumo, MS solicita que SP (ambos afásicos) se sente ao seu lado em determinada cadeira do espaço no qual se dão as reuniões do grupo (elas estão dispostas em semicírculo); do ponto de vista da câmera, disposta ao lado oposto às cadeiras, a cena ocorre nas três primeiras cadeiras dispostas à direita do vídeo.

Chamamos a atenção, desde já, para a constatação de que a emergência da sequencialidade gestual (frase gestual) no dado é muito comum também em contextos não

afásicos, ocorrendo tanto conjuntamente com o material linguístico, quanto isoladamente, sem verbalizações. São sinalizados os mesmos sentidos tanto na fala quanto na gestualidade em alguns casos de conjugações indiciais, como quando apontamos algo com o dedo indicador e braço estendidos, dizendo “aquele ali”.

A fala de MS é praticamente inexistente no enquadre comunicativo em destaque, e pode ser transcrita como (oh: é). O senhor SP só entende depois da frase gestual elaborada por MS para indicar a cadeira na qual quer que ele se sente. Um desses gestos é metafórico e indica a ação de vir, consistindo no gesto talvez mais primitivo de chamar o outro: abrir e fechar os dedos da mão, em direção ao interlocutor, com o braço estendido. Depois desse gesto, MS observa que SP entendeu sua intenção comunicativa devido a um sorriso de aprovação e aponta a cadeira dizendo (é:). O interessante nesse exemplo é observar que a significação acontece independentemente das restrições linguísticas impostas pela afasia.

Observa-se, principalmente, que a gestualidade realizada por MS constitui-se em uma elocução que apresenta a sequência sujeito (“você” = gesto dêitico – *hand shape* de mão aberta para cima e braço estendido em direção ao interlocutor) + ação/verbo (“locomoção” = gesto metafórico – “vem cá” feito com a mão) + ação/verbo (“sentar” = junção entre gesto dêitico espacial e/ou icônico “de cima para baixo”, mão aberta para baixo é movida em direção ao alvo referencial) + advérbio de lugar (“aqui” = dêitico gestual de dedo indicador apontado para a cadeira).

A competência da significação do processo referencial dêitico em destaque, nesse caso, não depende exclusivamente do material verbal. Pode-se argumentar que seria óbvia a importância do gesto no contexto afásico, pois ele apareceria como complementar em decorrência das dificuldades linguísticas dos afásicos.

A frase gestual exibida no dado apresenta os mesmos sentidos desta enunciação verbal: “você aí, venha sentar aqui”. Isso é facilmente percebido pelos tipos gestuais empregados e pela sequencialidade gestual. O interessante é observar que a modalização da gestualidade realizada por MS não ocorre de maneira diferente nos contextos não afásicos.

Observamos, no dado, o emprego de gestos dêiticos que apontaram referentes presentes no momento da enunciação, e de gesto metafórico que designou a ação/pedido pretendida na enunciação gestual de MS.

### 5.3 Repetição de indiciador pessoal para tomada de turno – opções pela conjugação entre fala e gesto

No dado transcrito abaixo existe a ocorrência de conjugações indiciais em praticamente todos os empregos de referências dêiticas. Quando ela não ocorre, a significação fica truncada na repetição da marcação pessoal “eu”.

(2)

**AphasiAcervus: 2004**

**Participantes afásicos: ED, EF, JM, MG, MN, MS, SI, SP.**

**Participantes não afásicos: JC.**

**Contexto:** o enquadre gira em torno da pesquisadora JC que mantém sua atenção e olhar direcionados para a senhora afásica SI em grande parte do enquadre. Devido a disposição da câmera e das vozes em volume baixo, não é possível transcrever com clareza essa interação. Nesse exemplo, os afásicos são interpelados sobre os objetos trazidos para o encontro, solicitados por JC. No enquadre em questão, NS tenta chamar a atenção de JC para o fato de ser a única a trazer um objeto, repetindo várias vezes o dêitico pessoal, mas se mantém praticamente imóvel, com as mãos sobre as pernas. # AR = carteira trazida por NS:

```
01 NS a carteira é:
02 JC xxxxxxxx
03 jc ***** (ol↑SI)
04 SI xxxxxxxx
05 si ***** (ol↑JC)
06 NS é: só ieu... é só eu
07 jc [&***** (ol↑SI)
08 si [*****|***** (ol←NS|ol↑JC)
09 NS é só eu mesmo
10 jc [&***** (ol↑SI)
11 JC ahn
12 jc ~*~* (ca+ol→NS)
13 NS num é/
14 ns ~**** (ca+)
15 NS é só eu
16 JC [sim N... pega lá
17 jc *~*~*~*~*|***** (ol→NS&ca+|ca→AR)
18 JC &entendi seu ponto de vista
19 jc ~~~~~***** (indmd→NS)
20 NS é então
```

No dado transcrito acima, NS tenta chamar a atenção de JC para o fato de que somente ela tinha trazido uma carteira. JC mantém outro enquadre comunicativo com SI. Outro ponto importante é observar que JC, que está concentrada na interação com SI, não olha NS que continua repetindo o dêitico *eu* sem nenhuma conjugação indicial.

A interação torna-se frutífera quando as duas entreolham-se e significam os gestos empregados conjuntamente com os dêiticos verbais *lá* e *seu* e a concordância de NS realizada com um movimento da cabeça.

É possível perceber a ocorrência de conjugações em todos os gestos empregados na interação, mas a recíproca não é verdadeira para o uso do dêitico pessoal “eu” realizado por NS. Na linha 01, NS inicia uma tomada de turno de fala. Na linha 06 completa o sentido de sua afirmação: a única que trouxera uma carteira fora ela.

Ao mesmo tempo, JC, que é interpelada por NS, participa de outro enquadre comunicativo com SI. NS repete o dêitico *eu* até a linha 09, como JC olha SI até linha 10, a referência pessoal a NS permanece ambígua. Somente nas linhas 11 e 12 JC concorda com NS, mas mesmo assim a senhora afásica repete novamente o dêitico *eu* na linha 15, mas dessa vez ele vem seguido do direcionamento do olhar de JC e de uma conjugação de concordância (fala e gesto apresentam o mesmo sentido de afirmação), linhas 20 e 21, realizada por NS.

Percebemos no dado a ocorrência de duas referências dêiticas produzidas por JC, conjugadas a semioses não verbais. Nas linhas 16 até a 19, JC conjuga o gesto de jogar sua cabeça à direita, conjugado com o dêitico *lá* e, logo em seguida, estende seu braço direito em direção a NS e aponta o dedo indicador conjugado com o dêitico *seu*.

Em ambas as ocorrências, das quais é praticamente impossível separar as significações verbais das não verbais, o material gestual quebra certas ambiguidades produzidas pelo material linguístico. É praticamente o mesmo fenômeno de opacidade dêitica vislumbrado por Ruthrof (2000), no qual os gestos, ligados fortemente a laços culturais, são responsáveis por direcionar a significação.

Na transcrição acima é possível observar o fenômeno que denominamos conjugação indicial – relação de mútua constitutividade entre fala e gesto, a estrutura sintática da gestualidade, bem como a direcionalidade do movimento (importante para uma reflexão sobre as teses espacialista e interacionista da dêixis).

Com o sistema de notação proposto é possível observar, pela transcrição, o exato momento de conjugação entre fala e gesto, a temporalidade da ocorrência, a progressão gestual alinhada à progressão enunciativa, além da direcionalidade e tipologia gestual.

#### 5.4 Gestos em tomadas de turno de fala e manutenção do tópico discursivo

O dado a seguir mostrará ocorrência em que os gestos dêiticos são usados para tomada de turno de fala e manutenção do tópico discursivo. Os gestos utilizados assinalam o referente no mundo, além de restringirem as significações pretendidas.

(3)

**AphasiAcervus: 2004**

**Participantes afásicos: EF, MG, MN, MS, NS, SI, SP.**

**Participantes não afásicos: JC, ET.**

**Contexto:** *os participantes estão às voltas com os preparativos para fazerem uma "pausa para o café"; a câmera está postada em uma das pontas da mesa retangular, onde estão colocadas as comidas e bebidas para o "café". Na ponta oposta está JC em pé, cortando e distribuindo um bolo. Os participantes estão envolvidos com a atividade do café (a preparação da mesa no café e das atividades de servir) e há pequenos e fragmentados grupos conversacionais: temos uma conversação entre JC e SP (lado direito da imagem, ambos em pé); SP está a esquerda de JC; observa-se uma conversação entre ET (que também circula pela sala durante o tópico analisado), EF e NS (lado esquerdo da imagem) e também uma conversação entre MN, MS, MG e SI, sentados em torno da mesa comendo bolo. No extrato selecionado, o enquadre comunicativo vai se estabelecer entre SP e JC em torno do tópico "hábitos alimentares de SP". Os outros participantes estão envolvidos em outros enquadres comunicativos e ações, não participando diretamente do trecho em destaque. # GMa = gesto de "dar de ombros"; GMb = gesto de "sei lá" - mão aberta para cima movimentada para o lado, nos dois casos abcme-; GMC = movimento de olhar e cabeça de baixo para cima em direção ao interlocutor; GMd = gesto de "estou de olho" - dedo indicador colocado abaixo do olho, no caso indmd/old; MP = sentar-se; AR = alimentos dispostos sobre a mesa:*

01 JC alguém mais/

02 jc ~\*\*\*\*\* (ol←SP)

03 JC esse italianã:o francês/ vai comer/



Nas linhas 05 e 06, SP responde à indagação inicial. Na linha 07, JC retoma o tópico sobre a nacionalidade de SP; nas linhas 09 e 10, SP responde a esse subtópico estabelecido por JC: aqui, a conjugação na qual fala e gesto comparecem mutuamente se dá em torno de uma dúvida sobre a informação. O gesto metafórico “dar de ombros” restringe para essa significação.

Nas linhas 11 e 12, SP retoma a atenção para o tópico “hábitos alimentares”; na linha 13, JC propõe um complemento à resposta de SP, uma possível interpretação ao “mas” anterior dele, que não concorda com a afirmação da pesquisadora, negando-a nas linhas 15 e 16 em *overlap*. Na linha 17, JC coloca ainda em suspenso a negação de SP quanto a querer um pedaço de bolo; ela não olha para ele e continua cortando o bolo (observar a linha 18).

SP mantém o foco no tópico e em sua argumentação por retomada de um mesmo recurso que foi aceito anteriormente nas linhas 19 e 20. Na linha 21, JC propõe o desafio de conferir o fato na casa de SP; nas linhas 22 e 23, SP concorda linguística e gestualmente com o desafio.

Nas linhas 25 e 26, JC mantém e reforça, por meio da prosódia e gestualidade, a sua dúvida; das linhas 27 até 30, SP retoma toda a sua argumentação anterior, resumindo-a. Na linha 31, JC concorda com a progressão enunciativa de SP. Nas linhas 32 e 33, SP complementa a sua argumentação numa construção que pode afirmar que também fora daquele contexto seu hábito alimentar é o mesmo; o “lá” pode ser interpretado como anafórico de “sua casa”, enunciado anteriormente por JC na linha 21; na sequência, SP concorda com a proposição da pesquisadora.

Mesmo com as alterações significativas na fala de SP, ele não deixa de participar do enquadre comunicativo em questão, mostrando a JC que o assunto discutido por ele é outro, além de explicar que não pode comer o que está sobre a mesa e que não come esses alimentos fora daquele contexto também, mesmo que JC mantenha a dúvida e tenha a iniciativa de conferir seus hábitos em sua casa.

Nas linhas 25 e 26, JC emprega uma conjugação indicial que não se refere ao espaço da interação, mas se constitui num elemento catafórico de uma possível visita à casa de SP. Este continua explicando sobre sua impossibilidade de comer doce. Utiliza a mesma

conjugação indicial, mas se refere ao próprio momento da interação. SP continua seu turno, utilizando apenas elementos de negação e dêiticos (ambos verbais e não verbais), engajando-se na interação e mostrando a relevância do tópico que ele manteve.

SP realiza uma conjugação indicial interessante de um dêitico espacial verbal com uma negação gestual; ambos são constituídos mutuamente. O gesto não dêitico restringe a significação espacial do “lá”. Nele, as conjugações indiciais são interessantes no sentido de que reforçam o sentido do dêitico verbal. Em 36, SP reforça o sentido do dêitico espacial verbal da linha 35; em 41, JC, utilizando um dêitico gestual, transforma o sentido de sua fala.

As conjugações indiciais (junção entre dêiticos gestuais e verbais) observadas no episódio destacado evidenciam uma competência pragmática, comunicativa, num caso importante de afasia de tipo expressivo. O gesto, por sua vez, restringe ou amplia, nesse contexto, o sentido da enunciação.

Os signos não verbais emergem pela ativação de crenças e atitudes sedimentadas (cristalizadas, formulaicas) de uma cultura (por exemplo, o gesto que pode ser descrito pela expressão “estou de olho”, metafórica de “estou prestando atenção”, com ocorrência na linha 34) e são importantes para a formação e compreensão da enunciação linguística.

No dado em questão, toda a corporeidade dos sujeitos envolvidos na conversação é requisitada para a própria manutenção do tópico, para a argumentação linguística, para a centração indicial dos corpos e da indicialidade interna ao discurso. Assim, não concordamos com a ideia de outras semioses não verbais seriam simplesmente adicionais ou meramente suplementares à fala. As condições de sentido não verbais são essenciais e constitutivas da configuração enunciativo-cognitiva da conversação e não podem ser consideradas sistemas independentes do sistema linguístico.

A construção colaborativa da indicialidade no episódio em questão não se constitui primariamente em um fenômeno verbal, mas sim como configurações restritivas não verbais pelas quais JC e SP projetam seus “objetos de pensamento” para a construção de um conhecimento partilhado de mundo e para o desenvolvimento do tópico discursivo.

Observemos o gesto realizado na linha 12 por SP: ele utiliza um *hand shape* que pode ser considerado um “emblema”, ou seja, um gesto convencionalizado culturalmente e relacionado a uma expressão verbal fixa – a mão aberta para cima em movimento do corpo para fora pode significar certa dúvida, o formulaico “sei lá”.

Se tomamos a expressão e adequação, a progressão discursiva de SP corporalmente, percebemos que o sujeito está inserido ativamente na conversação. Ele mantém, também, a atenção ao foco discursivo. Apesar das alterações impostas pela afasia e pela hemiplegia, ele é um sujeito com capacidades expressivas e interpretativas (JC mantém com ele uma situação de desafio e jogo teatral que operam bastante com sentidos implícitos e conhecimento partilhado). Observamos que a significação pode ultrapassar as fronteiras do estritamente linguístico, salientando a multimodalidade envolvida nos processos de referenciação dêitica.

## 5.5 Conjugações indiciais e alvos referenciais

Observaremos no dado a seguir que para além das conjugações de constitutividade em que fala e gesto apresentam sentidos idênticos, a construção da referência dêitica depende, também, do quadro de atenção conjunta e do direcionamento do olhar:

(4)

**AphasiAcervus: 2004**

**Participantes afásicos: EF, MG, MN, MS, NS, SI, SP.**

**Participantes não afásicos: JC, ET.**

**Contexto:** *os participantes estão conversando, sentados em volta da mesa, na pausa para o café, comendo e bebendo. ET pega uma xícara de café e senta-se a uma das pontas da mesa, de costas para a câmera. NS e MG estão sentadas à esquerda de ET. # GI = MG fecha a sua mão esquerda como se segurasse um frasco e vira-a sobre a xícara a sua frente como se despejasse o líquido; ARa = alimentos e objetos disposto no centro da mesa; ARb = sachê de açúcar; ARc = adoçante líquido; MPa = NS pega um sachê de açúcar e entrega para JC; MPb = NS põe a mão esquerda no sachê de açúcar; MPc = NS pega ARc e coloca-o a frente de MG; MPd = MG pega ARc e coloca-o a frente de NS; MPe = NS despeja ARc na xícara de café.*

01 NS tem açúcar/



MG, que era para que ela tomasse café com adoçante. Por fim, NS agradece a MG, dirigindo-se verbalmente e com direcionamento de olhar para ambas, ET e MG.

A produção não verbal é composta basicamente por *pointings*, formados por direcionamentos de olhar (linhas 2, 6, 12, 15, 19, 21, 27 e 30) e *hand shapes* (linhas 4, 8, 11, 14, 15 e 19). Além de conjugações indiciais, podemos observar a ocorrência de gesto icônico na linha 17, além de vários movimentos práxicos; no entanto, esse gesto forma uma conjugação indicial de complemento com o dêitico verbal “aqui” na linha 16; essa conjugação estabelece sujeito e predicado, além de restringir a indicação do AR, já que o gesto icônico ilustra o movimento práxico de pegar um frasco com a mão e despejar o conteúdo dele na xícara. Assim, podemos constatar que a relação dos movimentos não gestuais com a espacialidade e objetos disponíveis sobre a mesa posta para o café também influencia na referenciação dêitica em foco neste dado.

No dado é possível observar que a maioria das conjugações indiciais empregadas é de mútua constitutividade, ou seja, apresenta o mesmo sentido na fala e no gesto (demonstrativos e *pointings*). Mesmo que a sincronia estabelecida aponte para referências concretas no mundo, as conjugações não são suficientes para significar o que fora pretendido. Isso acontece em decorrência de que a referenciação dêitica também é influenciada pelo quadro de atenção conjunta.

A densidade modal (cf. Norris, 2006) estabelecida pelos interactantes no dado é diferente, e isso ocasiona os acionamentos de referenciais diferentes dos pretendidos por seus enunciadores. Isso é verificado, por exemplo, quando ET toma “tem” com “quer” por estar focada, principalmente, no modo verbal.

Ao analisarmos os corpos inseridos no espaço, percebemos que a fala em interação é, também, praxeológica, o que ressalta a importância da espacialidade para a referenciação dêitica. Os recursos multimodais requisitados na interação salientam que se encontram estreitadas as relações entre fala e gesto. Podemos observar no dado que a conjugação indicial em sua totalidade constitui-se como uma elocução.

À maneira de apresentar o mundo, por meio de uma linguagem ativada por signos não verbais, permanece um aspecto importante da interação e, por esse fator, os

recursos multimodais devem ser considerados como nível significante nesta análise, já que eles são utilizados nos processos referenciais.



## 6 CONSIDERAÇÕES

Os achados teórico-metodológicos desta Tese sustentam os pressupostos da perspectiva sócio-cognitiva, tais como a tese da “mente corporificada” (Koch e Cunha-Lima, 2004; Salomão, 1999; Varela, Thompson e Rosch, 1991;), a concepção de cognição social (Koch e Cunha-Lima, 2004; Koch, 2002; Marcuschi, 2001a, 2007; Morato, 2004; Tomasello, 1999, 2008), a concepção de “competência como prática” (Morato, 2008; Morato e Bentes, 2002; Morato *et al.*, 2008), a tese da “dimensão multimodal” da referenciação e da interação (Goodwin, 1995, 2000a, 2000b) ; Marcuschi, 2001a, 2007; Mondada, 2004, 2006, 2008; Morato *et al.*, 2009; Norris, 2006), e a tese da conjugação indicial construída nesta Tese com base nos trabalhos de Kendon (1972, 1980, 2000, 2004) e McNeill (1992, 2000).

Os dados de sujeitos afásicos são ricos para a análise linguística e multimodal em função da inter-relação que podemos observar entre processos que se encontram nessa síndrome potencialmente alterados, linguagem e gesto. A análise de contextos interacionais de uso da linguagem pode explicitar, em razão da instabilidade linguístico-cognitiva posta pela afasia, processos praticamente amalgamados nas atividades cotidianas (Morato, 2000). Tendo-se mecanismos metodológicos de inclusão do material gestual na análise da interação, podemos considerar qualitativamente os recursos não verbais convocados na referenciação e, por conseguinte, delimitar os possíveis contornos corporais da linguagem e da cognição.

Em relação à primeira questão norteadora desta pesquisa, ou seja, dados extraídos de interações entre afásicos e não afásicos, por significarem uma continuidade em relação ao que ocorre no contexto não patológico e não uma ruptura, têm reforçado a ideia de não dicotomia entre recursos multimodais e espacialidade entre fala e gesto.

O que nos chama a atenção nos dados da pesquisa são três aspectos discursivamente interligados, e nos quais atuam de forma solidária, ainda que com distintas densidades modais (cf. Norris, 2006), fala e gesto: a progressão pragmático-enunciativa da interação desenvolvida pelos sujeitos, as ações reflexivas dos sujeitos sobre a produção de sentidos própria e alheia e as relações intersubjetivas convocadas no desenrolar da interação

pelos interactantes.

Esses aspectos salientam a presença constitutiva de um conjunto de semioses verbais e não verbais nas interações e na expressão como um todo – no corpo inserido no mundo, na cognição corpórea. Como os aspectos mostrados nos dados se assemelham ao que também ocorre no contexto não afásico, podemos traçar vários caminhos explicativos para o funcionamento da linguagem em geral.

O principal deles é o da dimensão multimodal da referenciação em geral e da dêitica em específico. Ambas podem funcionar como organizadores da centração indicial interna ao discurso ou à interação. Observamos, também, que os gestos dêíticos possuem modalizações semelhantes aos dêíticos verbais, apresentando, em vários casos, a mesma semântica – o mesmo sentido. Um exemplo é o emprego de *pointings* em substituição de pronomes pessoais como “eu” e “tu/você”, ou de demonstrativos como “aqui” e “lá”. Os gestos, segundo Kendon (2004), podem organizar-se em fases e frases gestuais, apresentando a mesma sequencialidade da estruturação propriamente linguística.

A multimodalidade, então, é requisitada para a constituição da centração indicial de dado contexto e/ou enunciado. Os dêíticos gestuais e verbais são responsáveis pelas incorporações de um campo demonstrativo em certo contexto, apontando o referente ao mesmo tempo em que assinalam as perspectivas dos interactantes.

Assim, a indicialidade de certo enquadre comunicativo ou da interação dependerá de outros recursos multimodais acionados pela prática social em questão, como o enquadre comunicativo, os *frames* conceptuais e os contextos situacionais em que os dêíticos irão emergir.

Fundamentados teoricamente nas referências mencionadas no início deste capítulo e ancorados na análise qualitativa dos dados que constituíram o nosso *corpus*, propomos uma divisão tripartida da conjugação indicial: i - de procedência, o gesto direciona a interpretação antes do material verbal ou ocorre isoladamente; ii - de constitutividade, o gesto veicula o mesmo sentido e ocorre sincronicamente com a fala; iii - de complemento, o gesto restringe ou complementa o sentido de um item verbal.

Face ao problema da adequação de um modelo de transcrição que possibilitasse a visualização dos dados gestuais inscritos na sequencialidade enunciativo-discursiva de

uma interação, nossa segunda questão norteadora, esta Tese traz como proposição a opção de transcrever também o material gestual, marcando a organização em fases ou frases gestuais, a tipologia gestual (*hand shape* ou gesto realizado com outra parte do corpo, como o direcionamento de olhar, movimentos práxicos e gestos não dêiticos, como os metafóricos) e a direcionalidade dos gestos dêiticos quando apontam para outros sujeitos na interação ou para referentes do mundo (alvo referencial – AR –, marcado na linha da gestualidade e definido logo abaixo da transcrição).

Em relação à terceira questão norteadora da Tese, relativa ao interesse de várias áreas da Linguística pelos elementos não verbais utilizados na interação face a face, propomos que ela não se reduza a conceber, de forma distinta ou excludente, a gestualidade como fenômeno coocorrente, alternativo ou compensatório à fala. Essa hipótese não se sustenta, pelo fato de que a gestualidade emergente em produções afásicas é modalizada de maneira semelhante ao contexto não afásico, isto é, o gesto não é isolado ou separado da linguagem e suas funções, nem é desprovido de realidade semiológica. Os afásicos continuam empregando gestos dêiticos, icônicos, metafóricos, ritmados da mesma forma que são utilizados por pessoas não afásicas. Além disso, os dêiticos gestuais participam da construção do sentido referencial (referenciação dêitica) de maneira específica, não redutível à significação linguística.

Nesta Tese, levamos em consideração que os recursos não verbais (semiológicos, gestuais e corporais) são fundamentais para a articulação dos processos linguísticos e não linguísticos. Como pudemos observar nos dados, os processos não verbais, como gestualidade e praxia, atuam mutuamente com os processos linguísticos na construção do sentido, na manutenção do tópico discursivo, na tomada de turno, na emergência de processos mentais e/ou cognitivos. Tais aspectos assinalam a importância dos elementos não verbais não apenas para as interações, mas também para a compreensão da significação em contextos afásicos e/ou não afásicos.

Tendo em vista a quarta questão norteadora da Tese, relativa ao propalado estatuto compensatório do gesto na literatura afasiológica tradicional, reconhecemos que a gestualidade emerge em maior intensidade em contextos de produção afásica, até porque a unidade corpórea sempre busca meios para contornar situações de mal-entendidos em

contextos de produção cotidiana também. Os gestos, no entanto, não surgem como meramente compensatórios devido a sua modalização; não estão no lugar da língua, como sugere a explicação de Kendon (2004), na qual o gesto realizado na ausência total de fala torna-se articulado à maneira das línguas de sinais, como se ocupasse todo o lugar da fala.

Assim, ao considerarmos a última questão que norteia esta Tese, constatamos que a relação entre fala e gesto, processo dinâmico e intersemiótico que sanciona os sentidos no fluxo da enunciação (cf. Salomão, 1999), não se reduz ao percurso interno da língua ou de qualquer outra estrutura. Essa relação, em determinadas circunstâncias interativas, por ser parte integrante da enunciação e envolver processos e estratégias semântico-pragmáticas, torna-se um dos fenômeno mais instigante a ser investigado em uma perspectiva sócio-cognitiva da linguagem.

Considerando a referenciação dêitica em seu caráter interacional, podemos observar que ela é indicada pela “superfície” do material verbal, sem, contudo, abdicar de ancoragens em outros sistemas semiológicos, considerados pela tradição estruturalista como elementos extralinguísticos. A interação pode homologar processos de ordem verbal, como, por exemplo, a língua com suas regularidades e sistematicidades, no entanto, também é responsável por estabelecer as possibilidades de ancoragens de certos campos demonstrativos em certos contextos.

Na análise dos dados, percebemos que os elementos não verbais utilizados para a significação e a construção de objetos de discurso não funcionam à margem da língua, nem são meramente coocorrentes ou complementares. Não são apenas as entidades gramaticais e lexicais que são acionadas para referenciar, mas elas são dependentes das condições de emprego e de uso da linguagem – os sentidos associados aos contextos de uso dos dêíticos. Os dados mostram a participação do verbal e do não verbal na construção da referência, seja pela postura no mundo, seja pelo recurso a elementos do contexto, seja pela gestualidade – meios que dão visibilidade às ações referenciais e interativas.

A referenciação dêitica, portanto, pode ser analisada ao considerarmos a complementaridade de processos, a mútua constituição entre elementos, semiologias e recursos multimodais. Dessa maneira, o entendimento da complexidade da relação linguagem-corpo é importante na medida em que fornece bases sólidas e coerentes com a

natureza sócio-cognitiva e multimodal da interação humana, que podem subsidiar práticas diagnósticas consistentes, a pesquisa neurolinguística de um modo geral, as condutas terapêuticas mais situadas, a quebra de preconceitos com relação aos afásicos e o incremento da qualidade interacional e comunicacional de afásicos com outros afásicos e com pessoas não afásicas.



## BIBLIOGRAFIA

- AHLSÉN, E. **Introduction to Neurolinguistic**. John Benjamins: Amsterdam, 2006. 212 p.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84
- BUCHOLTZ, M. Variation in transcription. In. **Discourse Studies**, 9. SAGE, 2007. p. 784-808. Disponível em: <<http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/6/784>> Acesso em 28 abr. 09.
- CAPLAN, D. **Neurolinguistics and Linguistic Aphasiology**. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1987.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. In. MORATO, E. M.; BENTES, A. C.; CUNHA-LIMA, M. L. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 44. Campinas: IEL, 2003. p. 105-118
- CICONE, M. *et al.* The relation between gesture and language in aphasic communication. In. **Brain and Language**, Vol. 8. Amsterdam: Elsevier, 1979. p. 324-349
- CIULLA E SILVA, A. **Anáfora e dêixis**: semelhanças e diferenças. 2005. Disponível em: <<file:///D:/C/anaforas%20e%20deixis.htm>> Acesso em 28 jan. 05.
- DUNCAN, S.; PEDELTY, L. Discourse focus, gesture, and disfluent aphasia. In: DUNCAN, S.; *et al.* (Orgs.) **Gesture and the dynamic dimension of language**: essays in honor of David McNeill. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 269-283.
- FEYEREISEN, P. Gestures and speech, interactions and separations: a reply to McNeill. **Psychological review**, v. 94, n.4, 1985. p.493-498
- FEYEREISEN, P.; LANNOY, J. D. **Gestures and speech**: psychological investigations. New York: Cambridge University Press, 1991.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- FREITAS, M. de S. **Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras**: contribuições para uma caracterização linguística da afasia. 253f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 1997.
- FILLETZAZ, L. Gestualité et (re)contextualisation de l’interaction dans des réunions de relevé de poste en milieu industriel. In. **Interacting bodies** – corps en interaction. 2005. Disponível em: <<http://gesture-lyon2005.ens-lyon.fr/>> Acesso em 09 jul. 11.

GOODWIN, C. Co-constructing meaning in conversations with an aphasic man. In: **Research on language and social interaction**, Vol. 28, n.3. London: Routledge, 1995. p. 233-260

\_\_\_\_\_. Action and embodiment within situated human interaction. **Journal of Pragmatics**, 32. Elsevier: 2000a. p. 1.489-1.522

\_\_\_\_\_. Pointing and the collaborative construction of meaning in aphasia. In: **Symposium about language and society (SALSA)**, 7. Austin: University of Texas Press, 2000b. p. 67-76.

\_\_\_\_\_. Gesture, aphasia and interaction. In: McNEILL (Ed.) **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000c. p. 84-98.

\_\_\_\_\_. The body in action. In: COUPLAND, J.; GWYN, R. (Eds.) **Discourse, the body and identity**. New York: Palgrave; Macmillan, 2003a. p. 19-42.

\_\_\_\_\_. Conversational frameworks of the accomplishment of meaning in aphasia. In: GOODWIN, C. (Ed.) **Conversation and brain damage**. Oxford: Oxford University Press, 2003b. p. 90-116.

\_\_\_\_\_. Pointing as situated practice. In. KITA, S.; MAHWAH, N. J.; ERLBAUM, L. (Eds.) **Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet**. 2003c. Disponível em: <<http://www.sscnet.ucla.edu/clic/cgoodwin/publish.htm>> Acesso em 10 out. 2006.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008. 278 p.

HASELAGER, W. F. Auto-organização e comportamento comum – opções e problemas. In. SOUZA, G. M.; D’OTTAVIANO, I. M. L.; GONZALES, M. E. Q. (Orgs.). **Auto-organização**: estudos interdisciplinares. Coleção CLE, v. 38. Campinas: CLE, 2004. p. 213-235

HEBLING, C. B. **Atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não-afásicos**. 2009. 111 f. (Mestrado) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1980. 162p.

JEFFERSON, G. On exposed and embedded correction in conversation. In: BUTTON, G.; LEE, J. (Orgs.) **Talk and social organization**. U.K.: Multilingual Matters, 1987.

KENDON, A. Some relationships between body motion and speech: an analysis of an example. In: SIEGMAN, A. W.; POPE, B. (Orgs.) **Studies in dyadic communication**. New York: Pergamon Press, 1972. p. 177-210.

\_\_\_\_\_. Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. In: KEY, M. R. (Ed.) **Nonverbal communication and language**. The Hague: Mouton, 1980. p. 207-227.

\_\_\_\_\_. Language and gesture: unity or duality. In: McNEILL (Ed.) **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47-63.

\_\_\_\_\_. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge; New York: Cambridge Univ. Press, 2004. 400 p.

KLIPPI, A. **Nonverbal behavior as turn constructional units in aphasic conversation**. Texas Linguistic Forum 49: 158-169 Proceedings of the Thirteenth Annual Symposium About Language and Society – Austin, 2006

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002. 168p. KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sócio-cognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. p.251-300.

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. In: **DELTA**, 14. 1998. p. 169-190.

LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas (SP): Papirus, 2003. 240p.

LESSER, R.; MILROY, L. **Linguistics and aphasia: psycholinguistic and pragmatic aspects of intervention**. London; New York: Longman, 1996. 377p.

LEVINSON, S. C. **Space in language and cognition: explorations in cognitive diversity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L. L. e JUNG, N. M. (Orgs.) **Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

LODER, L. L. e JUNG, N. M. (Orgs.) **Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

LOTT, P. **Gesture and aphasia**. Bern; Berlin; Bruxelles; Frankfurt am Main; New York; Wien: Lang, 1999. 200p.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. São Paulo: Ícone, 1990.

MACEDO, H. O. **O Processo de Refação Textual Escrita de Sujeitos Afásicos**. 2005. 215 f. (Tese de doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Atos de referenciação na interação face a face. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 41. Campinas: IEL, 2001a. p. 37-54.

\_\_\_\_\_. Aspectos da questão metodológica na análise verbal: o *continuum* qualitativo quantitativo. In: **ALED**, 1. 2001b. Disponível em: <<http://www.portaled.com/es/aspectos-da-quest%C3%A3o-metodol%C3%B3gica-na-an%C3%A1lise-verbal-o-continuum-qualitativo-cuantitativo>> Acesso em 30/02/2011.

\_\_\_\_\_. **Análise da conversação**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2005a. 94p.

\_\_\_\_\_. Anáfora direta: o barco textual e suas âncoras. In. KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 53-91

\_\_\_\_\_. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 170p.

MARMORA, C. H. C. **Linguagem, afasia, (a)praxia**: uma perspectiva neurolinguística. 211f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2000.

\_\_\_\_\_. **Uma hipótese funcional para (a)praxia no curso da doença de Alzheimer**. 174f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2005.

McNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? In. **Psychological review**, Vol. 92, n. 3. Washington (DC), 1985. p. 350-371

\_\_\_\_\_. So you do think gestures are nonverbal! A reply to Feyereisen. In. **Psychological review**, Vol. 94, n. 4. Washington (DC), 1987. p. 499-504

\_\_\_\_\_. **Hand and mind**: what gestures reveal about thought. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. 416p.

\_\_\_\_\_. (Ed.) **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: resumo de cursos – Filosofia e Linguagem. Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MONDADA, L. La construction de la référence comme travail interactif: accomplir la visualité du détail anatomique durant une opération chirurgicale. In. MORATO, E. M.; BENTES, A. C.; CUNHA-LIMA, M. L. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 44. Campinas: IEL, 2003. p. 57-70

\_\_\_\_\_. Temporalité, séquentialité et multimodalité au fondement de l'organisation de l'interaction: le pointage comme pratique de prise du tour. In. **Cahiers de Linguistique Française**, 26. Genève, 2004. p. 269-292.

\_\_\_\_\_. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In. KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31

\_\_\_\_\_. **Participant's online analysis and multimodal practices**: projecting the end of the turn and the closing of the sequence. 2006a. Disponível em: <<http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/1/117>> Acesso em 28 de abr. 2009.

\_\_\_\_\_. Video recording as the reflexive preservation and configuration of phenomenal features for analysis. In. KNOUBLAUCH, H.; *et al.* (Eds.) **Video analysis**. Bern: Lang, 2006b. p. 51-67

\_\_\_\_\_. Multimodal resources for turn-taking: pointing and the emergence of possible next speakers. In. **Discourse Studies**, 9. 2007. Disponível em: <<http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/2/194>> Acesso em 28 de abr. 2009.

\_\_\_\_\_. Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição: uma perspectiva praxeológica. In. SIGNORINI, I. (Org.). **Situar a língua(gem)**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 67-90

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M. **Linguagem e cognição**: as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: Plexus, 1996.

\_\_\_\_\_. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**, 41. Campinas: IEL-UNICAMP, 2001a. p. 55-74.

\_\_\_\_\_. Neurolinguística. In. MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001b.

\_\_\_\_\_; *et al.* **Sobre as afasias e os afásicos** - subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. O que ganham heurísticamente com a noção de referenciação os estudos neurolinguísticos?. In: ALBANO, E. *et al.* (Orgs.). **Saudades da língua: a Linguística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 311-352

\_\_\_\_\_. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_; *et al.* Tratamento de dados multimodais em práticas interativas de pessoas afásicas e não-afásicas registradas em áudio e vídeo no Centro de Convivência de Afásicos (Laboratório de Neurolinguística – IEL/UNICAMP)/*AphasiAcervus* – **Relatório de Pesquisa CNPq**. Campinas, 2006. (Proc. 402036/2004 – 2)

\_\_\_\_\_. Aportes da perspectiva sócio-cognitiva às ações terapêuticas: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-Unicamp). In: SANTANA, A. P. B.; GUARINELLO, A. C.; MASSI, G. **Abordagens grupais em Fonoaudiologia**. São Paulo: Plexus, 2007a.

\_\_\_\_\_; *et al.* Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos. **Relatório parcial do Projeto Fapesp**. Campinas, 2007b. (Proc.: 06/52950-9)

\_\_\_\_\_; *et al.* Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos. **Relatório final do Projeto Fapesp**. Campinas, 2008a. (Proc.: 06/52950-9)

\_\_\_\_\_. Da noção de competência no campo da Linguística. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Situar a língua(gem)**. São Paulo: Parábola, 2008b. p. 39-66.

\_\_\_\_\_ ; *et al.* Significação, interação e cognição: a dimensão multimodal de práticas linguístico-interacionais envolvendo afásicos e não afásicos – **Relatório de Pesquisa CNPq/Modalinter**. Campinas, 2009. (Proc. 401567/2007-9)

\_\_\_\_\_. (Org.). *A semiologia das afasias – perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.

MORATO, E. M.; KOCH, I. V. Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a linguística e as ciências cognitivas. In: BENTES, A. C.; LIMA, M. L. C. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas: IEL/Unicamp, v.44, p.85-91, 2003.

MOURA, C. A. R. **Racionalidade e crise**. São Paulo: Discurso Editorial; Editora da UFPR, 2001.

NORRIS, S. **Multiparty interaction**: a multimodal perspective on relevance. *Discourse Studies*, vol. 8, n. 3, p. 401-421. Londres: SAGE, 2006. Disponível em [HYPERLINK "http://dis.sagepub.com/"](http://dis.sagepub.com/), acesso em 27/04/2009.

OLIVEIRA, M. B. **Da ciência cognitiva à dialética**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

RUTHROF, H. **The body in language**. London and New York: Cassell, 2000.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora: UFJF, v.1, n.3, p.61-79, 1999.

\_\_\_\_\_. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-168

SCHEGLOFF, E. A. On some gestures relation to talk. In: ATKINSON, M.; HERITAGE, J. (Orgs) **Structures of social action**: studies in conversation analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p.266-296.

TELLIER, M. The development of gesture. In: BOT, K. De; SCHRAUF, R. W. **Language development over the lifespan**. New York: Routledge, 2009. p. 191-216

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Origins of human communication**. Boston (Mass.): MIT Press, 2008.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente corpórea**: ciência cognitiva e experiência humana. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

VEZALI, P. A. **Linguagem e corpo em Merleau-Ponty**: reflexões sobre os processos de referenciação. 2005. 127f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

\_\_\_\_\_. Linguagem, corpo e afasia. In. MORATO, E.M (Org.). **A semiologia das afasias** – perspectivas linguísticas. São Paulo: Cortez, 2010. p. 243-277

## ANEXOS

### Sistema de notação *AphasiAcervus*: versão 2006

| OCORRÊNCIAS   | SINAIS  | EXEMPLOS  |
|---|---|---|
| Incompreensão de palavras ou segmentos                    | (SI)  | então é... olha deve tá com (SI)...<br>deixa eu ver...  |
| Hipótese do que se ouviu                                  | (hipótese)  | aqui (livro)... ah  |
| Truncamento ou interrupção brusca                         | /   | día pri/trinta e um de julho  |
| Entonação enfática  | MAIÚSCULA   | afaSIAS   |
| Prolongamento de vogal e consoante                        | : (podendo aumentar de acordo com a duração)      | agora... a::: a ida maria que pesquisou   |
| Silabação   | -   | ser-vi-do-res   |
| Interrogação  | ?   | pra quem você mandou isso?  |
| Qualquer pausa  | ...   | ela veio aqui... perguntar... veio se instruir  |
| Pausas prolongadas (medidas em segundos)                  | (4s)  | eu (5s) tirava<br><i>indica 5 segundos de pausa</i>   |
| Comentários do transcritor e designações gestuais         | ((minúscula))                                     | isso não... ((risos))   |
| Comentários que quebram a sequência temática da exposição | — —   | maria ester... — dá pra... tá longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— oliveira da silva... e ela também é coordenadora |
| Superposição  | [apontando o local onde ocorre a superposição     | MG: Nova Iguaçu<br>JM: [ah  |
| Simultaneidade de vozes                                   | [[ apontando o local onde ocorre a simultaneidade | MN: [[ eu falava.. mas<br>NS: [[ quatro ano.. deixa<br><i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>                               |

|  |  |  |
|--|--|--|
| Indicação de que a fala foi retomada   | ... no início  | EM: a gente tá mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde...<br>EM: ...nas bibliotecas... |
| Citações literais ou leituras de textos                                      | “ ”  | aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”                              |
| Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos | * início e fim do gesto*<br>*-----◇*<br>continuidade gestual | NS: i::xi... faz tempo aqui<br>*-----◇* ((aponta com o dedo))  |

## 2 – Sistema de notação *AphasiAcervus*: versão 2007

### Informações gerais

- k. para a transcrição e identificação dos locutores ou participantes utilizamos as iniciais do nome e do sobrenome para a identificação dos participantes;
- l. a transcrição é apresentada em formato lista;
- m. o texto da transcrição é apresentado em ortografia (modificada); em alguns casos fazemos a transcrição fonética;
- n. O segmento sublinhado marca uma ênfase particular dada à palavra ou expressão sublinhada ou parte dela;
- o. letras MAIÚSCULAS marcam um alto volume da voz;
- p. os símbolos ° ° marcam um volume baixo, ou murmúrio de voz.

### Fenômenos sequenciais

[ : início de *overlap* (sobreposição de vozes)

= : *latching* (simultaneidade de vozes)

&: continuação do turno de fala pelo mesmo locutor, para além da interrupção de linha da transcrição provocada pela introdução de *overlap* de outro locutor.

### Pausas

. (micro pausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas)

(x,x s) pausas medidas com ajuda do *Felt Tip Sound Studio 2.1.1*

### Fenômenos segmentais

: alongamento silábico

- palavra truncada, esboçada

.h marca uma aspiração do locutor.

H marca uma expiração do locutor.

### **Prosódia**

/ e \ marcam as entonações crescentes e decrescentes

// e \\ marcam as entonações crescentes e decrescentes fortemente pronunciadas

### **Descrições e comentários**

((risos)), entre parênteses marcam os comentários do transcritor ou os fenômenos não transcritos ((barulho de algum objeto, por exemplo))

< > delimita o segmento ao qual se refere a descrição entre (( ))

### **Incertezas do transcritor**

SI –segmento ininteligível

(hipótese) um segmento ouvido pelo transcritor, mas incerto

(hipótese 1 e 2) marcam duas possíveis variáveis (multi-transcrição)

### **Descrição de ações (gestos, movimentos, olhares, posturas)**

\* \* delimitam as ações descritas (na linha que se segue) e a relação à temporalidade da fala (outros símbolos, como + + , podem ser utilizados quando trata-se de diversos fenômenos ou locutores)

----- indica a sequência da ação

----> indica que a ação descrita continua na linha seguinte ou várias linhas seguintes

--->\* indica o fim da ação descrita que continua em várias linhas

## **Dados neuropsicológicos e neurolinguísticos extraídos do *AphasAcervus***

### **SP**

SP é um senhor de origem italiana, nascido em 10/03/1933 que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Desde os 20 anos, SP vive no Brasil, tendo se casado com uma brasileira; aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou severamente afásico e com uma hemiplegia à direita.

Segundo SP, o terceiro de oito irmãos, todos falavam francês, tanto em casa como fora dela, isto é, na escola ou em outras práticas sociais no país em que passaram a viver. De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora a mãe fosse italiana. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que após o AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês e, ainda que seja o francês a sua “língua do pensamento”, é o português a língua por meio da qual ele mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA).

Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras: hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações e parafasias verbais e fonológicas etc. No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais notória, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas.

Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Quando o turno lhe é dirigido, implícita ou explicitamente, raramente deixa de tomar a palavra, sempre tecendo comentários explicativos sobre conflitos e acontecimentos ocorridos na Europa quando isto se torna tema de debate do grupo.

Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu déficit linguístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem como para contornar as dificuldades de acesso lexical. SP é um assíduo frequentador do CCA, participa das atividades desde 1995, demonstrando ter uma grande integração com o grupo.

## SI

SI tem é brasileira, nissei, natural da cidade de Presidente Venceslau (SP), casada e mãe de quatro filhos, nascida em 09/11/1940. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é básico, tendo concluído até a quarta série do Primeiro Grau. Trabalhou e viveu grande parte de sua vida na zona rural. Por alguns anos, após o AVC, ajudou os filhos a cuidar de uma relojoaria, numa cidade próxima a Campinas.

Segundo SI, sua língua materna foi o japonês, mas, a partir dos seis anos, quando passou a frequentar a escola no sítio em que vivia com a família, o português passou a ser a língua do seu cotidiano. SI relata que os pais falavam japonês, mas os irmãos (numerosos) falavam português. Com o marido, japonês, sempre falou português.

Em 1988, SI sofreu um AVC hemorrágico. Na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paralisia à direita, afasia de Wernicke e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de paragrafias, apraxia buco-facial e construcional, discalculias abundantes e paralexias (leitura asemântica).

Antes do AVC, segundo SI, entendia o japonês oral e compreendia alguma coisa da escrita, mas, após o AVC, perdeu esta capacidade. SI frequenta o CCA desde 1990. O exame neurológico inicial, realizado no Hospital de Clínicas da Unicamp, revelou um discreto déficit à direita, da motricidade voluntária de predomínio braquial, além de discreta identificação na motricidade fina à direita.

Em relação ao tônus muscular, nenhuma alteração foi identificada. Apresentava alteração de marcha com discreta paresia à direita. Os exames de sensibilidade (superficial-táctil, dolorosa, térmica) e profunda (postural, vibratória, à pressão, dolorosa à compreensão profunda), estereognosia e discriminação táctil não revelaram alterações significativas naquela ocasião. SI teve o diagnóstico de síndrome piramidal à direita, além

de uma afasia secundária ao AVC. A tomografia computadorizada de crânio, realizada em 20/08/1992, mostrou hipodensidade comprometendo o lobo frontal, insula esquerda e tálamo esquerdo.

Dentre os participantes afásicos do CCA, SI é a integrante que menos realiza sobreposições de turnos. Ela raramente assalta o turno de seus interlocutores ao participar das discussões, para introduzir tópicos ou se posicionar nos debates. Sua participação nas atividades de linguagem ocorre na maioria das vezes quando é interpelada diretamente pelos pesquisadores. Preferencialmente, toma a iniciativa de introduzir tópicos conversacionais, compartilhar informações e expor pontos de vista durante o momento do café, contexto interacional não dirigido a práticas e ações mais definidos.

SI, ao tomar a palavra, realiza construções lexicais curtas ou monossilábicas em um baixo volume de voz. Frequentemente, tem dificuldade de acesso lexical e seu turno é completado, por outros afásicos, principalmente por NS, com quem mantém uma relação de amizade muito próxima.

## **MG**

MG é uma senhora brasileira, nascida em 04/04/1948, destra, solteira. Antes de ser acometida pelo AVC, MG tinha uma agência de turismo e uma rotina típica de microempresária. Em 31/12/1999, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando sequelas de Acidentes Vasculares Cerebrais isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita e apraxia oro-facial.

Em sua linguagem observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas em especial). Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é, inicialmente, laboriosa, com perseveração, produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). MG comumente chama a atenção, de maneira humorada, para suas dificuldades de produção, em especial às fonético-fonológicas. Embora proceda a operações epilinguísticas, por vezes MG demonstrou dificuldades de proceder a processos inferenciais.

Durante as atividades do CCA, não são raras as ocasiões em que MG introduz o tópico da discussão. Ela sempre opina sobre temas polêmicos que integram a pauta das reuniões, como também são frequentes seus relatos sobre viagens realizadas ao litoral com a família. Para conseguir completar o turno conversacional, MG produz alongamentos vocálicos que muitas vezes servem para contornar sua dificuldade de acesso lexical. Também observamos diversas vezes, atividades de "escrita no ar" como estratégia conversacional e evocação lexical.

Como mantém um imóvel de veraneio em Bertiooga, MG viaja com frequência para o litoral durante os feriados prolongados. MG demonstra ter uma boa relação com os familiares, especialmente os sobrinhos. De uma forma geral, MG é uma senhora atuante,

tanto fora quanto dentro do CCA; há pouco tempo atrás conseguiu tirar habilitação para dirigir e adquiriu um automóvel adaptado às suas necessidades. MG integra o CCA desde 2001.

## **JM**

JM é um senhor brasileiro, destro, casado, nascido em 04/ 03/1933 na cidade de São Paulo (SP). JM tem o segundo grau completo e fez vários cursos de reciclagem na área de vendas e administração (era vendedor, negociava produtos de papel, jornal, fazia encomendas e negócios por telefone). Atualmente, JM faz curso de marcenaria, especializando-se em marchetaria, o que o tem deixado bastante satisfeito. Em 17/11/2000, JM teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldade na fala e alteração do movimento do lado esquerdo do rosto. De acordo com o exame neurológico realizado no Hospital das Clínicas da Unicamp em 23/09/ 2002, JM apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica, cujas dificuldades maiores são de acesso e processamento lexical, bem como a produção de parafasias morfo-fonológicas.

JM gostava de ler revistas, além de jornais (os quais hoje ainda assina e lê) e livros policiais. Escrevia bastante “Telex” e cartas para clientes, mas não outros tipos de textos. Hoje, após o AVC, diz não mais conseguir ler e apreciar a leitura. JM apresenta a escrita relativamente preservada, com algumas omissões de letras, de palavras funcionais e/ ou parafasias e contaminações. JM apresenta dificuldades fono-articulatórias, embora consiga comunicar-se de forma razoavelmente satisfatória.

JM demonstra estar integrado aos acontecimentos e fatos noticiados pela imprensa. Ele sempre participa das discussões agregando novas informações sobre os tópicos debatidos nas atividades de linguagem. Sua presença no CCA não é muito frequente, talvez devido ao fato de residir em São Paulo. JM frequentou o CCA de 2001 a 2006.

## **NS**

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, prendas domésticas, nascida em 28/12/1959, na cidade de José Bonifácio, em São Paulo. Cursou os primeiros anos do ensino fundamental, e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital das Clínicas da Unicamp. De acordo com o exame neurológico realizado neste hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. NS, além disso, apresenta um déficit motor à direita.

No exame de EEG, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural na região. Em termos neurolinguísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e

predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

A principal “marca” de NS no CCA é a sua espontaneidade. Ela sempre participa das atividades demonstrando de forma clara sua percepção a respeito de fatos, acontecimentos que se tornam tópicos das discussões. NS têm fortes vínculos com a família, especialmente com uma das filhas e neto que moram em sua casa, e, frequentemente, produz narrativas sobre o cotidiano de sua família.

Em função do seu quadro afásico, ela suprime palavras funcionais, principalmente flexões verbais, pronomes e conjunções, e realiza repetições para garantir a coesão em suas narrativas.

NS participa do desenvolvimento do tópico e realiza sobreposições ao turno de outros participantes, especialmente nas ocasiões em que tem alguma dúvida sobre o tema discutido. NS mantém uma relação estreita de amizade com SI, e bom entrosamento com os demais integrantes do CCA. Participa do CCA desde 2001.

## MS

MS é um senhor brasileiro, destro, nascido em 17/01/1946, divorciado, professor de curso pré-vestibular, nível superior completo (Letras). Atuou como jornalista e ator de teatro. Antes do AVC, MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais. Depois do episódio neurológico, MS não deixou de frequentar cinemas, teatros e apresentações musicais e costuma viajar com frequência, inclusive para o exterior.

Após o AVC, MS apresenta, como sequela, déficit motor em domínio direito e afasia motora. Em exame clínico, foi diagnosticado: afasia e marcha parética, mantendo hemiparesia direita com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). Atualmente, continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além de hemiparesia à direita – o que dificulta sua escrita, por ser destro.

MS é bastante engajado nas atividades do grupo e sempre brinca, faz piadas com os outros integrantes. Suas intervenções durante o desenvolvimento do tópico são, na maioria das vezes, revestidas de ironia e humor, o que às vezes provoca risos durante os encontros. MS é autor de alguns “bordões” já reconhecidos pelos integrantes do grupo, a exemplo da produção “ma-ra-vilha” para expressar ênfase em determinadas situações, e a produção “puta que-”, sempre interrompida e seguida da correção “pu:xa”, usadas para manifestar ênfase depreciativa em tom humorado. MS integra o CCA desde 2004.

## MN

MN é uma senhora portuguesa, destra, dona de casa, nascida em 24/09/1927, na cidade Riveira do Espanha, Portugal. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo em seguida encaminhada para o Hospital de Clínicas

da Unicamp. De acordo com o exame neurológico apresentado nesse hospital, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias.

MN reside junto com o seu único filho. Ela demonstra ter um grande descontentamento em relação a sua condição de afásica, sendo frequentes seus lamentos e reclamações frente às limitações diárias impostas pela afasia. No entanto, apesar de demonstrar este descontentamento, MN participa das atividades de forma engajada realizando sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Frequenta o CCA desde 2002.

## **Dados de não afásicos**

### **Pesquisadora EM**

Edwiges Maria Morato é professora do Departamento de Linguística do IEL – Unicamp, coordena as atividades do Programa de Linguagem e se responsabiliza de maneira institucional pelo CCA. Geralmente, é ela quem “oficialmente” dá início às atividades no momento em que todos estão sentados à mesa introduzindo ou motivando os tópicos, e procurando distribuir os turnos ao requerer dos afásicos a participação nas discussões do tópico e na gestão das atividades desenvolvidas pelo grupo (como o jornal, o cine-club, as discussões, *etc.*). A professora foi um dos membros fundadores do CCA em 1989, e coordena o grupo aqui analisado desde 2001.

### **Pesquisadora HM**

Heloísa Macedo é fonoaudióloga, mestre em distúrbios da comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutora pela Unicamp na área de Neurolinguística. Durante o seu doutorado, Heloísa passou a acompanhar as atividades do CCA. Entre 2001 e 2003, a pesquisadora observou as interações do grupo através de um espelho espião em uma sala anexa à sala de convívio (equipada com cozinha e banheiro) onde ocorrem os encontros semanais do CCA. Posteriormente, em 2004, Heloísa participou dos encontros como observadora responsável pelo registro das atividades do grupo. A partir de 2005, passou a integrar o grupo, participando das atividades do Programa de Linguagem. A pesquisadora também auxilia na organização dos encontros, na preparação da pauta e dos tópicos e na distribuição dos turnos para garantir a participação dos afásicos nas atividades do Programa de Linguagem. Na ausência da professora Edwiges, Heloísa assume o papel de coordenadora das atividades.

## **Pesquisadora JC**

Juliana Calligaris é atriz, com formação em Artes Cênicas pela Unicamp, e integrou a equipe do CCA durante o ano de 2005, sendo responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral. A pesquisadora, nas atividades do Programa de Expressão Teatral, procurava integrar os sujeitos afásicos em situações lúdicas e dramáticas que exijam a comunicação, interlocução e o uso das expressões gestuais, vocais e corporais. Além de ser responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral, Juliana também participava das atividades do Programa de Linguagem. A sua participação nestas atividades é caracterizada pela descontração pela qual ela indaga os afásicos nas discussões dos tópicos, o que acaba sendo uma forma de distribuição dos turnos.

## **ET**

Eliana Tavares é professora do Departamento de Letras e Artes da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) desde novembro de 1998, onde atua como professora de Linguística. Sua formação concentra-se na área de estudos da linguagem, com graduação em Letras (FURG), em 1995 e mestrado em Linguística (UFSC), em 1998. Desenvolveu sua pesquisa de doutoramento relativa à competência argumentativa de pessoas afásicas, junto ao Instituto de Estudos da Linguagem, sob orientação da Profa. Dra. Edwiges Morato. Suas áreas de interesse científico concentram-se no estudo da significação, bem como nas relações entre linguagem, cognição e sociedade.